

An illustration of a large owl with dark feathers and striking red eyes. A white crescent moon is positioned on its forehead. The owl's wings are spread wide, showing intricate patterns of brown, black, and red. Its talons are visible at the bottom. The background is a deep red with vertical stripes.

M. P. NEVES

Contos de Noltora
RELATOS DA RUÍNA



The book cover features a large, dark owl with striking red eyes. A white crescent moon is positioned on the owl's forehead. The owl's wings are spread wide, revealing a pattern of red and black feathers. The background is a deep red with a subtle texture. The author's name, 'M. P. NEVES', is printed in a white, serif font at the top. The title, 'Contos de Noltora' and 'RELATOS DA RUÍNA', is written in a stylized, gothic font at the bottom, with a decorative flourish underneath.

M. P. NEVES

Contos de Noltora
RELATOS DA RUÍNA

RELATOS DA RUÍNA

Contos de Noltora

M. P. NEVES

VIRAFOLHA



Direitos autorais © 2022 Editora Virafolha

AUTOR: M. P. Neves;
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Rafael Andrade;
REVISÃO: Vinicius Campos;
CARTÓGRAFO: Rafael Souza (Mapas Fantásticos);
CAPA E ILUSTRAÇÕES: Leona Volpe;
DIAGRAMAÇÃO E-BOOK: Gabriel Aguiar;
EDIÇÃO: Vinicius Lombardi;
PRODUÇÃO: Editora Virafolha.

1º Edição

2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia

autorização do editor ou do autor, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

www.editoravirafolha.com.br

ÍNDICE

[Página do título](#)

[Direitos autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Laços de Sangue](#)

[Farsa Revelada](#)

[O Preço dos Anos](#)

[A Fera de Lazagorov](#)

[Respeito Pelos Mortos](#)

[Laços Reatados](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota Sobre a Edição](#)

[Livros deste autor](#)

Moltora



*Aos meus pais, que não gostam de horrores ou tragédias.
Alimentaram minha fome por livros e criaram um filho que escreve ambos.*

*“A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!”
(Augusto dos Anjos, “Monólogo de uma Sombra”)*

*So we bravely gather, though we moan with dread
Do you see before you, the kingdom of the dead? (Motörhead, “Kingdom of
the Worm”)*



LAÇOS DE SANGUE

I

Os olhos da estrige eram dois globos dourados. A criatura fitava o ar, incerta, na direção de Valken. Espreitava os telhados da mansão em busca do Sangue Ancião em suas veias. Enquanto não o farejasse ou ouvisse sua pulsação, os olhos cor de ouro seriam inúteis.

Valken cuidara para suprimir os traços do Sangue Ancião dentro de si. Jejuou por dias, em preparação para aquela tarefa. Resistiu aos instintos primais que ameaçavam suplantar sua mente humana. Nenhum sangue tocou-lhe os lábios desde que recebera a ordem.

O Conde Ostergald faria uma reunião secreta naquela noite, em sua mansão, entre as escarpas mais íngremes da Vagócia. Valken precisava descobrir do que se tratava e, mais importante, quem conspirava em segredo com o Conde. Sua Senhora ordenara, e ele cumpriria sem hesitar. Mas, antes, havia a estrige.

Os Condes vascoces chamavam de “estriges” os seus pássaros de estimação. Qualquer ave de rapina, nutrida desde o nascimento com Sangue Ancião, adquiria as características da espécie. Cresciam desordenadamente, até o tamanho de um homem adulto, e ostentavam uma penugem negra, com a mais leve sugestão de vermelho. Os olhos, assim como o bico e as garras, tornavam-se dourados, com toda a beleza — e nada da maleabilidade — do metal.

A estrige de Ostergald era uma coruja, e seus enormes olhos dourados brilhavam enquanto a criatura virava a cabeça em ângulos desconcertantes. O Sangue Ancião em Valken estava dormente, mas a estrige percebia a presença incômoda de um intruso em seus telhados mesmo que ele estivesse imóvel, que fosse tão frio quanto o vento das montanhas ou tão morto quanto as paredes de pedra da mansão.

Valken estudava suas opções. Infiltrar-se através dos níveis superiores lhe pareceu a melhor forma de driblar a segurança de Ostergald, mas, agora, frente a frente com aquele demônio alado, a ideia perdia o apelo. Parado, podia esperar que a estrige se cansasse de procurá-lo, mas se o ar montanhês soprasse mais forte, ele

seria forçado a se mover para manter o equilíbrio. Os telhados da mansão eram íngremes, repletos de pontas afiadas em cada beiral e cumeeira.

Valken precisava se afastar com um único movimento, desviar das pontas traiçoeiras que ornavam os telhados e evitar uma queda. Mesmo para ele, o impacto seria fatal, pois a mansão Ostergald equilibrava-se precariamente sobre um despenhadeiro, cortejando a própria ruína ao projetar-se sobre a beira do abismo. Era uma metáfora apta para descrever os Condes vasgoces com seus esquemas, segredos e sangue maligno.

O vento mudou e a estrige se moveu. Abriu as asas que, de uma ponta a outra, envergavam seis metros de comprimento. Com as penas esticadas, o matiz avermelhado da criatura se revelava. As asas enfunaram-se com o sopro de ar noturno. Nenhuma disciplina, treinamento ou arte mística manteriam alguém parado ao vê-la de asas abertas. A coruja planou e aterrissou a três metros de Valken, mas ele já se movera em resposta. Saltou como um acrobata, dobrando-se para impulsionar o corpo com as pernas e a coluna. Alcançou uma balaustrada da ala leste da mansão, justamente a que se erguia sobre o despenhadeiro. Escorregou.

A estrige percebeu o movimento súbito e guinchou. O som vinha acompanhado de uma distorção aguda, e os tímpanos de Valken ameaçaram se romper. Sequer podia tampar os ouvidos. Na queda, estendeu o braço para agarrar a balaustrada. A mão livre lançou-se na direção oposta para apanhar seu machado de cabo longo, preso às costas por tiras de couro. Uma das fivelas estava frouxa, e a arma ameaçou perder-se para sempre no abismo. Valken apanhou-a no último instante. Escalou os telhados com nada além do machado nas costas e vestes justas. Se usasse armadura, o peso o teria derrubado.

Evitar a queda exigira certo esforço de sua parte, mas escapar da estrige, no estado em que se encontrava, exigiria ainda mais. Em seu desespero, acabou com o pulso trespassado por uma das pontas de lança ornamentais da balaustrada. O ferimento não machucou sua carne mortificada, porém rompeu vasos o suficiente para alertar o Sangue Ancião no interior de Valken, que fluíu como lodo viscoso, projetando-se a partir de seu coração atrofiado até a ferida. O Sangue Ancião curaria o hospedeiro mesmo contra sua vontade. Seria sua condenação. A estrige percebeu imediatamente o tipo de poder que fora treinada para caçar. Emitiu outro guincho hediondo e lançou-se sobre a balaustrada. Valken deixou-se cair.

Despencou por alguns metros, com a fera alada em seu encalço, até que as paredes de pedra lavrada da mansão dessem lugar à rocha bruta do despenhadeiro e às vigas que sustentavam a ala leste, projetando-se a partir do paredão rochoso.

Não havia mais razão para suprimir o Sangue Ancião dentro de si, então Valken empregou-o o melhor que podia.

Com um movimento ágil, arremeteu seu machado contra uma das vigas de sustentação. A lâmina em forma de meia lua terminava em uma ponta recurva, como um gancho, e essa parte da arma penetrou a rocha. Com força e destreza amplificadas pelo sangue tétrico que pulsava dentro de si, Valken emendou o golpe num giro do próprio corpo, impulsionado pelo impacto súbito do machado. Usou o longo cabo como um trapézio e içou-se sobre a viga exposta. Era um apoio precário, porém melhor que o fundo insondável do despenhadeiro.

A estrige continuou a descer como se sequer estivesse perseguindo-o. No entanto, Valken conhecia bem as criaturas. Nunca atacavam sem a percepção clara de suas vítimas. Preferiam matar vindas do alto. Quando ele se lançou contra as vigas, erguendo-se graças à potência do Sangue Ancião, frustrou as expectativas da criatura. A coruja ajustou seu curso e voou contra o paredão rochoso, fincando garras douradas na pedra nua. Mantinha as asas semiabertas para equilibrar-se, e os olhos fixos em Valken. Guinchou outra vez, e ele quase desejou cair para se ver livre do som horrendo.

O alarme não era tão preocupante. Uma reunião clandestina entre Condes vascoces certamente atrairia uma dúzia de espiões, servindo aos interesses dos que não foram convidados. Cedo ou tarde, os guinchos da estrige eram esperados, e as criaturas nunca precisavam de reforço. Valken, porém, não planejava lutar contra a coisa. Não havia sangue o suficiente dentro dele para enfrentar algo daquele tipo.

Acima deles, a ala leste da mansão Ostergald projetava-se como um suicida contemplando o fim. Apenas as vigas maciças onde Valken e a estrige se apoiavam separavam a construção do destino final de todas as coisas. Diretamente acima deles, havia uma série de estreitas aberturas quadradas na parte inferior da mansão. Ele precisava alcançar uma delas.

A estrige abriu as asas novamente. Tomou impulso e voou na diagonal para apanhar Valken com suas garras metálicas. Ele esperava por isso. O Sangue Ancião em suas veias passara tempo demais sem se alimentar, tempo demais sem sugar vida nova para dentro de suas entranhas mortas. No entanto, mesmo à míngua, aquele sangue era capaz de feitos aterrorizantes. A criatura era só uma fera, um animal alimentado com o Sangue Ancião até que seu poder infundisse seu corpo e sua malícia suplantasse seu instinto. Valken fora um homem, um dia, e só recebera a maldição do sangue quando sua mente estava pronta. Sua força de vontade

exercia influência sobre o Sangue Ancião. Com disciplina o suficiente, meros resquícios daquele poder vil podiam alcançar grandes distâncias.

Contou os segundos que a estrige precisaria para apanhá-lo. Esperou até que a ave atroz voasse um pouco mais baixo, então pulou, com o machado em punho. Sufocou um grito nos lábios. Não podia desperdiçar energia. Concentrou-se somente no sangue em suas veias. O sangue que não era dele, mas que lhe emprestava o poder. Movido pelo sangue, o salto o fez voar. Valken ergueu-se acima da estrige, preparando o machado.

Não golpeou a fera. Em vez disso, desferiu um pesado chute com ambos os pés contra a criatura, ganhando novo impulso para o salto derradeiro. O Sangue Ancião emprestou-lhe a potência.

A estrige guinchou. Abriu um talho na panturrilha de sua presa, mas Valken não deu atenção. Tinha tão pouco sangue no corpo que a carne exposta pelo rasgo era esbranquiçada. Uma última investida do bico reluzente da ave roubou-lhe a bota esquerda, porém aquele era um preço pequeno a se pagar.

Graças ao poder pulsante do Sangue Ancião e à ajuda inadvertida da estrige, Valken alcançou uma das aberturas quadradas na parte inferior da mansão. Era um túnel estreito que subia na vertical. Com um golpe enviesado do machado, prendeu a arma na parede da passagem e usou-a mais uma vez como apoio. Começou uma escalada desconfortável, apoiando-se com os pés, os cotovelos e as costas nas paredes estreitas do túnel.

Um homem comum não conseguiria espremer-se daquela forma, mas Valken já não era um homem comum há anos. Era um vaso, um receptáculo vivo do Sangue Ancião, a fração de poder antigo que habitava sua carne mortificada. Valken, a casca, se sujeitaria a inconveniências ainda maiores em nome de sua Senhora, fonte do sangue que o impelia.

Alcançou o fim do túnel vertical em pouco tempo, ouvindo os guinchos da estrige esmorecerem. O Sangue Ancião em Valken fora quase todo consumido na fuga, e logo a ave sanguinária de Ostergald não seria capaz de senti-lo. Retornaria a voejar cegamente entre os telhados, até que uma nova presa lhe chamasse a atenção.

Com os últimos traços de sua energia gastos, Valken teve que empregar um esforço enorme para mover a tampa de madeira sobre o túnel. Havia uma abertura circular na madeira, forrada com palha. Era uma tampa de latrina. Valken empurrou-a com os ombros e jogou-a em um canto do cubículo malcheiroso onde emergira.

O odor não o incomodava. Não agora, no limite de suas forças. Sem mais uma gota que o alimentasse, o Sangue Ancião tomaria o controle. Valken apenas teve tempo de escorar-se em uma parede e abraçar os próprios joelhos, como uma criança chorosa. Ele odiava perder o controle, mas também amava. Porque ouvia a voz dela.

Sua Senhora. A razão de sua existência. Seu grande amor.

Um amor falso, fruto da maldição do Sangue que pertencia a ela e rastejava dentro dele como um parasita imortal. O Sangue Ancião não estava pronto para descartar seu hospedeiro, então o obrigaria a se alimentar. Nessas horas, a consciência de Valken se apagava, afundando em escuridão gelada. E Ela lhe falava.

Ah, meu doce Valken. Por que maltrata tanto seu próprio corpo? Você é meu bispo, meu caçador na escuridão. Precisa manter-se forte e alerta.

II

Na prisão gélida da inconsciência, a voz dela era luz, clara e ofuscante. Uma luz que nunca aquecia. Quando deu por si, Valken estava encharcado de sangue. Cobria-lhe o queixo, o peito, as coxas. Estava de joelhos sobre um cadáver.

Tinha uma vaga ideia do que acontecera após sua consciência se apagar. Sua casca, o corpo mortificado que sua consciência dividia com o Sangue Ancião, rastejara pelos corredores da mansão como um predador, tal qual a estrige dos telhados. O cadáver era do primeiro ser vivo a cruzar seu caminho. A jugular fora destroçada por dentes serrilhados, incisivos como pequenas facas. O Sangue Ancião drenou aquele servo corpulento e preencheu Valken com sua potência vil.

Novamente de posse do próprio corpo, inspecionou os arredores. Estava nos corredores de serviço, passagens estreitas que entrecruzavam a mansão Ostergald como veias cavas. Mesmo em frenesi predatório, fora capaz de evitar locais amplos e iluminados.

O criado barrigudo de quem roubara a força vital jazia estatelado no chão, uma expressão de horror abjeto estampada no rosto. Vestia a libré de Ostergald e tinha uma lamparina nas mãos. As calças estavam meio arriadas. O bastardo correu para as latrinas e encontrou a morte.

Valken não lamentaria; morrer era um privilégio que invejava. Empurrou o cadáver para a latrina de onde rastejara e lá o sentou. Roubou-lhe o tabardo azul-

escuro com o brasão de Ostergald. Não lhe caiu bem sobre as vestes de couro justas, mas enganaria um observador apressado.

Antes de prosseguir, alcançou um par de correias de couro que enlaçavam seu braço e perna feridos, puxou-as com força e prendeu-as com fivelas. Tinha correias como aquelas por toda a roupa. Funcionavam como torniquetes, impedindo o sangue de escapar por seus ferimentos. Valken ocultou o machado sob o tabardo azul-escuro e partiu pelos corredores.

O salão de banquetes ficava no nível superior da mansão. Dos telhados, seria fácil espionar Ostergald e seus convidados. Forçado a infiltrar-se pelo andar de baixo, Valken precisava encontrar um jeito de subir sem ser notado.

Pelos corredores de serviço, talvez pudesse alcançar as cozinhas ou espremer-se através de uma lareira para alcançar o andar de cima, mas teria de evitar os servos e os cavaleiros juramentados de Ostergald. Os primeiros podiam ser enganados pela libré em seu tabardo roubado, mas veriam a verdade em seu rosto. Valken não parecia humano há anos. A pele era acinzentada; as orelhas, pontudas; o nariz, repuxado para cima como o de um morcego. Já os cavaleiros, esses poderiam percebê-lo ainda mais facilmente, agora que havia uma abundância de sangue em suas veias.

O som de grevas de aço contra o piso de mármore ecoou pelos corredores. Valken já havia percorrido uma boa distância, seguindo o cheiro de carne fresca que o levaria às cozinhas. Pensou que tivesse sido encontrado, mas quando o brado de alerta soou, um grito desafiador veio logo em seguida. Outro agente, servindo a outro mestre, havia sido descoberto.

Valken girou nos calcanhares e buscou outra rota, para longe dos sons exasperados de luta. Alguém brandiu um martelo de guerra e acertou uma parede. O impacto reverberou por toda a estrutura da mansão. Logo, os servos de Ostergald se puseram a correr e seus passos apressados se juntaram à cacofonia. Valken podia se aproveitar da confusão, mas não naquelas passagens apertadas.

Decidiu correr o risco e seguiu em direção à luz que emanava de uma porta oculta por cortinas pesadas. Entrou num salão amplo, iluminado por um gigantesco lustre de aparência delicada. Havia um grandioso lance de escadas no outro extremo do aposento, porém subir por elas seria suicídio. Assim que adentrou o salão, viu um corpo voar escada abaixo, arremessado pelo martelo de guerra de um cavaleiro Ostergald.

Valken não se demorou para apreciar o combate. Correu, sorrateiro, até uma outra passagem oculta por cortinas. Se tivesse sorte, o cavaleiro estaria tomado

pelo frenesi da batalha e o outro invasor ainda teria alguma luta dentro de si. Assim, passaria despercebido.

Percorreu mais alguns metros em um corredor de serviço diferente e enfiou-se no primeiro aposento que encontrou. Era uma saleta compacta, abandonada. Além de algumas estantes e baús, havia uma pequena mesa e duas poltronas ao lado de uma janela ampla. Sobre a mesinha, um tabuleiro de xadrez aguardava o próximo movimento. Pela camada grossa de poeira, a partida fora interrompida há muito tempo.

Os sons de luta ferrenha ainda ecoavam, vindos do salão iluminado. Valken se aproximou do tabuleiro. As peças brancas estavam em maior número, mas um enxadrista experiente veria que as pretas foram dispostas cuidadosamente, prestes a desencadear uma série de movimentos e virar o jogo. Apanhou uma peça: o bispo preto.

Oh, querido Valken, a voz da sua Senhora sussurrou em sua mente, terrivelmente doce. Ele é como você, não é? Meu bispo, apresse-se, ou as torres e os cavalos de Ostergald virão apanhá-lo.

A voz da Senhora estava sempre presente nos ouvidos de Valken, pronta para direcioná-lo, encorajá-lo ou castigá-lo. Ele tremia de excitação ao ouvi-la, enchia-se de uma ânsia que nunca poderia ser saciada. Ele era apenas uma peça em um tabuleiro, afinal, movido pelas mãos implacáveis da Senhora e pela força tétrica do Sangue Ancião.

Valken obviamente não era um cavalo; faltavam-lhe nobreza e dignidade. Tampouco se movia como torres ou peões, em linha reta contra o inimigo. Só lhe restava ser um bispo, deslizando na diagonal por telhados frios e corredores escuros.

Algo lhe chamou a atenção; uma presença no recinto. A saleta era pequena demais para que alguém entrasse sem alertá-lo. Levou a mão ao cabo longo do machado. Inspecionou novamente o aposento. Nenhum sinal de movimento, nenhuma respiração. Mas havia uma presença, algo pulsante, e um cheiro distinto de sangue Ostergald.

Correu as mãos pelo baú mais próximo: uma caixa-forte de madeira maciça, menos empoeirada que o tabuleiro de xadrez. Arrebentou a tranca com um golpe do punho. A luta entre o cavaleiro Ostergald e o intruso desconhecido mascararia o som. Abriu o baú para encontrar o que buscava.

— Zavik? — perguntou Valken, com um sussurro surpreso. — Pensei que tinha te matado.

Zavik era como Valken, uma casca morta-viva abrigando uma fração de poder antigo. Espionava os rivais do Conde Faarnoth, e Valken havia partido seu crânio ao meio na última vez em que se encontraram. Mas lá estava ele, não exatamente inteiro, mas com certeza não morto.

Zavik não passava de uma múmia ressecada, encolhida para caber naquele baú. Provavelmente havia se acorrentado a algum lugar antes de esvaziar-se de sangue, deixando o frenesi da fome passar sem se alimentar de uma gota sequer. Seu corpo, incapaz de sustentar-se por mais tempo, mergulhara em torpor, assumindo aquele aspecto atrofiado. Alguém o pusera no baú e o contrabandeara para dentro da mansão. Uma tática engenhosa, se não o tivessem largado em uma sala que não recebia visitas há meses.

Valken mordiscou o próprio dedo e abriu um pequeno corte. Tinha sangue de sobra, agora. Para cascas vazias como ele e Zavik, qualquer sangue bastaria. As diferentes linhagens de Sangue Anciã dentro deles eram meras extensões de seus mestres; apenas os Condes precisavam se preocupar com ascendência e estirpe. Deixou que algumas gotas caíssem sobre os lábios repuxados de Zavik. A criatura mumificada abriu os olhos, escuros e úmidos.

— Valken, seu imbecil — sussurrou Zavik, o corpo lentamente se recompondo.

Foi então que algo caiu sobre eles. Veio do teto com um baque pesado. Uma ponta afiada buscou o coração mortificado de Valken, mas um giro do corpo foi o suficiente para escapar da estaca. Zavik apenas praguejou; ainda não podia se mover. Então, veio o impacto de um corpo, movimentos hábeis de um lutador. Valken deixou-se derrubar.

A atacante era uma garota. Não aparentava mais que vinte anos. Ela imobilizou-o com os joelhos em sua barriga. Em suas mãos, uma estaca grossa de madeira e uma adaga de prata pura. Tinha olhos ferozes e estava vestida como uma criada de Ostergald. A libré azul-escura acentuava seus cabelos castanhos. Ela lembrava alguém a Valken. Alguém de seu passado longínquo, antes do Sangue Anciã insinuar-se para dentro de suas veias e extirpar seus últimos vestígios de humanidade.

Não se demore apreciando a vista, doce Valken, disse a Senhora em sua mente. *Você pertence a mim, agora.*

Disso, ele não duvidava, mas ainda queria se lembrar. Que memória ainda se escondia nos recônditos de seu cérebro? Uma irmã? Uma filha? A garota lhe esfaqueou o braço. A lâmina de prata atravessou-o e perfurou o assoalho. Felizmente, era o braço com o torniquete.

Valken ergueu a mão livre. A garota rilhava os dentes. Ele correu um dedo curioso pela face da jovem e tocou-lhe o nariz. Aquilo a surpreendeu.

— Não é maquiagem — constatou Valken. — Pelo casco partido do Diabo, você é só humana.

— Pensou que alguém como eu não poderia derrubar um monstro como você? — retrucou a garota.

— Não é isso. Você cheira a Ostergald. O sangue do Conde.

— Me infiltrei na criadagem há semanas, deve ter grudado em minha roupa. Você está me atrapalhando, criatura.

— Você não entende. — Valken balançou a cabeça. — O cheiro não vem das roupas, vem de dentro de você. Seu sangue é da linhagem de Ostergald. Mas você está viva!

A garota não gostou do comentário. Torceu a faca. Valken não sentiu nada. Não podia.

— A prata é um mito — explicou Valken. — A estaca tem que ser da madeira certa. Depende de que cepa do Sangue Ancião você quer enfrentar.

— Cale a boca, maldito — sussurrou a jovem. — Vão nos achar!

Valken riu. Risos de escárnio eram o único humor que lhe restava.

— Garota, você tem o sangue da linhagem vivente dos Ostergald. O Conde pode te farejar a quilômetros. Você não se infiltrou entre os criados, ele deixou você entrar. Fez um favor a ele.

Os Condes Vagoces vigiavam de perto os descendentes vivos de suas famílias. O Sangue Ancião impedia-os de procriar, de gerar vida. Precisavam manter parentes vivos por perto para assegurar a continuidade de suas dinastias. Os laços de sangue precisavam se perpetuar, ou o Sangue Ancião estagnaria e definharia. Essa era a natureza do pacto que transformara os governantes da Vagócia em criaturas imortais.

— Não! — ela gritou, ignorando o próprio alerta. — Ele levou minha mãe e meu irmão. Eu vim aqui para matá-lo!

— Vai precisar de mais do que uma faca de prata. Essa estaca é de quê? Cerejeira? Fruta errada.

A garota não queria aceitar a verdade. Levou as mãos à cabeça em frustração. Valken podia ter aproveitado para livrar-se dela, mas algo nela o lembrava do passado, e ele queria saber o quê. Infelizmente, não havia tempo. Os sons vindos do salão estavam mudando. Não era mais uma luta, apenas passos metálicos e o arrastar de um corpo. E havia outro som, chegando do lado de fora, reverberando no vidro das janelas.

— Ei, pombinhos — chamou Zavik, a voz roufenha, o corpo parcialmente recomposto. Ele tinha uma garrafa nas mãos. Vinho vasgocês, quase tão bom quanto sangue puro. — Melhor sairmos daqui.

Os passos metálicos se aproximaram e as janelas tremeram como se quisessem escapar das esquadrias. Valken levantou em um salto e puxou a garota pelos braços.

— Qual seu nome? — perguntou, antes que ela compreendesse que estava sendo arrastada.

— Serina — respondeu sem perceber.

— Sinto muito por isso, Serina.

Valken arremessou a garota para fora do aposento e saltou logo em seguida. Zavik não se demorou e cambaleou para trás no último instante. As janelas trincaram quando a estrige colidiu contra a parede externa. Ela recuperara o rastro de Valken após o Sangue Ancião em suas veias consumir sangue novo. Guinchou de frustração por perder sua presa novamente.

Os três fugitivos depararam-se com o cavaleiro de Ostergald erguendo o corpo de seu adversário derrotado e banquetecendo-se com seu sangue derramado. A armadura de placas tinha as cores do Conde, e um par de asas de morcego adornavam o elmo. Somente a boca e o queixo do cavaleiro eram visíveis, presas prognatas banhadas em vermelho. Ele largou o cadáver sangrento e ergueu o martelo de guerra.

Serina usou a faca de prata outra vez. Desferiu um corte baixo contra a perna de Valken e disparou pelos corredores de serviço. A garota era esperta; sabia que o cavaleiro não podia apanhar os três ao mesmo tempo, então só precisava ser mais rápida que Valken e Zavik.

— Ainda estou me recuperando do torpor — disse o idiota mumificado, encolhendo-se atrás de Valken. — Você vai ter que se virar sozinho com o grandão.

Valken já sabia, e saltou para a direita a fim de esquivar-se do primeiro golpe do martelo. O cavaleiro Ostergald era bruto, mas não burro. Quando percebeu que

o martelo não encontraria o alvo, jogou-se contra Valken. Acertou-o em cheio no peito com o ombro revestido de aço.

O golpe lançou Valken contra uma das colunas de mármore que decoravam o salão, mas o Sangue Ancião emprestou-lhe sua fortitude para resistir ao impacto, drenando boa parte de suas reservas de sangue recém-adquiridas. Se continuasse a apanhar daquele jeito, logo Valken estaria seco como Zavik.

O cavaleiro avançou, inexorável, brandindo o martelo de guerra com as duas mãos. Mesmo que o oponente não tivesse escudo, sua armadura de placas metálicas era mais que suficiente para frear a lâmina do machado de Valken. O golpe precisaria ser certeiro. Valken desviou do martelo com uma pirueta, saltando para trás da coluna de mármore. O inimigo era uma torre e ele era um bispo. Se evitasse o confronto direto, não seria apanhado.

O martelo destroçou os relevos delicados do mármore. Aquele cavaleiro não estava acostumado a lutar em espaços fechados. Se Valken continuasse a esquivar, o brutamontes arruinaria toda a decoração do aposento. Sacou o machado das costas e girou-o para afastar o adversário. O movimento súbito fez o cavaleiro hesitar, mas ele se moveu no instante seguinte, golpeando de baixo para cima com o martelo. Valken contornou a coluna de mármore, ágil como um felino, porém ele não era o único com a potência do Sangue Ancião.

Cada linhagem do Sangue tinha aspectos diferentes, capacidades correspondentes às predileções de seus patronos. Faarnoth era fanático pela guerra; Risvelt apreciava a sedução e o engano. Ostergald caprichava no porte aristocrático, e seus dons tornavam os de sua linhagem perfeitos duelistas.

O cavaleiro Ostergald seguiu Valken com velocidade sobrenatural. Trouxe a cabeça do martelo para perto de si e golpeou-o como um aríete. Outro golpe em cheio no peito. Ele sabia o que estava fazendo. Sangue jorrou pela boca de Valken, e o golpe lançou-o para longe novamente. Dessa vez, para junto da enorme escadaria.

O Sangue Ancião em Valken pulsava com ritmo redobrado. Tomou impulso para saltar. Não contra o cavaleiro, mas para longe dele. Algo agarrou seu tornozelo ferido. O maldito Ostergald se movera como um raio e o apanhara no meio do salto. Valken foi jogado como uma boneca de pano contra os degraus. Mais sangue verteu por suas feridas abertas. Os torniquetes improvisados já não podiam conter a circulação.

Por que está se segurando, meu doce Valken? Por que não luta com toda sua habilidade?, a Senhora perguntou em sua mente, a voz doce, mas fria como o beijo

frio de uma lâmina.

O encontro inesperado com a garota chamada Serina despertara memórias ocultas em Valken. Seu passado encontrou uma rachadura por onde escorrer para o âmago de seus pensamentos. Com ele, vinha dor e arrependimento, sentimentos que a Senhora prometera apagar. Valken se segurava porque uma esperança se insinuara em seu coração seco. Talvez, aquele cavaleiro fosse capaz de matá-lo definitivamente.

Você pertence a mim. Não pode mais dispor de sua vida, lembrou-lhe a Senhora, imperiosa, mas ainda horivelmente doce. Eu o tornei meu bispo por sua crueldade, dei-lhe ferramentas para exercê-la melhor. Mostre aos Ostergald do que somos capazes.

O comando era impossível de ignorar. Ainda caído nas escadas, Valken rolou para evitar o golpe derradeiro do martelo de guerra. Sua velocidade venceu a do cavaleiro por uma diferença ínfima, mas suficiente para escapar do ataque. O mármore dos degraus explodiu em uma nuvem esbranquiçada. O Ostergald, então, baixou uma bota recoberta de aço azulado contra o adversário. Valken não se esquivou: ergueu os dois braços e segurou a bota no lugar. O Sangue Anciã deu-lhe forças.

Com uma torção violenta, Valken derrubou o cavaleiro. Ele regeneraria o joelho deslocado em segundos, mas segundos eram tudo o que Valken precisava. Ajoelhou-se sobre o Ostergald caído. Sua mandíbula prognata era visível sob o elmo alado, e ele grunhia de raiva. Valken pôs seu pulso ferido sobre o rosto do inimigo e desfez o torniquete do braço. O Sangue Anciã fluíu como uma serpente deslizante pelas artérias abertas.

A linhagem de cada Conde vasgocês tinha diferentes dons do sangue, todos bem conhecidos na Vascócia, governada pelas mesmas dinastias há séculos. No entanto, a Senhora de Valken era diferente. Uma mutação do Sangue Anciã gerara uma nova cepa, um novo dom. O Sangue em Valken não pertencia a ele; era parte d'Ela. Residia em suas entranhas como um parasita, e movia-se independente das batidas de seu coração murcho.

O Sangue jorrou pela ferida no pulso de Valken. Primeiro como líquido, depois como algo viscoso, e finalmente como uma massa sólida. Um tentáculo carmesim com propósito nefasto. O Sangue Anciã em Valken mergulhou pela boca aberta do cavaleiro Ostergald. Cresceu em suas entranhas, investigando-as. Encontrou o sangue dentro do cavaleiro e dominou-o, incorporou-o à sua massa

hedionda. Floresceu dentro da carne mortificada como uma árvore. Uma centena de estacas perfuraram-no por dentro.

— Foi assim que você abriu meu crânio da última vez? — perguntou Zavik. Ele drenara os restos de sangue do cadáver que o cavaleiro Ostergald arrastava antes de encontrá-los, mas ainda não parecia capaz de lutar. — O Conde Faarnoth precisou me ressuscitar pessoalmente depois daquilo.

— Eu só precisei do machado — respondeu Valken. — Você estava distraído com os cavalos de seu mestre.

O cavaleiro caído não gritou. Seu corpo destroçado enrijeceu em um *rigor mortis* prematuro. O Sangue Ancião que Valken despejara no inimigo tornou-se viscoso novamente, e então líquido. Escorreu inerte pelos degraus de mármore.

— Ainda vou me vingar de você, mas acho que não hoje. — Zavik ainda parecia um cadáver mumificado. A vingança demoraria a chegar. — O Conde vai gostar de saber do seu novo truque.

— Seu Conde pode esperar. Acho melhor você me ajudar a chegar ao salão de banquetes, ou vai acabar como nosso amigo aqui — ameaçou Valken, apontando para o corpo inerte do cavaleiro, que se decompunha em ritmo acelerado.

— Ficou maluco? Ostergald vai sentir a Morte do Sangue. A essa altura, já sabe que o cavaleiro dele falhou. Melhor fugir de uma vez.

— Eu não matei o Sangue dentro dele, eu o absorvi. Vai levar um tempo até que Ostergald perceba o que o Sangue Ancião em seu cavaleiro está fenecendo aos poucos.

— Chifre torto e casco partido, Valken! Que tipo de sádico é você?

— Do tipo que cumpre ordens. Vamos, me ajude a vestir essa armadura.

III

O salão de banquetes de Ostergald era suntuoso até para os padrões daquela mansão. Esculturas em bronze ladeavam a enorme mesa de jantar, com cadeiras que mais se assemelhavam a tronos, enquanto três lustres cristalinos pendiam do teto. Se fossem inteiramente acesos, brilhariam como um raiar de sol.

Valken adentrara o salão como se pertencesse ao lugar. Vestido com as placas de aço do cavaleiro caído, arrastou o cadáver do intruso até a entrada do salão e jogou-o aos pés de dois guardas humanos, que prestaram continência a Valken e chamaram alguns colegas para se livrarem do corpo.

— Esse não é o único da noite. Há um feioso derrubado nas escadas do salão central — grunhiu Valken. Nenhum dos guardas vivos notaria a diferença entre ele e o cavaleiro derrotado, e como Valken absorvera parte da essência de seu Sangue, o Conde e seus convidados também não notariam. — Havia outro espião — prosseguiu Valken —, um servo de Faarnoth. O miserável conseguiu fugir. — Os guardas se entreolharam, confusos. Zavik já estaria longe da mansão àquela altura.

Valken posicionou-se como guarda de honra entre um par de estátuas. Havia outros cavaleiros juramentados ao Conde Ostergald fazendo o mesmo, e nenhum preocupou-se em ver seu companheiro de armas caminhar pelo salão com a armadura manchada de sangue. O máximo de atenção que Valken despertou foram alguns olhares de inveja por ter se divertido trucidando intrusos. Todos eram cascas mortas para o Sangue de Ostergald, assim como Valken era para o de sua Senhora. Monstros até a alma.

Na cabeceira da mesa do banquete, sobre um estrado elevado, havia um trono opulento, negro como a noite e engastado com safiras reluzentes. O Conde Ostergald sentava-se de modo displicente, com confiança e elegância felinas. Atrás dele, um vitral em variados tons de azul desenhava padrões que evocavam múltiplas asas angelicais. Quem encarasse o Conde em seu trono o veria como um deus noturno, protegido por um manto de estrelas.

Ao contrário de seus cavaleiros, Ostergald não tinha nada de monstruoso. Aparentava ser um rapaz esbelto no auge da virilidade, vestido em sedas e veludos. Seu casaco tinha um corte militar e um sabre prateado descansava numa bainha negra em seu cinturão. No entanto, Valken sabia que aquele homem, aquela coisa à guisa de um homem, era mais velha que as montanhas frias das Vasmécias, e mais mortal que uma queda de suas esarpas.

A hora de Ostergald vai chegar, meu bispo, sussurrou a senhora, compartilhando o desprezo de Valken pelo Conde. Sua linhagem minguará quando a minha ascender. Porém, primeiro, concentre-se em aprender o que esse velho abutre está tramando, e com quem.

Com um aceno curto, Ostergald saudou seus cavaleiros. O salão de banquetes estava impregnado com o cheiro do sangue de sua linhagem. Valken precisou se esforçar para não tremer quando os olhos do Conde pousaram em sua armadura roubada. Durou meio instante, mas foi o suficiente para que ele acreditasse que havia sido descoberto. Ostergald falou.

— Hora de recebermos nossos convidados de honra. — O Conde estalou os dedos. — Que comece o banquete!

As portas do salão se abriram com um estrondo, e um punhado de soldados marchou para dentro. Traziam um casal de prisioneiros. Jovens amedrontados, vestidos com roupas de gala e acorrentados a pesadas bolas de ferro. Foram sentados em lados opostos da mesa. Havia sido selecionados dentre os mais belos camponeses das terras de Ostergald, que prezava pela apresentação de suas refeições.

Havia comida farta na mesa de banquete. Assados, frutas exóticas, vinhos e até mesmo pescado. Os jovens poderiam fartar-se do que desejassem, e Ostergald seria um anfitrião magnânimo. Entretanto, não havia ilusões para aqueles dois: eles eram o prato principal.

Valken não podia fazer nada pelos jovens. Os vassalos de Ostergald trocavam seus filhos por bolsas de prata com sorrisos nos lábios. Se, porventura, algum deles fugisse, seria recapturado pelos próprios pais para aplacar a ira do Conde. Melhor morrer de uma vez que viver com familiares assim.

Valken estava lá para descobrir quem era o novo parceiro de negócios de Ostergald. Passos pesados ecoando pelo corredor anunciaram sua chegada. Os soldados do Conde alinharam-se para receber com deferência o recém-chegado. Ele caminhava com dificuldade, e cada passo titânico era seguido do baque seco de uma bengala de madeira. Valken conhecia o Conde visitante, mas não compreendeu o que diabos ele fazia ali.

— Faarnoth, velho amigo — saudou Ostergald. — Espero que a viagem até minha humilde morada tenha despertado seu apetite.

— Deixe a fanfarronice de lado — respondeu o Conde Faarnoth, com a voz empostada. Bamboleava ao caminhar, equilibrando o corpo obeso sobre duas pernas tortas e uma bengala. — Não vim beber sangue de adolescentes perfumados. Vim aqui para decidirmos a melhor maneira de dividir as terras de Risvelt depois que tivermos incinerado o desgraçado.

Se Faarnoth era o aliado secreto de Ostergald, o que Zavik fazia infiltrado na mansão? Os Condes vasgoces eram criaturas traiçoeiras, mas Faarnoth não era do tipo que selava um tratado apenas para apunhalar alguém pelas costas. Ele comandava mais tropas que os outros Condes, conseguia o que queria pela força bruta. Zavik se infiltrara na mansão a serviço de Faarnoth, porém não teria coletado qualquer informação útil dentro daquele baú. A não ser que ele não estivesse em busca de conhecimento, e sim de outro tipo de vantagem.

— Sente-se, meu caro — pediu o Conde Ostergald a seu convidado. Faarnoth ignorou.

— Vou ficar onde estou, por enquanto. — Faarnoth não compreendia o conceito de sutileza. — Posso me sentar quando você concordar que um terço do condado de Risvelt é mais do que você merece, e me agradecer pela generosidade.

Ostergald não se abalou.

— Seus cavaleiros são lutadores formidáveis, velho amigo. No entanto, sem o suporte de meus arcos longos, não haverá espólio para dividirmos. Podemos discutir os pormenores das novas fronteiras, mas a divisão deve ser feita em partes iguais.

— Nenhum de seus homens vai regar o solo com o próprio sangue! Pelas leis de nossos pais, nenhuma terra lhe deveria ser concedida, mas eu estou sendo gentil, vindo aqui e garantindo que terá um terço do saque, mesmo sem sujar as mãos.

— Você sabe que precisa de mim, Faarnoth. Sabe que os outros Condes não permitirão que encoste um dedo em Risvelt se eu não os convencer do contrário. Sente-se. Aproveite o banquete e vamos esquecer desse pequeno lapso de decoro.

— Sua linhagem está perecendo — disse Faarnoth.

Valken podia sentir sua Senhora exultando de prazer com a notícia. Ostergald empertigou-se sobre o trono.

— Já tolerei insultos demais esta noite, Faarnoth. Sente-se de uma vez, ou teremos a negociação por encerrada.

— Ela é o quê? Sua tataraneta? Não, nem mesmo isso. Um ramo auxiliar da linhagem, só o que sobrou de sangue vivo para você. Como pôde ser tão descuidado? Pior: como foi covarde a ponto de abrigá-la sob suas asas? Meus parentes correm soltos por Noltora, loucos e devassos, e nossa linhagem só cresce, mesmo em um mundo moribundo.

— Muito bem, Faarnoth. Risvelt ficará com metade de suas terras depois que eu tiver acabado com você.

O Conde Ostergald estalou os dedos, e os cavaleiros dentro do salão pegaram em armas. Valken demorou um instante a mais para compreender o comando. A situação estava saindo do controle.

— Não tão rápido, desgraçado. — Faarnoth bateu com a bengala no chão. — Traga a garota, Zavik!

O maldito não havia se infiltrado na mansão para espionar. Faarnoth já sabia da fraqueza de Ostergald, e enviara Zavik para apanhá-la. Quando Valken entrou

na saleta empoeirada, frustrou momentaneamente a missão de Zavik. O agente de Faarnoth já não parecia uma múmia seca, mas sim o assassino de músculos longilíneos que sobrevivera ao machado de Valken.

Serina estava amarrada, amordaçada e debatia-se vigorosamente enquanto era arrastada para dentro do salão. Mesmo com a faca de prata encostada em seu pescoço, a garota ainda queria lutar. Seus gritos de fúria eram abafados pela mordaca.

— Um movimento de seus cãezinhos de armadura e a garota morre, Ostergald — ameaçou Faarnoth. — Seria o fim de sua linhagem vivente, o fim de qualquer chance de renovação para sua dinastia. Só restaria o Sangue Ancião, apodrecendo em suas veias e nos corações de suas crias imundas. Se os outros Condes descobrissem, cairiam sobre você como ratos sobre a carcaça de um gato!

— Eles já caíram, seu imbecil! — Ostergald finalmente perdeu a compostura e, em sua voz e na maneira com que encarava Faarnoth, havia um traço da verdadeira natureza dos Condes. Uma fúria bestial, desumana. — Alguém está caçando nossos parentes, um por um! Sua linhagem não está livre da ameaça! Por que acha que lhe ofereci uma aliança?

Faarnoth riu.

Na mente de Valken, sua Senhora riu junto.

O velho abutre reconheceu seu bom trabalho, doce Valken. Ostergald será o primeiro de muitos; já passou da hora dos Condes vasgoces sumirem na escuridão. A Vasgócia só precisa de uma linhagem nobre, de uma única Rainha.

Valken caçara e matara pessoalmente a linhagem Ostergald. Devagar, ao longo de décadas. Começara quando ainda era vivo, quando tudo o que queria era se vingar do Conde. Sua vingança levou-o a se entregar de corpo e alma a uma criatura ainda pior.

— Você é uma piada, Ostergald! — gargalhou Faarnoth. Sua barriga colossal chacoalhou por baixo do casaco vermelho-escuro. — Fico feliz que não tenha aceitado meus termos, pois me poupou de me aliar a um fraco!

O Conde Ostergald saltou de seu trono. Não mais um homem jovem e belo, mas uma criatura feita de noite e horror. Faarnoth não se acovardou e moveu-se para enfrentar o atacante. Seu corpo obeso escondia uma agilidade animalesca, porém não foi rápido o suficiente. Com um golpe do sabre prateado, Ostergald libertou Serina das garras de Zavik, que foi arremessado para longe, sangrando em profusão.

Os cavaleiros correram para juntar-se a seu mestre. Faarnoth rugiu como um leão, e seu corpo inchado deu lugar ao de uma fera de pelos hirsutos, com garras e presas retorcidas. Valken juntou-se à batalha, mas permaneceu na retaguarda, evitando os golpes devastadores de Faarnoth e o sabre assassino de Ostergald.

Em meio ao caos, os prisioneiros sentados à mesa de banquete tentaram escapar, mas foram trucidados pelos cavaleiros do Conde. Uma refeição de aparência tão apetitosa arruinada por uma discussão imprevista.

Serina, entretanto, foi mais cuidadosa. Valken percebeu a jovem rastejando sob as cadeiras de espaldar alto. Já havia se livrado das amarras e da mordaca. Parecia travar um conflito interno: não sabia se fugia ou ficava para cravar uma estaca no coração de Ostergald.

Agora, meu querido bispo, comandou a Senhora. A doçura em sua voz era intoxicante. Termine o que começou. Dê fim à última descendente viva dos Ostergald. Faça isso por mim, meu amado Valken.

Valken desejava aquilo. Mataria uma centena de inocentes para ver os Condes da Vascócia arruinados. No entanto, aquela jovem era diferente, despertava nele uma memória secreta, indefinível, de um laço forte que o unira a alguém. Antes de o Sangue Ancião o tomar para si. Uma esposa ou filha, talvez? Não, a resposta estava nos olhos ferozes e determinados da garota.

Em algum momento de sua vida, num passado distante, Valken lutara lado a lado com alguém que tinha aquele mesmo olhar. Os olhos de uma lutadora. Valken não podia matá-la. Não até saber mais.

Você pertence a mim. O que você foi está morto e enterrado, para o seu próprio bem, meu querido. Mate-a. AGORA.

Valken correu em direção à garota. Serina assustou-se, mas não entrou em pânico. Tinha uma lâmina em punhos e pretendia usá-la. No entanto, Valken tinha o Sangue Ancião em suas veias, e chamou por ele. Concentrou toda sua potência, toda a energia vil que permeava o fluido maldito.

Faarnoth lutava ferozmente contra Ostergald e seus cavaleiros. Os dois Condes eram mestres no morticínio, com experiência de séculos de caça e guerra. Vê-los lutar era um espetáculo e, por isso, ninguém notara Valken, vestido de cavaleiro, romper a formação e apanhar a garota, que de imediato apunhalou seu peito.

A armadura o protegeu, e Valken correu em direção ao trono negro de Ostergald. Agora que todo o poder do Sangue pulsava em suas veias, era impossível não notá-lo. O Sangue Anciã buscava mais Sangue Anciã, e sua pulsação podia ser sentida por todos no salão de banquetes, e além.

Mate-a, doce Valken. Mate-a, meu amor. Nossa vingança estará completa quando a vida finalmente deixar as veias da garota.

O Conde Ostergald abandonou Faarnoth e lançou-se sobre Valken como um borrão de trevas em movimento. Faarnoth, porém, o perseguiu: uma pata bestial golpeou as sombras e obrigou-as a parar. Valken tinha a garota nas mãos e toda a potência do Sangue Anciã nas veias. Bastava um movimento e tudo estaria acabado. Ela ainda lutava e, dessa vez, mergulhou a faca de prata no pescoço de Valken, na fenda entre elmo e gorjal.

O sangue jorrou como um manancial. Primeiro líquido, então viscoso, e finalmente como algo quase sólido, uma explosão de vinhas escarlate que se expandiu de forma violenta. Não contra a garota, que não conseguia escapar do aperto da Valken, mas contra os cavaleiros que avançavam em sua direção. Os Condes Ostergald e Faarnoth estavam ocupados demais matando-se um ao outro. Então, um som estridente fez o vitral atrás do trono estremecer. Ela o encontrara, enfim.

A estrige de Ostergald esfaçalhou o vitral de seu amo ao atravessá-lo como um meteoro cadente. O guincho horrendo da besta ecoou no salão. Suas garras douradas trespassaram o ombro e o braço de Valken. Cacos de vidro azulados estilhaçaram-se contra as armaduras dos cavaleiros. A coruja atroz levantou voo assim que alcançou sua presa, carregando Valken para longe da mansão. A garota, Serina, ainda estava presa em seus braços.

A Senhora de Valken gritava em sua mente com uma voz infernal. Exigia que matasse a jovem, que obedecesse, que cumprisse seu propósito. Valken ouvia. Ela podia obrigá-lo a agir, mas ele estava vazio de novo, tendo empregado quase todo o Sangue Anciã em suas veias para afastar os cavaleiros e atrair a atenção da estrige. Restava só uma fração, o suficiente para que a fome não o tomasse. Garras metálicas trespassavam-lhe o corpo, impedindo-o de se mover.

Serina agarrava-se a ele, agora, enquanto a estrige os erguia sobre as escarpas vasgocesas. Em algum momento, a estrige pousaria e descobriria uma presa esvaziada de Sangue Anciã e uma jovem que tinha o mesmo cheiro de seu mestre. A criatura perderia o interesse em Valken, e seria incapaz de ferir a garota.

Tudo o que Valken precisava fazer era resistir à ordem incessante em sua mente. Quanto mais longe estivesse de sua Senhora e quanto menos sangue pulsasse dentro de si, mais fácil seria. No entanto, ele era apenas um servo, uma casca vazia para abrigar o Sangue Ancião. Em algum momento, ele cederia ao comando. Antes que isso acontecesse, Serina o ajudaria a relembrar seu passado.



FARSA REVELADA

I

Noltora pertencia aos carnicais. Shakar sentia essa verdade no gosto doce da carne podre em sua boca. Mastigava uma succulenta panturrilha recém-desenterrada e observava os muros altos do forte. Humanos erguiam paredes, cercavam territórios, montavam guarda. Shakar e seus irmãos iam e vinham como desejavam naquela terra maldita. O músculo succulento sussurrava-lhe essa certeza enquanto descia por sua garganta.

No entanto, quando a comida acabava e a fome esmagava seu corpo esquálido, Shakar tinha suas dúvidas. Naquele entreposto comercial no interior de Var Khalad, pouco se morria. O império tinha suas atenções voltadas às fronteiras, onde a guerra garantia corpos frescos todos os dias. Ao longo da estrada imperial, os postos fortificados de comércio apresentavam poucas oportunidades de matança e, por vezes, Shakar passava fome.

O cemitério minúsculo do entreposto, construído como uma reflexão tardia nos limites de um bosque verdejante, pouco produzia de alimento. Até os vermes ali eram magros. Clérigos e soldados imperiais eram cremados, inservíveis ao sustento. Apenas quando um servo fazia o favor de morrer aquela terra seca via o bom trabalho de um coveiro, que Shakar tratava logo de desfazer.

Esgueirou-se por entre as faias, carregando em um saco os restos mortais que desencavara no bosque. Precisava tomar cuidado especial, pois havia visitantes no forte, o que significava guarda redobrada, e novos pares de olhos além dos preguiçosos vigias habituais. Mordiscava a perna pútrida enquanto avançava, pensando na alegria que teria ao alcançar o osso da tíbia, ainda cheio de tutano. Comería até a barriga doer, incerto de quando poderia refestelar-se outra vez, mas não podia provar as delícias que levava na sacola. Aquelas pertenciam às suas queridas mães.

O bosque de faias e amieiros mantinha o ar frio mesmo sob o sol da manhã. No exato centro da mata, as bruxas aguardavam. Mães doces, dedicadas, severas. Shakar lhes levava presentes. Olhos, miolos, pulmões. Um coração ainda sangrento. Era seu dever como filho, e a razão de suas dúvidas.

Se Noltora pertencia aos carniçais, por que ele não podia comer o que desejasse? Por que era obrigado a escamotear a podridão ao redor do entreposto enquanto seu irmão vivia no luxo, às vistas de humanos imbecis, gozando do conforto que lhe proporcionavam?

Shakar tinha um irmão, e essa era a fonte de sua dor. Embrenhava-se no bosque, pés palmados esmagando folhas secas, mas olhava para trás compulsivamente, tentando entrever as muralhas do forte. Imaginava as delícias em seu interior, a vida que lhe era negada, que devia ter sido sua e fora entregue ao seu irmão.

O laço entre Shakar e Jezed era mais forte que o sangue. Uma conexão vinda da troca, do ato profano de roubar uma criança, do ato sagrado de doar um filho a uma nova família. Jezed nascera do ventre de uma bruxa, um carniçal desde o útero. Shakar fora parido por uma humana e, então, raptado de seu berço. Dois bebês, moles e pálidos como larvas de mosca, trocados em segredo. Assim, a espécie se multiplicava.

As mães de Jezed tomaram Shakar como seu. Ensinarão ao pequeno humano os mistérios da sepultura, o êxtase da carne decomposta, o prazer de consumir a humanidade através de seus cadáveres. A metamorfose se deu bem rápido; as lições abriram sua mente jovem para a realidade do mundo: a certeza de que bruxas e carniçais eram os senhores invisíveis de Noltora, com a humanidade lhes servindo de alimento e incubadora.

Alcançou a clareira no centro do bosque e enfiou-se no buraco imundo oculto sob a relva, junto aos besouros e às minhocas. No fim do túnel estreito, uma toca aconchegante, úmida e fria. Um ninho protegido, onde as bruxas e seus filhos teciam suas pragas.

— Por que voltou tão cedo? — perguntou Ariona, uma das mães de Shakar. Tinha os cabelos da cor de terra de cemitério e o olhar inquisitivo dos corvos. — Já falou com seu irmão?

Sempre Jezed. Era dele que elas queriam saber primeiro.

— Trouxe presentes às senhoras! — Shakar sorriu, exibindo a dentição fortalecida por anos de necrofagia. — Carne quase fresca!

— Garoto atencioso — elogiou Verissa, sua outra mãe. Vestia-se com trapos, mas a Shakar, parecia uma rainha. Seu sorriso tinha a graça das raposas, e a pele era morena e vivaz, untada de fluido cadavérico. — Sempre pronto a agradecer. Porém, diga-nos: que notícias traz do forte? Jezed está seguro?

Sempre o irmão, nunca Shakar.

— Temo por ele, mãezinhas — mentiu Shakar. Esgueirara-se pelos esgotos do entreposto até uma passagem oculta, então escalou sorrateiramente as paredes da mansão do irmão apenas para ser enxotado. — Meu irmão parecia preocupado. Pedi que me contasse o que houve, mas Jezed me dispensou. Precisava receber uma comitiva da capital.

— Var Khalad está sobrecarregado. Entre a fronteira leste até a costa, são invasões demais até para o Deus-Rei — comentou Ariona. — Se enviaram uma delegação até aqui, há algo de errado.

— Se acalmem, meus queridos. — Verissa não se abalou. Estava sempre sorridente. — Jezed é capaz de lidar com essa gente. Vai bajulá-los e aplacar suas vontades até que partam. Imperiais gostam de ter as botas lambidas, simples assim...

— Perdão, minha mãe — interveio Shakar —, mas penso que há motivo para nos preocuparmos. Uma clériga lidera os visitantes.

— Sempre há clérigos, querido. Esta é Var Khalad, afinal. Só no entreposto, deve haver uma dezena.

O carniçal rastejou na toca de terra fria até aproximar-se dos ouvidos de Verissa e Ariona. Assim, tão perto, o amor que sentia pelas duas quase eclipsava o ressentimento. O ódio cáustico lhe queimava as tripas mais até do que a fome. Shakar fora roubado no berço, mas não conseguia ter raiva das mães bruxas por isso. Então, direcionava a ira contra o irmão. Tramava sua derrocada sempre que podia, e aquela comitiva inesperada seria sua melhor chance.

— Mãezinhas queridas, não é uma clériga qualquer — sussurrou, como se temesse que os imperiais escutassem. — É uma monja da Ordem do Zéfiro.

II

O mundo pertencia a Jezed. Não importava que fosse um mundo pequeno, confinado às muralhas de um forte atarracado e um entreposto comercial. Ali, todos os seus desejos eram atendidos.

Deixou seus aposentos pessoais aos cuidados da camareira. A janela aberta e o odor pungente revelariam a visita de seu irmão a olhos atentos, mas, naquele fim de mundo esquecido por Var Khalad, a criadagem só prestava atenção no que Jezed ordenava. Seguiu pelos corredores acarpetados até o salão principal, onde a ilustre comitiva o aguardava.

Receber dignitários do império e alguns mercadores afluentes era um de seus poucos deveres como intendente-mor. Isso, e governar o forte, é claro. Porém, esse papel ele só desempenhava em parte, porque seguia as instruções de suas queridas mãezinhas. Bruxas do Pacto de Vilamento.

Nascido de uma bruxa de certo poder, Jezed foi logo escolhido para ocupar um lugar de prestígio entre os humanos da região. Uma troca simples no berço, que lhe rendeu um irmão, colocou-o como um ovo de cuco no ninho de uma família imperial conhecida por gerar clérigos fervorosos. O falso parentesco lhe rendeu privilégios, estudo, riquezas e amenidades. Um mundinho todo seu.

No forte que protegia o entreposto comercial, sua administração como intendente-mor era relaxada de propósito. Fazia vista grossa a certas mercadorias e figuras suspeitas, promovia guardas incompetentes e, ocasionalmente, dava demonstrações exageradas de força. Tudo para beneficiar suas mães e as demais bruxas do Pacto. Era um trabalho fácil, com ajuda das mães e do irmão. Além deles, tinha servos humanos obedientes e uma guarda selecionada com cuidado por sua indolência e amor pelo ouro.

Crescera como um humano comum. Só mostrou sinais de sua verdadeira natureza na adolescência. A pele emaciada, as orelhas alongadas, a mandíbula avantajada. Tudo aquilo podia ser escondido sob maquiagem e roupas caras. O verniz da riqueza e do poder, a estola sacerdotal sobre seus ombros, marcando-o

como clérigo do Deus-Rei, chamavam mais atenção do que sua aparência abjeta. Mais um sacerdote vindo de uma família tradicional; nada de estranho nisso. Se alguém notou algo, jamais se manifestou, temendo a punição que viria do alto escalão da fé khaladina.

Os visitantes não pareciam grande coisa. Um punhado de escribas, vinte soldados de armadura e lança. Nenhum cavaleiro. Apenas uma inspeção rotineira das instalações.

O curioso era a figura que encabeçava a comitiva, que marchou enfileirada ao centro do apertado salão principal. Impossível não reconhecer as vestes monásticas. Véus brancos dos pés à cabeça, cobrindo malha de aço e couro flexível. Se isso não fosse o suficiente, a maça dourada e a cimitarra cruel às costas da clériga comprovariam sua identidade. Shakar o alertara, mas Jezed pensou tratar-se de mais um dos esquemas do irmão.

— Uma sacerdotisa do Deus-Rei — dissera Shakar horas atrás, com um sorriso enorme em seu rosto canino. — Das mais condecoradas. Avistei a comitiva avançando pela estrada imperial. Se a Ordem do Zéfiro está envolvida na inspeção, teremos problemas.

Entre as tapeçarias e os mosaicos de seus aposentos, Jezed evitava olhar o irmão. Encarava a porta enquanto Shakar encarapitava-se no alto da janela oeste. Ele não vestia nada além de retalhos, revelando o máximo da fisionomia bestial da espécie. As costelas proeminentes, a pele coriácea, a face animalesca. Shakar nascera humano, mas graças aos anos vivendo na sujeira e ao consumo regular de carne humana, era mais monstruoso que Jezed. Sem vestes elaboradas para humanizá-lo, escancarava o esplendor macabro dos carnicais.

— Eu cuido disso, Shakar. Sempre cuidei. Seu papel é levar mensagens entre mim e nossas mães. Acostume-se a ele.

A Ordem do Zéfiro não costumava se envolver na burocracia imperial. Eram monjas guerreiras, abençoadas com magia divina e treinadas nas artes mortais da guerra e assassinato. Sem dúvida, um problema dos grandes. No entanto, Jezed sabia que o aviso do irmão não era um ato desinteressado. Shakar queria amedrontá-lo, provocar um deslize que fosse. Sempre foi invejoso.

— Perdoe-me, nobre irmão. — Não havia arrependimento da voz de Shakar. — Quis apenas alertá-lo. A monja do Zéfiro é um perigo para nossa família, uma ameaça ao Pacto de Vilamento. Ofereço-me para ajudar a removê-la, se desejar.

— Silêncio, verme! — vociferou Jezed. — Seus planos e sua ajuda que apodreçam! É de sua obediência que eu preciso. Volte a nossas mães e aguarde meu chamado.

Shakar não fez objeção além de um rosnado baixo. Desapareceu pela janela escancarada, deixando apenas o fedor de podridão como lembrança de sua passagem. Jezed suspeitava das intenções do irmão, mas o alerta de Shakar preocupou-o mesmo assim.

Por isso, dera ordens a todos os servos do forte e convocara o capitão de sua guarda, um homem corpulento de olhos esbugalhados. Passara instruções meticulosas sobre a organização dos aposentos, requisitou armaduras cerimoniais ao contramestre e enfeitou os corredores com os melhores tapetes. No salão principal, ordenou que fossem exibidas as novas estátuas em homenagem ao Deus-Rei, recém-chegadas da oficina de um escultor. Quatro ao todo, em mármore e ouro, com as faces divinas do senhor de Var Khalad.

O forte estava em perfeita ordem quando a comitiva se instalou em seu interior. Jezed estava bastante orgulhoso da fachada de normalidade que conseguia apresentar em tão pouco tempo. Aquele era o seu mundinho, afinal, onde ele tinha tudo o que queria. Muito gracioso, fez uma mesura respeitosa à monja e seus escribas.

— Que a bênção solar do Deus-Rei recaia sobre nós, nesse feliz encontro. Espero que minhas humildes acomodações sejam de seu agrado, nobre Irmã... Como devo chamá-la?

— Chame de Senhora Inspetora — respondeu a monja-guerreira, gélida. — Essa é minha função atual, afinal, por ordem do império.

— Evidente, Senhora Inspetora — rebateu Jezed, sem hesitar. — Este intendente-mor ficará feliz em facilitar seu trabalho. Entretanto, de um servo do Deus-Rei a outra, me agradaria conhecê-la pessoalmente.

Com movimentos deliberados, a monja desfez os laços que fixavam os véus em sua cabeça. Despiu-se da coifa de malha sob a brancura, revelando uma

cabeleira da cor de ouro fundido, presa em uma trança apertada.

Naquele instante, Jezed encheu-se de agonia. Respirou fundo para controlar o próprio corpo, pois uma insatisfação profunda ameaçava fazê-lo tremer por inteiro. A comitiva mal chegara e já sentia que, ao menos, uma farsa havia sido revelada. O mundo não era de Jezed.

Sim, ele era senhor do forte e, no interior de suas muralhas, cada um de seus desejos era atendido. No entanto, lá estava algo que ele jamais poderia ter, algo que, de súbito, tornou-se seu maior desejo. A monja do Zéfiro. Sob todo aquele tecido imaculado, oculta sob a armadura de anéis metálicos, estava a mulher mais bela que Jezed já vira.

— Se precisa mesmo saber, intendente — falou a monja, e as palavras quase não alcançaram os ouvidos do carniçal arrebatado. — Me chamo Desdena.

III

Shakar ascendeu mais uma vez as paredes ásperas do forte até a janela ornada com mosaicos hexagonais. A noite estendia seu manto sobre o império, e a lua minguante, na metade de sua jornada até a escuridão, lançava luz mortiça nos aposentos de Jezed.

O intendente-mor estava acordado, mas não esperava visitas. Parecia insone, sentado diante de uma mesa de mogno com uma pilha de documentos que revisava sem parar. Espiando o desespero na postura do irmão, Shakar encheu-se de prazer secreto. Sufocou um riso, mas deixou escapar um grasnido que arruinou seu esconderijo.

— O que faz aqui, verme? — indagou Jezed, os lábios franzidos com suspeita.

— As mães estão preocupadas, irmão. — Estavam, sim, mas com seu filho favorito. Não era isso que Shakar pretendia revelar. — A monja já devia ter ido embora. Por que a demora com a inspeção? Cada novo dia com a comitiva sob seu teto aumenta o risco de descobrirem a verdade.

— Irmã Desdena quis refazer o inventário dos armamentos do forte, para o caso de um ataque de bárbaros ou outro grupo organizado — explicou Jezed. Sua

voz tornava-se lânguida quando falava o nome da clériga. Patético. — Depois, encontramos alguns erros de contabilidade nas últimas compras de grãos... estou resolvendo isso agora mesmo.

— Encontramos? Estão trabalhando juntos?

— Precisamos que ela vá embora, não é? Estou fazendo o possível para acelerar sua partida.

— Jezed...

— Mostre respeito!

— Nobre irmão. — Shakar sorriu. Não havia respeito nenhum em sua voz. — Foi a inspetora que encontrou o tal erro, ou você o mostrou a ela?

Jezed ergueu-se em fúria. Sacudiu os braços esqueléticos, esvoaçando os tecidos de seus robes de dormir. Seda fina tingida de verde. Shakar, acorado na janela, flexionou as garras e mostrou os dentes sem fazer barulho. O irmão tinha os privilégios de uma vida palaciana, mas isso arrancara dele a selvageria própria dos carnicais. Jezed cedeu e tentou disfarçar o medo no olhar.

— Que ideia absurda! Veio aqui me acusar de traição?

— Jamais, nobre irmão, mas eu o conheço bem. Estamos unidos desde o berço. O que era meu tornou-se seu, e vice-versa. Nossas heranças se misturaram. — Shakar saltou para dentro dos aposentos. Nunca fizera aquilo antes, não na frente do irmão. Caminhou ereto, como há muito já não fazia. — Ela é mesmo bela, como dizem, a tal monja do Zéfiro?

— Nunca vi igual — balbuciou Jezed. Só então percebeu o que havia dito. — Mas isso não importa! Saia daqui antes que nos escutem!

— Sim, nobre irmão, já está tarde. Mas, quando eu escalar essas janelas, talvez procure o quarto de hóspedes. Vou tomar cuidado para não acordar ninguém, e só espiar pelas janelas. Aposto que Irmã Desdena não dorme vestida com toda aquela roupa...

Jezed apanhou um castiçal de sua mesa, ainda com três velas acesas, e atirou-o contra Shakar. A vida luxuosa havia mesmo embotado os reflexos de seu irmão. Foi fácil desviar do ornamento de bronze, que atingiu o chão com um clangor metálico. Shakar não sufocou o riso dessa vez. Gargalhou, uivou como louco.

— Você está mesmo apaixonado! Oh, que bela história contaremos! “O carniçal e a sacerdotisa: um romance proibido”!

Jezed avançou sobre ele, lívido. Em seu rosto, lutavam o ódio por Shakar e o pavor de ser descoberto. Um dos irmãos nascera humano, e o outro, carniçal. No entanto, só um vivera na tranquilidade das paredes reforçadas, enquanto o outro afiava as garras em lápides antigas e trabalhava o corpo violando covas rasas.

Shakar dominou Jezed com um movimento rápido dos braços, plantando os pés palmados no chão duro da fortaleza e flexionando os joelhos para evitar ser derrubado. Jogou o irmão sobre um tapete ornamentado com fios de ouro.

— Corteje a moça, nobre irmão. Seduza-a com presentes e belas palavras, veja se a vaidade da mulher é maior que sua fé no deus de Var Khalad. Por que não a leva em um passeio?

— Fora! — Jezed estava mais do que ofendido; seus olhos pareciam marejados. A sugestão de Shakar já devia ter cruzado a mente de seu irmão como uma ideia plausível, em vez de escárnio. — Saia de uma vez, ou irei pessoalmente a nossas mães expor sua insubordinação.

Aquela linha Shakar não cruzaria. As mães eram doces, mas severas, e não tolerariam qualquer zombaria de seu filho favorito. Shakar curvou-se e saltou para as trevas, desaparecendo da noite. Porém, não deixou o forte de imediato.

Fez o que dissera ao irmão. Investigou as janelas, escalando a rocha fria como uma aranha. Não tinha a intenção de espiar a beleza oculta da monja. Há muito abandonara esse tipo de desejo. Em suas entranhas, só cabiam fome e ressentimento. No entanto, encontrou o quarto da irmã do Zéfiro e esgueirou-se até os corredores que levavam à sua porta. Lá, plantou uma semente que desejava colher em breve: um dedo cinzento, o osso da falange despontando branco a partir da carne ressecada. O último vestígio do cadáver que desenterrara.

IV

Jezed já não sabia o que fazer, pois nunca enfrentara situação semelhante. Nem mesmo as maldições das bruxas, cujos efeitos nefastos ele já sentira na pele, pareciam tão poderosas. Seu fascínio por Desdena o impedia de dormir, de comer, de aproveitar os confortos de seu pequeno mundo. Procurava desculpas, inventava

pretextos, qualquer coisa para se aproximar da clériga. Oferecia ajuda em sua auditoria, recolhia registros, apontava inconsistências. Tudo para que ela se demorasse um pouco mais, para que pudesse admirá-la mais um pouco. Até que, no terceiro dia, Irmã Desdena anunciou sua partida.

— Já tenho um relatório sólido, intendente-mor. — A voz dela era um espinho gelado. O rosto, uma estátua de alabastro. Simétrico e delicado, mas duro como rocha. — Retornarei à capital amanhã cedo.

Abordou-o no salão principal, como sempre fazia. Jezed, que preferia passar os dias nas poltronas confortáveis de sua sala de leitura, ou refrescando-se numa banheira gelada, criara o hábito de perambular os corredores, torcendo por um encontro fortuito. Desdena o evitava com a capacidade quase sobrenatural de estar sempre mergulhada em seu trabalho. Interrogava criados e entrevistava guardas. Examinava documentos e analisava armaduras. Seus escribas a seguiam, fazendo medições e registrando-as copiosamente em pergaminhos compridos.

— Tão cedo, inspetora? — Jezed suave, cerrava os punhos. Esforçava-se para não gaguejar. — O entreposto recebeu muitos comerciantes esse ano, os livros-caixa estão à sua disposição.

— Não sou coletora de impostos, senhor Jezed — retrucou a monja. — E, com todo respeito, sua presteza não vai salvá-lo.

— S-salvar? Do que está falando, Irmã Desdena? — O suor de Jezed tornou-se frio. O nervosismo que sentia perto da monja deu lugar a um medo esquecido. E se ela descobrisse a verdade? Sobre ele e suas mães bruxas? — Tudo o que fiz foi para facilitar a inspeção! Não tenho nada a esconder.

— Então, não sei se é honrado ou burro. Talvez os dois. — A monja apanhou um livrinho encadernado em couro, e correu o dedo enluvado por uma lista redigida em letra compacta. — A guarnição do forte é mal treinada ao extremo, parece que nunca ouviram a palavra disciplina...

Desdena focara sua análise sobre o aspecto militar dos deveres de Jezed. Parecia não se importar com os valores inflacionados de algumas das compras do forte, ou com os “erros de cálculo” que resultaram em ouro imperial desviado para as bolsas das bruxas. Ele apontara discretamente aqueles defeitos, fingindo

descuido. A monja os notara, mas lhes dava pouca importância. Desdena continuava a litania de acusações.

— Os postos de guarda não são trocados em horários regulares, e os cavalos foram ferrados com material de baixa qualidade. O arsenal está entregue às aranhas, intendente-mor. Se algum dia Var Khalad enfrentar inimigos vulneráveis a teias e ferrugem, o senhor será condecorado.

— Perdoe-me, inspetora, mas fiz o que pude com o pouco que recebi de impostos esse ano.

— Você mesmo mencionou que recebeu muitos comerciantes. — O olhar de reprovação de Desdena era como a primeira neve de um inverno prolongado. Frio e belíssimo. Jezed mal conseguia disfarçar seus sentimentos, mesmo com medo da reação da monja, que mantinha maça e cimitarra sempre ao alcance. — Poupe-me de suas desculpas.

Resignado, o intendente baixou a cabeça. Poderia jogar-se aos pés da mulher, suplicar por perdão e confessar todos os seus crimes ali mesmo, se significasse que poderia vê-la outra vez, mas não havia garantia daquilo. Se voltasse ao forte depois de tudo, Desdena não viria como inspetora, e sim como executora imperial, para levar a cabeça de Jezed ao Deus-Rei de faces douradas.

— Há uma última tarefa — acrescentou a monja —, antes que eu complete meu relato à capital. Infelizmente, preciso que o senhor me acompanhe.

— Será um prazer, Desdena. — Jezed omitiu o título de propósito, numa última tentativa de aproximar-se da mulher. — Aonde vamos?

— Inspecionar seu cemitério.

V

Arrancar as mãos da toca foi mais fácil do que Shakar gostaria. Bastou mencionar que a vida de Jezed estava em risco.

— Ela sabe, mãezinhas! — gemeu o carniçal. — Não sei que poderes divinos os clérigos de Var Khalad comandam, mas a monja descobriu sobre Jezed! Vai levá-lo ao cemitério e expô-lo como carniçal!

— Garoto incompetente! — esbravejou Ariona. — Por que não ajudou seu irmão?

— E-ele não quis ouvir. — Shakar encenou, com certa dificuldade, uma expressão magoada pela rejeição do irmão. Por dentro, sorria de prazer, pois seus planos frutificavam. — J-Jezed mandou que eu fosse embora, que não o importunasse! Parece encantado pela monja do Zéfiro!

— Ora, não seja bobo, querido — interveio Verissa, em sussurros tranquilizadores. — Seu irmão afastou-o para protegê-lo da clériga, tenho certeza. Venha, vamos dar um jeito nessa bagunça, sim?

Parecia impossível acusar Jezed de qualquer coisa. As mães sempre o veriam da melhor forma possível. Mas isso logo teria fim. Shakar guiou Ariona e Verissa através das faias e dos amieiros, arrastando-se sobre a folhagem que cobria o solo úmido da floresta. Podia sentir o cheiro de pó e podridão antiga vindo do cemitério. Um odor oculto que sua espécie reverenciava. Seguiu o cheiro como um peregrino segue a estrada.

O carniçal manteve o abdome rente à terra molhada, quase rastejando, para permanecer oculto. Suas mães o seguiam, eretas. Bruxas não temiam os magos do império, e algo de místico em sua própria essência parecia camuflá-las entre as árvores retorcidas. No entanto, Shakar não se importava se fossem vistas. O importante era que elas vissem.

Quando a monja e Jezed chegassem, quando ela enfim o acusasse, elas veriam. O olhar apaixonado, a testa manchada de suor, os membros trêmulos. Ele não teria coragem de revidar quando a clériga atacasse. Estava dominado por uma paixão quase idólatra. A face de alabastro da monja-guerreira se voltaria sobre ele com o ódio dos fanáticos imperiais, e seus lábios delicados soletrariam sua condenação. Jezed seria incapaz de responder com algo que não fosse adoração. Aí, finalmente, as mães conheceriam sua fraqueza.

O som dos cascos despertou Shakar de seu devaneio. O cemitério estava logo adiante, meio oculto entre troncos e arbustos. Mais à frente, cavalarianos a pleno galope. Jezed, Irmã Desdena e quatro soldados. Guardas do forte, ou da comitiva da inspetora? Tanto fazia. Em breve, seriam carne podre no estômago de Shakar.

Jezed montava um garanhão castanho, grande demais para o físico mirrado de um carniçal. Na certa, queria impressionar a monja, que cavalgava sua própria montaria, branca como suas vestes. A maldita parecia uma santa imaculada, e sua remonta ecoava a mesma aura divinal. Jezed, por sua vez, mal conseguia conduzir o próprio cavalo, e o animal divertia-se como um potro. Balançava e saltitava, sem tentar de fato derrubar seu cavaleiro. Parecia apenas querer provocá-lo.

Os seis cavalarianos apearam na entrada mal demarcada do cemitério. Pela diferença na postura e do brilho das armaduras, dois dos guardas pertenciam à comitiva de Desdena, e os outros dois eram residentes do forte. Estes últimos já pareciam cansados, como se tivessem corrido até ali em vez de cavalgado.

— O senhor conhece os decretos imperiais acerca de cemitérios, senhor Jezed? — perguntou a inspetora. Não tinha o véu branco sobre o rosto, apenas uma coifa de cota de malha que escondia seus belos cabelos cor de ouro.

— Sim, senhora. — Jezed vestia seu melhor casaco, vermelho com fios dourados. Shakar reparou, com satisfação, que o irmão tinha duas vezes mais maquiagem no rosto que o normal. Em vez de humanizá-lo, os contornos acentuavam seu rosto comprido e o sorriso com dentes em excesso. — Infelizmente, não dispomos de recursos para cremar a todos, então mantemos esse pequeno cemitério para os servos falecidos.

— Reservar a cremação para sacerdotes e cavaleiros, ou fiéis que façam doações regulares à igreja, é bastante comum, intendente. — Desdena estendeu o braço delgado num esvoaçar de véus e um de seus soldados providenciou-lhe uma pá nova em folha. — No entanto, enterrar seus mortos fora das muralhas é, no mínimo, temerário. Para não dizer suspeito. — A monja entregou a pá a Jezed, que nunca manejara uma ferramenta de trabalho na vida. — Comece a cavar, por favor.

Shakar não conseguiu segurar o sorriso. Pior, começou a salivar. Aquilo era mais saboroso que tutano, sem dúvida. Seu irmão, em evidente desespero, apanhou a pá e olhou ao redor. Balbuciava uma resposta sem sentido. Tentava formular uma pergunta, uma desculpa, algo que lhe ganhasse tempo.

— Escolha uma lápide — explicou Desdena, com calma. — Depois, reabra a cova, senhor intendente. Preciso inspecionar a integridade de seus mortos.

A monja fez outro gesto, e seus dois guardas trouxeram as próprias pás para a escavação. Puseram-se a trabalhar na terra seca junto às lápides mais antigas. Os soldados de Jezed pareciam tão perplexos quanto seu mestre, diante daquela arqueologia fúnebre.

— I-Irmã Desdena, eu lhe a-asseguro que... — gaguejou Jezed.

A monja sacou a cimitarra da bainha.

— Escolha de uma vez.

— M-minha querida, por favor... Eu só queria...

— Abra a cova de alguém, ou cave a sua.

Os túmulos abertos revelariam corpos desmembrados ou ausentes por completo. Mais do que o suficiente para indicar a presença de carniçais. O julgamento de Jezed seria sumário. O irmão precisava agir de imediato, ou revelar sua incompetência diante de suas mães. Shakar ansiara tanto por aquele momento que demorou a perceber que Ariona e Verissa já auxiliavam seu filho favorito, em segredo.

Os guardas de Desdena, de armadura metálica polida e físico primoroso de soldado treinado, estavam mais cansados que os homens incompetentes de Jezed. Respiravam com dificuldade, livravam-se de elmos e placas de armadura. A atenção das bruxas recaía sobre eles.

Era uma maldição branda, algo que não despertaria alarme até que fosse tarde. Verissa e Ariona eram capazes de provocar febres violentas e hemorragias com um simples olhar, mas trabalhavam devagar sobre os soldados para que a inspetora não notasse sua presença. Criavam a oportunidade perfeita. Bastaria uma ordem de Jezed para que seus guardas atacassem a inspetora. Os homens enfraquecidos dela seriam logo incapacitados, e até Shakar seria obrigado a ajudá-lo em combate. Em vez disso, o filho favorito curvou-se sobre um túmulo e fincou a pá no solo, meio sem jeito.

— Já estou cansada dessa tolice — sussurrou Ariona. — Precisamos agir.

— Acalme-se, querida. — sorriu Verissa. — Tudo tem um jeito. Shakar, ajude seu irmão. Mate a monja.

Shakar olhou para Ariona, buscando confirmação. No entanto, se sua mãe mais amorosa lhe ordenava algo, não seria a mais rígida a protegê-lo.

— O que está esperando? Você ouviu Verissa!

De cabeça e ombros baixos, continuou seu rastejar em direção ao cemitério. O irmão cavava, Desdena vigiava. Os guardas do forte, desconcertados, fingiam procurar algo em seus alforjes, tentando parecer ocupados. Shakar avançou, com cuidado para permanecer às costas da monja-guerreira. Via a maçã dourada balançando no cinturão branco da mulher. Os guardas dela, ainda sob o efeito de sutis maldições de bruxa, estavam exaustos demais para notá-lo. Escavavam como se cada pá cheia de terra tivesse o peso de um cadáver inteiro. Foi quando o primeiro deles caiu que Jezed notou a aproximação de Shakar.

— Um carniçal! — gritou o intendente. Um guincho que pretendia soar horrorizado, mas Shakar só ouvia alívio na voz do irmão. — Agarrem a criatura!

Aquela ordem era para os preguiçosos que Jezed chamava de guardas, mas foi Desdena a primeira a agir. Seus próprios homens pareciam desorientados. A monja guerreira girou em um espetáculo de véus brancos. A cimitarra chiou ao cortar o ar. Shakar saltou.

Nascera humano, mas vivera na imundície. Fortaleceu-se de carne podre e ganhou os músculos tensos dos carniçais. Parecia uma coisa frágil, de ossos aparentes e ventre emaciado, porém possuía vitalidade roubada dos mortos. Suas unhas eram garras negras, e suas pernas, ágeis. Escapou da morte por um triz, recebendo um mero arranhão da cimitarra assassina. Suas garras baixaram contra a confusão de tecido branco que era a monja, mas erraram.

Desdena não tinha o direito de ser tão veloz. Em um instante, girava para a direita; no outro, escapava com uma pirueta à esquerda. Shakar rosnou e correu sobre os quatro membros, como uma fera. A cimitarra o seguiu, sempre perto demais. Ele, no limite de suas forças. A irmã do Zéfiro, com o rosto de estátua, incansável. Onde estavam suas mães? Por que Jezed não fazia algo?

— Mexam-se, homens! — ordenou o intendente. — Apanhem-na!

Ele falava da monja, ou da criatura que se alimentava dos mortos? Shakar duvidava que Jezed lhe ajudasse de bom grado, mas as mães estavam assistindo. Elas não o entregariam aos imperiais, ou entregariam?

Talvez sim, para salvar seu filho favorito.

Olhou na direção do bosque. Os soldados de Desdena pareciam recuperados de seu mal-estar. Mais além, indistintas entre amieiros murchos, Ariona, de olhar severo, e Verissa, sorrindo. Uma mão de unhas retorcidas acenando com delicadeza. Um adeus.

Shakar urrou. Sozinho, seria impossível vencer a monja-guerreira. Podia escapar de seus golpes por um tempo, mas não era capaz de sobrepujá-la. A conclusão era óbvia: ele era um sacrifício. Sua morte dissiparia as suspeitas sobre Jezed. Shakar, no entanto, não pretendia cair assim. Se ia morrer, levaria algo consigo.

Saltou outra vez, não para fugir, mas na direção de Desdena. Viu a cimitarra girar contra suas costelas, sentiu o corte, porém caiu sobre a oponente, unhas escuras prontas para vingar-se. Jezed guinchou outra vez.

As garras de Shakar desceram sobre o rosto da mulher, exposto, vulnerável. A beleza imaculada de sacerdotisa exemplar, o amor de seu irmão. Shakar fora entregue a ela como um cordeiro ao sacrifício, mas não partiria sem um insulto final. No mesmo instante que a lâmina da cimitarra abriu-lhe a virilha ao esterno, cravou suas unhas, imundas com solo de cemitério, na face de Desdena.

Sentiu o aço frio penetrar sua carne, e a dor do corte foi menor que a dor da traição. Suas mãos lançaram-no à morte como uma peça descartável, carne para o abate. Jezed jogou-se, desajeitado, entre Shakar e Desdena, mas não para salvar o irmão, e sim para proteger a bela face da clériga. Tarde demais. O calor do sangue humano nas garras de Shakar era o único conforto que podia tirar daquilo tudo.

Mãos indecisas o seguraram, prendendo-o ao chão. Guardas mal treinados do forte. Sua vida escapava aos poucos através da enorme abertura criada pela cimitarra. Shakar inspecionou seu último trabalho. Cinco linhas em vermelho-vivo, violando a beleza pura de Desdena. O olho direito da monja do Zéfiro era uma ruína leitosa. Shakar olhou para o irmão e obrigou-se a rir, mesmo com toda a dor.

— Corteje-a agora, intendente! Suas chances aumentaram!

— Mil perdões, nobre inspetora! — gritou Jezed, por cima da zombaria. — Eu não fazia ideia que essa fera espreitava os arredores! Fui descuidado!

Um chute veloz partiu da monja, como o bote de uma serpente. Ereta, de costas para Jezed, Desdena ergueu a perna esquerda enquanto girava no próprio eixo com a direita. Um movimento perfeito. Plantou a sola da bota no peito franzino do intendente-mor.

— Silêncio! Você será julgado por sua negligência, senhor Jezed. Retornarei em breve com o veredito do Alto Clero. Além da incompetência como intendente, permitiu que carniçais se alimentassem em território imperial. Sugiro que comece a rezar por misericórdia.

— O império é um cadáver podre! — Cuspiu Shakar, junto com sangue. — Deixa que vermes o comam de dentro para fora!

A inspetora caminhou até ele. Passos curtos, controlados. O rosto destruído não a abalava. Embainhou a cimitarra e sacou a maça de batalha.

— Cale-se, criatura. Não há lugar no mundo para aberrações como você — disse a monja. O frio em sua voz transformava palavras em fatos. — Noltora pertence ao Deus-Rei de Var Khalad.

A última coisa que Shakar viu foi a esfera dourada na ponta da maça. Desceu contra sua cabeça, ficando cada vez maior, como um enorme sol vingativo.



O PREÇO DOS ANOS

I

Bastien não se incomodava de matar em troca de prata. O problema era ter que matar estrangeiros, pois eles tinham armas melhores. Enquanto seus homens empunhavam, no máximo, lanças rudimentares e escudos de madeira, os bárbaros vindos da Terra Arrasada atacavam portando aço pilhado de guarnições imperiais e caravanas mercantes.

Apesar de toda pompa e circunstância de Var Khalad ao nomear os reinos amarantinos como seus protetorados, não havia muita proteção imperial ali, em Brannoch. Os fortes de fronteira quase nunca tinham guarnições completas e, por isso, Bastien e alguns de seus colegas faziam o trabalho que deveria ser de soldados imperiais. O risco de ter a cabeça partida por um machado bárbaro era grande, mas o pagamento era em prata sólida, direto dos cofres do intendente-mor.

Bastien pensava no que faria com aquela prata enquanto perfurava a barriga de um cavalo com sua lança. A carga dos bárbaros fora intensa, enchendo o ar com gritos de guerra pavorosos e o relinchar de montarias treinadas para a batalha. Os imperiais puseram Bastien e seus rapazes na linha de frente por duas razões: sabiam formar uma boa parede de escudos e eram perfeitamente dispensáveis. Cinquenta conscritos amarantinos deviam ser o suficiente para conter o avanço dos bárbaros a cavalo, que estavam em maior número, mas afunilados.

Bastien recolheu sua lança com um giro do punho. Não se enroscara nos ossos do cavalo por pura sorte. O cavalariano, no chão, foi pisoteado pela besta moribunda. Um segundo bárbaro adiantou-se para tomar o lugar do irmão de armas e foi recebido por longos piques da linha de conscritos atrás da parede de escudos. Os bastardos não desistiam, mesmo que morressem aos montes. Provavelmente porque os homens de Bastien morriam ainda mais.

O intendente-mor escolhera o local da batalha: um vau estreito, espremido entre mata densa e as escarpas montanhosas que emolduravam sua fortaleza. Devia dar a vantagem a Bastien e seus conscritos, mas os bárbaros não eram homens comuns.

Um machado de batalha desceu contra Bastien. O selvagem golpeou a borda metálica de seu escudo com a parte de baixo da arma, depois puxou com força. Foi rápido demais para evitar, deixando-o desprotegido. Bastien arremeteu a lança contra o rosto do homem, mas foi repelido pelos cascos de um cavalo de batalha. Aquilo devia ter deixado o bárbaro exposto a um contra-ataque pela esquerda, porém já não havia ninguém à esquerda de Bastien. Seus homens estavam mortos, ou fugindo.

Sacou a espada curta da bainha e furou o bucho do cavalo. Levou uma pancada no ombro, mas sobreviveria. À direita, alguns de seus rapazes ainda tinham luta dentro de si, e derrubavam os bárbaros de suas selas para matá-los quando estavam caídos. Os gritos de dor e os gritos de vitória se confundiam sob o céu nublado. Naquele ritmo, as duas forças neutralizariam uma à outra, deixando apenas carniça para alimentar os corvos. No entanto, os imperiais tiveram a boa vontade de se juntar à refrega.

Da mata a leste do vau, irromperam cavaleiros de armadura completa. Eram Santos, segundo o império, mas não tinham o menor pudor em usar amarantinos como isca. Os bárbaros, animados pela matança, avançaram demais, e a cavalaria pesada impediu sua retirada. As montarias dos bárbaros eram mais rápidas, porém sua única saída seria pelo terreno elevado, rumo às encostas.

Bastien degolava um selvagem caído quando o trovejar dos cascos e das armaduras passou sobre ele como uma tempestade. Lançou-se ao chão lamacento para não ser pisoteado. Pensou na prata novamente. Precisava dela. Tinha planos grandiosos de comprar sua liberdade.

Os bárbaros eram oponentes formidáveis, ferozes como demônios. No entanto, mesmo demônios podem se desesperar. Arriscaram-se a clive acima para escapar das lanças de freixo imperiais, exatamente como o intendente-mor queria. Foi ele quem surgiu das encostas para interceptar os bárbaros em fuga, ladeado por apenas dois guardas de honra. Uma barreira de chamas incendiou o ar entre os selvagens e o intendente. Fogo dourado engolfou os invasores, e o cheiro de gordura de cavalo queimada impregnou as narinas de Bastien. Brannoch estava livre de mais um bando de saqueadores.

O intendente era um sacerdote imperial, do tipo capaz de fazer magia. Eles chamavam aquilo de taumaturgia, o fogo divino de Var Khalad. Bastien sabia que nenhum deus daria tanto poder a um homem como o intendente.

Não se erguiam tendas de campanha para aquele tipo de conflito fronteiriço, mas o intendente-mor insistia em reconvir com seus homens após cada batalha. Exigia relatórios detalhados e nunca andava sem sua escriba, que registrava as

minúcias e enviava-as à capital imperial. Bastien ainda limpava a lama de seu gibão quando o intendente lhe chamou.

— Quantas baixas entre seus homens, conscrito?

Bastien olhou ao redor. Primeiro, para os cavaleiros, que sempre pareciam perto demais, como se quisessem cercá-lo. Depois, para a escriba que anotava as palavras do intendente. Um olhar furtivo, mas intenso. A mulher devolveu a expressão como só ela sabia fazer, depois voltou sua atenção ao velino que preenchia com tinta. Por fim, Bastien olhou para os mortos.

Alster. Desmond. Godfrey. Homens que Bastien chamava de amigos jaziam aos pedaços no solo lamacento. Sangue se misturava à água corrente fraca do vau, e o cheiro de morte se imiscuía no próprio solo. Tudo aquilo estava à plena vista dos imperiais e, ainda assim, o intendente-mor queria que Bastien lhe desse um número. Var Khalad reduzia as vidas do povo amarantino a matemática básica.

— Mais da metade, senhor. Pelo menos trinta.

— Inaceitável. São mais mortes que da última vez — repreendeu o intendente. — Precisa treinar melhor os seus homens, ou um novo ataque pode nos causar muito prejuízo.

— Eles estavam a cavalo, senhor, e em maior número. Nosso equipamento é velho e frágil; nunca tivemos chance aqui. Seus cavaleiros deviam ter se adiantado no ataque surpresa.

O intendente-mor caminhou até Bastien. Ele não era um homem imponente, mas andava empertigado, suas vestes clericais imaculadas lhe conferindo um ar de superioridade. Desferiu um tapa contra o rosto do conscrito, acertando sua bochecha com as costas da mão direita.

— Garoto insolente. Sabe quantos anos de treinamento são precisos para formar um Santo Cavaleiro em Var Khalad? As vidas deles valem muito mais que as suas, e não estou discutindo filosofia ou religião aqui. É fato.

— O senhor sacrificou meus homens para preservar os seus e garantir a vitória. Eu entendo isso, intendente-mor, mas cavalaria pesada não foi feita para subterfúgio. Se tivessem recebido a carga dos bárbaros, teríamos baixas mínimas. Seu império não transformou Brannoch em um protetorado? Onde está a proteção em aguardar de tocaia no mato enquanto seus aliados morrem?

O intendente agarrou o punho de Bastien com força. Mesmo velho e com a pele curtida pelo sol, o homem tinha energia para apertar um braço mais jovem e mais forte. Bastien quis revidar, mas domou seus instintos, pois cada cavaleiro ao

redor levou a mão ao punho da espada. O olhar da escriba encontrou o seu novamente, e naquele instante fugaz, Bastien aceitou o que viria a seguir.

— Acha que seu reino miserável sobreviveria sem proteção imperial? — O intendente intensificou o aperto, e Bastien sentiu a pele do braço esquentar. — Acha que os povos da Terra Arrasada dariam trégua a Brannoch se nós abandonássemos os fortes de fronteira? Estamos aqui para impedir uma invasão em larga escala. Somos tudo que se interpõe entre os reinos amarantinos e a destruição!

A mesma magia divina que o intendente usara para conjurar uma parede de chamas no ar se abateu sobre Bastien. Pensou que seria incinerado vivo, mas o intendente não lhe deixaria escapar com tanta facilidade. Onde os dedos do homem lhe tocavam, um calor intenso fustigou-lhe a pele. O processo foi deliberadamente lento, para que sentisse cada centímetro arder. Bastien urrou de dor. O intendente continuou sua diatribe, indiferente aos gritos.

— Para cada um de seus homens que morreu aqui, uma família em Brannoch foi poupada! O sacrifício deles garantiu que a colheita não fosse roubada e que o gado não fosse morto. — Ele só esqueceu de mencionar que mais da metade da produção seria destinada ao império. — Crianças irão pra cama de barriga cheia hoje, por causa deles. Se seu povo não é nobre o suficiente para se sacrificar por isso, eu lhes forçarei a alcançar essa nobreza!

Quando terminou o discurso, o intendente deixou o braço de Bastien em carne viva. A vontade de enfiar um punhal no olho daquele homem era avassaladora. Nem mesmo os cavaleiros ao seu redor não eram capazes de coibi-la. Bastien teria morrido feliz, no mesmo campo de batalha que clamara seus companheiros, porém havia algo que verdadeiramente o impedia de ceder ao impulso. Os olhos da escriba. Os olhos da filha do intendente-mor.

II

Passaria aquela noite em uma cela nas entranhas da fortaleza que os imperiais chamavam de Valash Fahad. O braço queimado doía como o inferno e vertia um fluido viscoso. Bastien sequer tentou pegar no sono.

Em algum ponto da madrugada, escutou vozes do lado de fora da cela, seguido de sons metálicos: moedas trocando de mão e chaves contra uma fechadura. Alguém entrou no cárcere, e passos pesados anunciaram a partida dos guardas. A visitante trazia um grande embrulho debaixo do braço. Pôs a carga no chão, retirou dela uma lamparina e a acendeu. Era Nafisa, a escriba, filha do intendente-mor.

— Por que você insiste em desafiá-lo, Bastien?

— É mais forte que eu. Perdi bons homens hoje.

— Sei que dói, lutar a cada dia com menos de seus amigos ao seu lado. — Nafisa se aproximou, trazendo um grande jarro com água e bandagens limpas. — Mas pare de antagonizá-lo. Sou eu quem não vai aguentar perder você.

Ela se sentou ao lado de Bastien no catre estreito. Apanhou seu braço com cuidado e lavou-o com a água do jarro. Aplicou um unguento na queimadura. O cheiro do remédio era forte, mesmo mascarado sob ervas aromáticas. Bastien encarava Nafisa enquanto ela envolvia o ferimento em bandagens. Sem interromper a tarefa, ela o encarou de volta.

Aqueles olhos cuidadosos, de alguém que nunca deixa um detalhe passar, foram o que o atraíram a ela, em primeiro lugar. Não aguentou esperar que terminasse de enfaixar a queimadura e puxou a escriba para um beijo voraz. Sentiu-a derramar-se sobre ele, tão ávida por aquele encontro quanto o próprio Bastien. O catre da cela era estreito, mas isso não impediu os dois de se deitarem sobre ele.

— Fuja comigo — pediu Bastien, depois que a maior parte de seu desejo foi saciada.

— Meu pai nos caçaria por todo o continente — disse Nafisa, deitada sobre seu amante. — Ele é um homem vingativo, você sabe.

— Vingativo e velho. Não pode nos seguir para sempre. Podemos nos esconder em Yrham, tenho parentes por lá, nas salinas do litoral. Eles sempre precisam de trabalho, e os imperiais não são capazes de encontrar um amarantino no meio de uma multidão. Acham que somos muito parecidos.

— Mas eles saberiam achar a filha de um sacerdote.

— Encontraremos um esconderijo confortável. — Bastien puxou sua amada mais para perto de si. — Prometo uma cama melhor que essa, pelo menos.

— Não me importo com a cama; me importo com sua vida. — Nafisa apanhou seu queixo com uma mão, o toque suave direcionando o rosto de Bastien para seu olhar penetrante. — Se tentar deixar Valash Fahad, os guardas de meu pai o matarão sem pensar duas vezes.

— Essa fortaleza não foi construída por seu império. Há uma passagem oculta em uma parede na despensa principal. Os servos mais velhos mostram aos jovens há anos para que possamos escapar quando os bárbaros finalmente tomarem esse lugar.

— Por que o fatalismo? Vocês nem tentariam defender a fortaleza?

— Honestamente, melhor entregá-la aos selvagens que a Var Khalad.

— Quando meu pai finalmente se for, talvez eu seja nomeada intendente-mor. Eu sou a escriba principal dele e conheço tudo o que há para saber sobre a fronteira oeste de Brannoch. Não seria tão ruim viver sob meu domínio, não é?

Bastien tomou sua amada nos braços novamente, com mais calma dessa vez. Ainda tinham a madrugada inteira.

— Nafisa, eu vivo sob seu domínio desde o primeiro dia em que meu olhar cruzou o seu.

III

Ela não estava lá quando Bastien acordou. Nem foi visitá-lo na noite seguinte, pois seria arriscado demais. No entanto, os dias no cárcere não foram nem um pouco monótonos. Um dos cavaleiros do intendente-mor veio vê-lo no segundo dia, um brutamontes barbado que mais parecia uma estátua de chumbo dentro da armadura de placas.

— Outro bando de bárbaros está vindo da Terra Arrasada — contou o cavaleiro. — São do clã Hemvald, uns bastardos resistentes. Devem chegar em uma semana ou duas.

— E como isso diz respeito a mim, exatamente?

— O intendente-mor precisa que você treine mais alguns amarantinos. Precisamos de uma força de conscritos para defender a fronteira. — O que ele queria dizer era que precisavam de mais isca viva. Se os pobres coitados não soubessem empunhar escudo e lança com o mínimo de habilidade, os selvagens os ignorariam e concentrariam seus ataques contra os imperiais.

— Ele devia ter pensado duas vezes antes de queimar meu braço. Não vou conseguir treinar ninguém por um bom tempo.

— Bobagem — retrucou o cavaleiro. — Foi uma queimadura superficial, e você não precisa lutar, só ensinar uns amarantinos qual parte da lança enfiar no inimigo.

— Seu treinamento de cavaleiro não lhe ensinou isso? — provocou Bastien. — É a parte com a ponta. Só tome cuidado com o segredo, porque se os outros amarantinos descobrirem, podem acabar tomando essa fortaleza.

Um soco quase fez Bastien vomitar. A manopla do cavaleiro imperial deixou marcas escuras em sua barriga.

— Vou recomendar ao intendente que execute você por insubordinação, verme amarantino.

— Primeiro vão precisar encontrar alguém pra me substituir como instrutor dos conscritos. — Bastien cuspiu. — Duvido que achem alguém tão bom quanto eu.

O imperial deu as costas e saiu resmungando, pintando um quadro vívido do que gostaria de fazer a Bastien assim que o intendente-mor desse a ordem. Não houve refeição naquele dia, e a água não era suficiente para matar a sede e lavar a queimadura. Bastien preferiu dormir com a garganta seca.

No dia seguinte, as masmorras de Valash Fahad ficaram ainda mais agitadas com a chegada de dois novos prisioneiros. Vieram arrastados, berrando improperios. Bastien podia vê-los na cela ao lado, separada da sua por grades de ferro. Estavam cobertos de hematomas, mas riam e soluçavam com o desprendimento costumeiro dos bêbados.

— Gothric, Mallius, o que diabos deu em vocês? — Quis saber Bastien. Aqueles eram dois de seus melhores homens. Dos sobreviventes, pelo menos. — Arranjar briga com os imperiais é a forma mais fácil de morrer por aqui.

— Olha só quem fala! — riu Mallius. — Você recusou a ordem do intendente-mor!

— Eles precisam de um novo instrutor — explicou Gothric, entre um soluço e outro. — De jeito nenhum íamos aceitar seu cargo e ver você balançando de um cadafalso.

— Por isso, tomamos um porre no meio do dia, antes que viessem nos convocar — disse Mallius. — Aí, os imperiais quiseram criar caso, e precisamos quebrar uns narizes.

— Seus idiotas — repreendeu Bastien, mas não conseguiu disfarçar um sorriso. Aqueles homens eram amigos fiéis. — Vão empestear as masmorras com esse bafo de vinho barato.

O cheiro de bebida e suor era terrível, e não escaparia do confinamento sem janelas, mas, ao menos, a companhia seria agradável. Bastien já estava começando a conversar com as baratas e os ratos antes de os amigos chegarem. O problema era que aqueles não seriam os únicos prisioneiros.

Mais amarantinos foram parar nas celas estreitas de Valash Fahad. A pequena insubordinação de Bastien dera a seus contrerrâneos uma fagulha de desafio, e nenhum conscrito cedeu às demandas do intendente-mor. Pior ainda, os lavradores e carpinteiros criaram coragem para berrar a plenos pulmões que não aceitariam

treinamento até que os rapazes de Bastien fossem libertos e que os cofres imperiais providenciassem escudos e armaduras decentes. As demandas eram claras e precisas, e a resposta imperial, como sempre, foi excessivamente cruel. Aqueles que sobreviviam ao espancamento eram trancafiados nas celas.

Bastien não queria se tornar o responsável pelos revoltosos, por isso não encorajou os homens que chegavam às masmorras. Mesmo assim, eles insultavam os guardas e maldiziam Var Khalad sempre que podiam. O povo amarantino passara tempo demais sob o jugo daquele império maldito e, agora que começavam a se insurgir contra a opressão, parecia que não podiam mais parar.

Antes do fim da primeira semana preso, Bastien recebeu outra visita noturna de Nafisa. Ela chegou no meio da madrugada, silenciosa como uma sombra, mas Bastien estava acordado. Não dormia direito, imaginando o que viria a seguir. Pensou que ver sua amada acalmaria seus medos, porém encontrou nos belos olhos de Nafisa um pavor que não vinha da incerteza sobre o futuro, mas sim do conhecimento exato do que o amanhã traria.

— Você precisa obedecer ao meu pai, Bastien. — Ela segurou seus pulsos com força, esquecendo-se até mesmo da queimadura. — Implore-o que o aceite novamente como capataz dos conscritos, e talvez assim ele desista.

— Desista do quê? — Bastien puxou-a gentilmente até o catre de sua cela. Nafisa parecia realmente abalada.

— Em dois dias...Ele vai... dizimar os amarantinos.

— Como assim? Ele não pode matar todos nós e esperar manter a fronteira! Não haverá quem plante as colheitas que alimentam Var Khalad!

— Não todos — disse Nafisa, com a voz trêmula —, um décimo da população, escolhido ao acaso. É uma tradição imperial antiga, abandonada, mas meu pai quer trazê-la de volta. Você precisa impedi-lo! Peça perdão, implore se precisar! Inocentes vão morrer!

— Eu não comecei essa loucura. Ele podia ter aguardado que eu me recuperasse antes de exigir meus serviços, podia ter designado cavaleiros para treinar novos conscritos.

— Eu sei que você não tem culpa, meu amor, mas seu povo o escolheu como uma espécie de herói e, por isso, você precisa salvá-los!

Bastien balançou a cabeça.

— Uma revolta entre os amarantinos só estava esperando para acontecer. Eu só tive o azar de ser o pretexto que eles escolheram. Acha que seu pai vai recuar

dessa ideia insana? Você o conhece melhor do que ninguém, Nafisa. Olhe nos meus olhos e diga se acredita mesmo que eu posso fazer a diferença aqui.

Aquele olhar profundo, ao qual nada escapava, era a coisa mais doce do mundo para Bastien. Ele se viu refletido nos olhos dela e quis ter metade da nobreza daquele reflexo. Quis ser um grande herói por ela, mas era tarde demais. Aqueles olhos atentos também eram incapazes de mentir.

— Ele vai matá-lo. Seu nome estará na lista dos dizimados, eu tenho certeza.
— Ela encostou a cabeça contra o peito de Bastien e desabou em pranto. — Eu não posso perder você!

— Não vai. Vamos fugir amanhã, pela passagem nas despensas.

— Como? Os guardas lá fora aceitam meu ouro para que eu entre aqui, mas nunca o deixarão sair.

— Não se preocupe com isso, meu amor. Prepare suas coisas e me espere nas despensas, à meia-noite.

Nafisa ergueu os olhos mais uma vez. Eram como duas piscinas de mel, refletindo a luz bruxuleante da lamparina. Bastien queria se afogar nelas.

— Mas e o seu povo? Seus companheiros?

— Honestamente, não me importo. Você é o meu mundo, Nafisa.

O amor dos dois naquela noite foi uma coisa desesperada. Ela, tentando afastar os pensamentos do massacre iminente; ele, querendo banhar-se no mel daqueles olhos para se tornar o homem virtuoso que ela via quando o encarava.

IV

Nafisa partiu com a madrugada outra vez. Ele sempre a ouvia chegar, mas sempre estava exausto demais para vê-la partir. Era bom que fosse tão sorrateira. Bastien não conseguia nem imaginar o horror que seu pai infligiria sobre Brannoch caso descobrisse o amor secreto da filha.

O braço queimado já não doía. As bandagens e unguentos haviam funcionado, deixando apenas uma enorme cicatriz rósea onde antes havia pele carbonizada. Seria difícil empunhar uma lança nos próximos dias, porém aquele era o menor de seus problemas. Fez seus exercícios matinais e passou o resto do dia em silêncio, reunindo a coragem necessária para o que viria a seguir.

No fim da tarde, chamou Mallius e Gothric com um sussurro indistinto. Essa era uma habilidade pouco conhecida dos amarantinos: haviam passado tanto tempo

servindo os imperiais em silêncio resignado que eram capazes de travar conversas extensas a um tom abaixo da meia-voz.

Encostado na parede de sua cela, Bastien começou a planejar a fuga com seus companheiros, que desempenhavam o mesmo papel na cela ao lado, prostrados como se tivessem sucumbido à solidão do cárcere.

— Quantos dos nossos estão aqui nas masmorras?

— Uma vintena — respondeu Mallius.

— Mas só metade em condições de lutar — completou Gothric.

— Então, teremos que nos contentar com metade — concluiu Bastien. — Passem a mensagem adiante: sairemos daqui essa noite.

Bastien queria sutileza, mas os outros não pareciam compreender. A notícia se espalhou entre os prisioneiros e, logo, uma agitação palpável tomou conta das masmorras. Os imperiais não eram idiotas e perceberam muito rápido que algo estranho estava acontecendo. Soldados vestidos com cota de malha entraram na cela de Bastien para fazer dele um exemplo para os demais. Um segurava uma lança, a ponta nivelada contra o prisioneiro. O outro, uma chibata. Ambos sorriam com crueldade.

Bastien saltou na direção do segundo homem, antecipando o golpe de lança que se seguiria. Esquivou-se, mas uma chibatada arranhou-lhe o braço bom, arrancando sangue em filetes grossos. Silvou para não gritar, usando a dor para motivar-se.

Agarrou a lança do soldado imperial com uma mão e passou o braço sobre o cabo da arma. Jogou-se ao chão com o peso do corpo, evitando um golpe do outro soldado e puxando a arma do lanceiro. Abaixado e com a lança nas mãos, usou o cabo da arma para derrubar o oponente atrás de si, então ergueu-se com uma estocada certa contra o rosto do imperial à sua frente.

Teria girado a lança em um floreio para perfurar o homem caído, mas não havia espaço na cela apertada. Em vez disso, golpeou-o de novo com a parte rombuda da arma. Atingiu a garganta, para que ele não pudesse gritar em alerta. Seu esforço foi em vão, pois os amarantinos nas celas vizinhas aplaudiram e uivaram em deleite ao ver os imperiais derrotados. Bastien queria uma fuga sorrateira; eles queriam revolta aberta.

Apanhou as chaves que ainda se projetavam da fechadura em sua cela e tratou de libertar Mallius e Gothric. Os dois eram seus melhores lutadores e se adiantaram para bloquear a entrada das masmorras, levando a lança e a chibata consigo. Bastien prosseguiu, libertando seus companheiros um a um. Eles gritavam seu

nome como um canto de batalha. Ele preferia que tivessem ficado em silêncio, mas daria um jeito de usar aquela energia.

Alguns dos prisioneiros estavam feridos demais para lutar, porém deixaram-se contaminar pelo elã dos outros. Pobres coitados, acreditavam que Bastien os salvaria. Ele sequer sabia se podia salvar a si mesmo. Reuniu seus guerreiros, mais alguns trabalhadores que haviam se unido à onda de protestos, e partiu para encontrar Mallius e Gothric.

Os dois estavam prestes a cair diante de um grupo compacto de soldados imperiais. Haviam usado as portas abertas de duas celas para estreitar ainda mais a entrada das masmorras, mas os imperiais trouxeram alabardas para abrir caminho.

— Recuar, agora! — vociferou Bastien.

Não havia alternativa diante da investida imperial. Seus dois tenentes correram para se juntar ao grupo principal dos fugitivos. Além da lança e da chibata, estavam desarmados. Os soldados khaladinos avançavam com determinação, mantendo a formação cerrada.

Bastien ordenou que recuassem ainda mais. As masmorras eram um longo corredor, com celas em ambos os lados e uma única saída. Em pouco tempo, estavam encurralados.

— Estão vendo aqueles soldados? — perguntou Bastien à sua turba. — Eles são tudo o que há entre nós e a liberdade! — Amaldiçoou-se por aquele discurso. Nos anais da história militar, certamente mais de um general enviara seus homens à morte com palavras semelhantes. — Se conseguirmos atravessá-los, ninguém mais poderá nos deter!

Os amarantinos estavam ensandecidos, ansiosos por uma desforra contra seus opressores, e avançaram contra a morte certa. Bastien apanhou a lança das mãos de Gothric e seguiu com a turba. Não encabeçou a carga suicida, mas permaneceu logo atrás da primeira fileira. Usou os corpos dos outros prisioneiros como escudo e estocou com a lança, tentando perfurar a parede de escudos inimiga. Mallius fazia o mesmo com a chibata.

As alabardas imperiais desceram contra os amarantinos, fendendo crânios, decepando membros e, depois de muitas tentativas fracassadas, Bastien finalmente conseguiu derrubar um dos alabardeiros. Gothric saltou sobre a arma do homem antes que seus companheiros a recolhessem. A quantidade de cadáveres no chão tornava o avanço difícil para os imperiais, enquanto os amarantinos eram movidos pelo desespero concentrado dos cativos. Estavam dispostos a ser livres, ou a morrer tentando.

Com uma lança e uma alabarda, Bastien e Gothric conseguiram derrubar ainda mais imperiais, e a fúria de sua turba recrudesceu enquanto a moral dos inimigos arrefecia. Eles tinham muito mais a perder e não avançavam, com medo de morrer pelas mãos sujas de um amarantino.

Foram os feridos que finalmente viraram a maré da batalha de uma vez. Esquecidos em suas celas abertas, os que ao menos podiam caminhar saíram para bloquear a retaguarda imperial. Armados com pedras soltas e tochas arrancadas das paredes, atacaram os guardas por trás. Em instantes, o que parecia a certeza de um massacre transformou-se numa vitória improvável.

Os últimos imperiais se renderam, entregando suas armas. Bastien trancou-os todos numa única cela, depois correu com o restante de seus homens que ainda podiam fazê-lo. Os demais ficariam para trás, mas, ao menos, tinham uma chance de se esgueirar para fora, ou de morrer com algum orgulho, tendo desafiado seus captores até o último suspiro. Com meia dúzia de amarantinos feridos, Bastien irrompeu das masmorras de Valash Fahad. A sensação era de liderar um batalhão glorioso.

V

A fortaleza era como um labirinto. Uma série infundável de corredores apertados e salas quadradas, verdadeiras “caixas de morte”. Bastien não teria chance alguma de fugir numa situação normal, mas havia algo estranho naquele dia. Algo iniciado dias atrás, quando o intendente-mor queimara seu braço na frente de seus homens. Os servos amarantinos estavam dispostos a ajudar os fugitivos. Seria um crime punível com a morte, porém eles não pareciam mais se importar.

Pajens e copeiras agitavam-se à visão de Bastien e seus guerreiros alquebrados, gesticulavam para que prosseguissem ou procurassem um desvio, guiando-os sorrateiramente. Os gritos dos guardas da fortaleza ecoavam por todos os cantos, e o clangor de grevas metálicas enchia o ar. Seria impossível sair dali sem o esforço conjunto dos amarantinos. Em Bastien, eles enxergavam heroísmo onde só havia a determinação de escapar. Não eram diferentes de Nafisa, nesse quesito. Se tivessem visto o que fizera com os prisioneiros nas masmorras, usando-os de massa de manobra, ainda teriam a mesma opinião?

Não havia tempo para pensar nesses assuntos, pois as defesas de Valash Fahad estavam em seu encalço. Já haviam avançado bastante, e as cozinhas estavam logo a frente. Depois delas, ficavam as despensas, e bastaria encontrar a passagem e logo estariam livres. Antes que pudessem alcançá-las, duas linhas de

guardas imperiais irromperam de corredores laterais, bloqueando a passagem. Se o intendente-mor pusesse esses homens em campo, não precisaria se preocupar tanto em treinar conscritos amarantinos.

Bastien ergueu sua própria lança. Não para atacar, mas para que seus homens refreassem o avanço. Eram duas fileiras de três, com Bastien na frente. Havia saqueado escudos e alabardas dos guardas da masmorra. Mallius ainda tinha a chibata, agora enrolada no braço do escudo. Os dez homens diante deles tinham cotas de malha e não estavam cansados de tanto correr; por isso, uma carga ensandecida não seria suficiente para derrubá-los.

As duas forças se chocaram num embate cerrado. Bastien viu Gothric ser trespassado por uma lança por estar fraco demais para erguer o escudo alto o suficiente. O cansaço matava mais homens do que a falta de treinamento. Conseguiu empurrar o homem a sua frente com o escudo e impelir a própria lança contra o assassino do amigo. A cicatriz em seu braço queimado abriu-se novamente com o movimento.

Mallius derrubou outros dois imperiais, mas um bando maltrapilho de prisioneiros não tinha chance contra soldados descansados e cobertos de armadura. A ajuda inesperada veio dos cozinheiros, que abriram as portas das cozinhas em um movimento súbito, e despejaram um líquido fervente sobre os guardas da fortaleza. Pelo cheiro, era algo com legumes. Bastien lamentou o desperdício de boa comida, mas agradeceu silenciosamente à rebeldia espontânea daqueles homens e mulheres. Deviam ter envenenado a comida do intendente-mor há muitos anos, porém sopa fervente derramada sobre soldados imperiais já era um bom começo.

Bastien conhecia muito bem a dor de uma queimadura, e sabia que os guardas seriam incapazes de resistir a um ataque furioso naquele estado. Quebrou a formação de seus homens para penetrar a parede de escudos inimiga. Brandiu a lança com a empunhadura bem próxima da ponta afiada, apunhalando com estocadas curtas. Seus homens o seguiram, gritando e uivando enquanto matavam. Nas cozinhas, outros amarantinos se juntaram a eles, guiando-os para as escadas que levavam à despensa principal. Conheciam a passagem e acobertariam a fuga. Nos corredores da fortaleza, não havia janelas, mas ali sim, e Bastien finalmente pôde ver o céu. A lua havia alcançado seu zênite. Era a hora combinada, porém não havia sinal de Nafisa. Com toda a confusão nos corredores, talvez ela ainda não tivesse conseguido se esgueirar até as cozinhas.

— Mallius, leve os homens com você — ordenou Bastien. — Sigam para os bosques e se escondam por alguns dias. Tentem fugir pelo rio, será mais rápido.

— Bastien, você precisa vir conosco!

— Vou ficar e esperar. Sozinho, posso me esconder melhor.

As chamas irrompendo pelo corredor atrás deles silenciaram a resposta de Mallius. Labaredas douradas encheram as cozinhas, conjuradas a partir do próprio ar. O intendente-mor desistira de enviar soldados para a morte nas mãos de Bastien e viera apanhá-lo pessoalmente.

— Nafisa! — Bastien gritou por sua amada. Talvez ela estivesse por perto; ele rezava para que estivesse. No entanto, nenhuma resposta chegou.

Seguiu gritando enquanto o brilho e o calor se aproximavam. À medida que servos e cozinheiros eram queimados vivos, ele não parou de gritar, mesmo quando o resto de seus homens arrastaram-no até a passagem estreita, escondida atrás de uma parede móvel na despensa principal. Foi forçado a abandonar sua amada. Era isso, ou perecer no fogo.

VI

O túnel levou-os a um trecho montanhoso ao norte de Valash Fahad. No terreno irregular, era difícil correr, mas, ao menos, o intendente-mor não poderia enviar homens a cavalo para segui-los. Bastien havia perdido seu espírito de luta. Nafisa não viera com ele. Temia que a filha do intendente tivesse sido descoberta durante a própria fuga, porém temia ainda mais que ela o tivesse abandonado. Afinal, quem largaria a vida confortável numa fortaleza imperial, governada pelo próprio pai, para fugir pelos ermos com um camponês qualquer?

Deixou que Mallius guiasse os sobreviventes pelo resto da noite. Eram sete agora, pois alguns homens e mulheres que serviam nas cozinhas preferiram seguir os fugitivos a arder nas chamas douradas conjuradas pelo intendente-mor. Seguiram por terreno elevado por boa parte do caminho, mas desceram assim que avistaram um bosque denso onde podiam se esconder. Nenhum deles dormiu ou comeu naquela primeira noite.

— Estou sem ideias, Bastien — reclamou Mallius, quando o sol raiou novamente, a luz difusa penetrando através das copas das árvores. — Você começou isso tudo, agora termine! Diga-nos para onde fugir!

— Eu não comecei nada! Var Khalad nos submeteu a seu domínio por tantos anos que, a cada oportunidade, vemos heróis onde só há sombras. — Bastien sentou-se sobre um tronco caído. Foi a primeira vez que parou de verdade desde que deixou sua cela na masmorra. — Eu queria escapar para viver com ela. Só isso. Vocês todos transformaram minha covardia em heroísmo.

— Eu posso seguir alguém que luta por amor, em vez de liberdade — disse Mallius, agachando-se para ficar cara a cara com seu amigo. — Mas sinto dizer que você escolheu a pessoa errada para amar. Nafisa é uma escriba imperial, e pode muito bem herdar o posto do pai, um dia. Por mais que ela gostasse de você, não trocaria a vida dela pela incerteza da estrada.

Bastien ficou quieto. Não queria dar ouvidos aos argumentos de Mallius, e qualquer resposta que pudesse dar viraria logo uma briga.

— No entanto, nós viemos com você — continuou Mallius. — Você ousou desafiar o império, enfrentou o intendente-mor e sobreviveu. Furou o bucho dos guardas imperiais e escapou do fogo divino. Não tem nada de covarde em você! Agora, guarde seu sofrimento para depois e nos diga o que fazer, porque tem gente aqui que entregou a vida em suas mãos.

— Você está certo, meu amigo. Então, escutem bem — exigiu Bastien, erguendo-se sobre o tronco caído e usando a lança para se apoiar. — As vidas de vocês são suas, e de mais ninguém. Não cabe a mim decidir seus destinos. Mas sua confiança me foi entregue, e isso eu preciso honrar. Seguiremos para oeste, até as margens do Rio Intrépido. Roubaremos um barco pequeno, se for preciso. Pelo rio, fugiremos mais rápido que os cavalos do intendente.

— Vamos nos esconder em Yrham? Arranjar trabalho nas salinas? — perguntou uma jovem.

— Este braço nunca mais vai trabalhar para o império — respondeu Bastien, mostrando a cicatriz da queimadura. — Vamos tomar o que é nosso por direito, nas estradas e nos bosques. Melhor viver como bandidos do que oferecer nossas vidas a Var Khalad!

VII

Ao contrário daquele primeiro dia de fuga desesperada, os anos seguintes foram gentis com Bastien e seus fugitivos. O intendente-mor foi forçado a lidar com o ataque iminente dos bárbaros Hemvald e abandonou a perseguição. Assim, um novo grupo de bandidos de estrada passou a assolar o interior dos reinos amarantinos.

Eram como corvos, no início. Observavam os movimentos de invasores bárbaros, ou das criaturas abissais que, de tempos em tempos, emergiam das águas para atacar o litoral. Quando esses invasores vinham, as guarnições imperiais devotavam seus esforços para rechaçá-los, e as patrulhas e vigílias tornavam-se infrequentes. Seguiam o rastro da matança, fosse imperial, fosse invasora, e

pilhavam os restos. Mais de uma vez, Bastien precisou lutar contra carniçais que seguiam a mesma trilha não pelas riquezas, mas pela carne dos mortos.

Sempre havia sobreviventes dessas escaramuças menores, e Bastien lhes oferecia um lugar em seu pequeno grupo. Servos amarantinos e bárbaros desgarrados de seus clãs sempre aceitavam, enquanto soldados imperiais costumavam preferir a morte. Porém, lá pelo sétimo ano de banditismo, já havia entre o bando uma boa quantidade de nativos de Var Khalad, fáceis de distinguir não pela cor da pele, que variava entre os imperiais, mas pela forma como lutavam, sempre apostando nos números e mantendo formações de batalha cerradas.

Mais ou menos nessa mesma época, já com quase cem lanceiros sob suas ordens, Bastien decidiu que assaltariam uma Grande Caravana. Os mercadores hathamitas traziam riquezas de todos os cantos de Noltora para vender em Var Khalad, e viajavam com guarnições formidáveis. No entanto, Bastien aprendera a ler os movimentos dos terrores que assolavam o continente, e soube que um bando de selvagens do clã Isafir estava preparando uma emboscada no mesmo dia em que o príncipe mercante Ur-Nazir chegaria aos reinos amarantinos.

Ur-Nazir estaria preparado para lidar com os bárbaros e, provavelmente, com os homens de Bastien, caso atacassem a caravana logo em sequência. Porém, um novo pacto de bruxas havia se instalado ao longo das montanhas ao norte de Brannoch, bem onde corria a rota das caravanas mercantes. Disso, Ur-Nazir não sabia.

Normalmente, um pacto de bruxas ficaria contente em apenas comercializar com os hathamitas. No entanto, se os mercadores chegassem a elas já debilitados pelo ataque dos selvagens, seriam recebidos como um banquete para seus filhos carniçais. Assim, Bastien posicionou seus homens para um terceiro ataque. Acamparam numa mata de abetos, próxima a estrada, mas longe o suficiente do ninho das bruxas. Os Isafir atacariam a caravana assim que ela cruzasse a fronteira, e os carniçais viriam em seguida. Por mais bem preparados que estivessem, os hathamitas não resistiriam a um terceiro ataque. Os guerreiros de Bastien ficariam contentes em pilhar as sobras, mesmo depois que os comedores de carniça tivessem reclamado o próprio quinhão.

O sol já se punha quando os remanescentes da Grande Caravana se aproximaram do bosque de abetos. Bastien posicionou seus homens de costas para o ocaso, e a luz alaranjada projetou as longas sombras dos bandidos de estrada e suas lanças cruéis contra a linha de cavalaria leve dos hathamitas. O segredo de um assalto bem-sucedido era a intimidação. Três quartos do trabalho aconteciam antes

da luta: posicionamento, saber a hora de agir, projetar uma presença imponente. Se tudo fosse bem feito, sequer haveria necessidade de combate.

Mesmo tendo orquestrado tudo com cuidado, Bastien surpreendeu-se ao ver a linha minguada de cavalarianos hathamitas se abrir para deixar passar a carruagem do príncipe mercante, ostentando uma bandeira de trégua. Quando o veículo parou a meia distância de Bastien e seus saqueadores, foi o próprio Ur-Nazir quem desceu da carruagem. Sequer trazia guarda pessoal; estava acompanhado apenas por um escriba. Farejando uma armadilha, Bastien foi de encontro ao mercador, acompanhado de Mallius e mais dois guerreiros, ambos veteranos daquela primeira fuga.

— Que bom que os cavalheiros apareceram! — disse Ur-Nazir, a voz animada e ribombante, antes mesmo que Bastien pudesse falar qualquer coisa. — Vejo que são nativos da região. Não poderiam ter chegado em melhor hora!

— Que espécie de jogo é esse, velho? — indagou Bastien, ríspido. — Viemos por seu ouro, então trate de entregá-lo.

— Evidente que sim, cavalheiro. — Ur-Nazir afagou sua prodigiosa barba, branca e encaracolada. Ao seu lado, o escriba sacara pena e pergaminho e tomava notas. — Eu também vim pelo meu ouro; é a razão de eu ir a qualquer lugar, na verdade. Mas ele nem sempre está comigo.

— Não vai se safar dessa, imperial. Se não tem ouro, levaremos o que há nas suas carroças.

— Primeiro — Ur-Nazir ergueu um dedo marrom e enrugado —, embora tenhamos uma ancestralidade comum, o povo hathamita não é parte do império khaladino. Aqueles de nós que juraram lealdade ao Deus-Rei já não fazem parte de nossa comunidade nômade.

— Mas vocês fazem negócio mesmo assim.

— Eu faço negócios com qualquer um, meu rapaz. Se ainda não percebeu, estou negociando com você.

— Sim. Vai me dar sua mercadoria e, em troca, sair daqui com sua vida.

— Veja, Orik! — disse o velho mercador ao seu escriba, que escrevia furiosamente no pergaminho. — Nosso amigo é duro na barganha! — Então, voltou-se outra vez a Bastien. — Seus termos são aceitáveis, meu rapaz. Mas posso oferecer uma oportunidade ainda mais lucrativa a você e seus cavalheiros da estrada?

Bastien nivelou a lança contra o peito de Ur-Nazir. O velho vestia mantos brancos, encardidos pelo uso, e um colete amarelo bordado com fios dourados. De

longe, o vento trouxe uma série de cliques secos: o som de bestas pesadas sendo armadas.

— Escolha bem suas próximas palavras, hathamita — Bastien exigiu. — Não sou um homem de negócios.

— Logo se vê. Ficaria feliz em entregar-lhe o pouco que me sobrou: sacas de farinha e fardos de couro. Mas posso lhe oferecer aço, ouro e carne salgada, se me ajudar a recuperar o que perdi.

Bastien manteve a lança erguida, mas continuou ouvindo.

— Veja, meu rapaz — prosseguiu o mercador. — Quando o pacto de Vilamento me ofereceu os mesmos termos de barganha que você apresentou agora há pouco, eu alegremente consenti. Bárbaros da Terra Arrasada fizeram um estrago à minha caravana e, embora eu pudesse ter dado conta das bruxas de Vilamento e seus carnicais, isso me custaria homens demais. Por isso, optei pelo prejuízo menor, e deixei que elas levassem o que quisessem da caravana. Agora, vejo um grupo de guerreiros robustos, com lanças e armaduras de couro fervido, que podem muito bem me ajudar. Ofereço trabalho honesto em troca de pagamento justo!

— Por que não correu para pedir ajuda aos imperiais? — Quis saber Bastien.

Ur-Nazir ergueu uma sobrancelha branca e felpuda. O escriba tomou nota.

— Isso é uma sugestão, meu jovem? Vinda de um amarantino?

— Só estou curioso.

— Meu plano inicial era fazer exatamente isso, mas seus homens são uma opção bem melhor para mim. Veja, o império nunca negocia, apenas exige. Tenho certeza de que eu e você temos muito mais chances de chegar a um acordo satisfatório para ambas as partes.

— O que me impede de matar você agora mesmo, pegar o que ainda tiver aqui e depois ir atrás das bruxas para roubar seu ouro?

— Isto.

O escriba finalmente parou de escrever. Inspecionou o pergaminho por meio segundo, e virou-o para que Bastien pudesse lê-lo.

— Eu lhe ofereço um contrato por prazo indeterminado, meu rapaz. O ouro que receberão de mim hoje é menos do que podem ganhar nos próximos anos como companhia mercenária a meu serviço.

— Preciso me reunir com meus tenentes antes de decidir qualquer coisa — Bastien respondeu —, mas você é um negociador e tanto, velho.

— Leve o tempo que precisar. — Ur-Nazir sorriu. — Explique a seus homens a diferença entre bandidos de estrada e uma companhia mercenária.

— E qual seria?

— Mercenários são pagos antes da matança terminar.

VIII

Reaver o ouro das bruxas de Vilamento tinha sido um trabalho difícil, como era de se esperar. A magia das criaturas roubava a força e a vitalidade, e Bastien perdeu muitos bons homens naquele dia, Mallius entre eles. Bastien chorou pelo amigo, mas, ao mesmo tempo, foi forçado a esconder um certo alívio. Os homens e mulheres que fugiram com ele de Valash Fahad eram uma cicatriz ainda pior que sua queimadura, a lembrança constante de ter sido abandonado por Nafisa. Quanto mais pudesse se afastar daquela memória dolorida, melhor.

Após a luta árdua contra as bruxas, os anos gentis se tornaram anos generosos para os guerreiros de Bastien. Antes, meros bandidos de estrada, agora, uma companhia mercenária legítima, conhecidos como A Mão Queimada. Bastien transformara sua tortura em troféu.

Sob Ur-Nazir, não precisavam se esconder dos imperiais. Melhor que isso, eram reconhecidos como homens livres, guerreiros sob contrato de um homem influente. O trabalho não era fácil, mas estavam acostumados a muito pior. Seu empregador providenciou-lhes aço de qualidade, armaduras resistentes e até cavalos. Ainda arriscavam a vida todos os dias, porém, agora, tinham as ferramentas certas para fazê-lo.

Dez anos como mercenário não permitiram que Bastien amolecasse. Chegando na casa dos quarenta, ainda exibia o físico de lutador que o tornara líder dos conscritos amarantinos. Já não passava fome, nem baixava a cabeça quando um sacerdote ou cavaleiro se aproximava para negociar com seu patrão. Ur-Nazir não era pródigo com seu ouro, mas sabia o valor de uma boa escolta armada, e certificou-se de renovar o contrato com os homens de Bastien outras duas vezes.

— Estamos completando dez anos de uma relação profissional próspera — comentou o príncipe mercante, que havia decidido cavalgar ao lado de Bastien pelo último trecho de Terra Arrasada daquela viagem. — Eu gostaria de mantê-lo a meu serviço, Bastien, mas, me pergunto, já não juntou dinheiro suficiente para se aposentar?

— Você devia estar dentro da carruagem, Nazir. É mais seguro. — Já haviam feito aquela rota oito vezes seguidas, desde a Vascócia até Var Khalad, mas Bastien

ainda não se sentia à vontade cruzando a Terra Arrasada. Nunca se sentiria. — Ainda não alcançamos a fronteira amarantina.

A Grande Caravana Ur-Nazir trazia consigo ouro e lã vasgoces, minério de ferro mordravo e tinturas coloridas solumbrianas. Mais de vinte vagões atravessavam o último estirão de Terra Arrasada. Haviam acampado na Ravina dos Ecos, local considerado sagrado para os bárbaros, e não haviam sido molestados. Porém, entre a ravina e a fronteira com Brannoch, nada era santo para os selvagens.

— Se eu não estiver seguro junto ao meu chefe da guarda, não estarei seguro em lugar algum, não concorda? Responda à pergunta, meu amigo. Não está cansado dessa vida?

— Não sei como dizer isso de forma educada, Nazir... mas você já se olhou no espelho?

O velho mercador desatou a rir. Ele entendia o argumento. Ur-Nazir era rico além do que poderia gastar nos anos de vida que lhe restavam, mas, ainda assim, prosseguia por suas rotas mercantis, sempre as mais desafiadoras e lucrativas.

— Então é isso, amor ao ofício? — Quis saber o príncipe mercante. — Eu amo barganhar em terras estrangeiras, Bastien, amo viajar e conhecer pessoas interessantes. Mas, principalmente, eu amo não ter que sujar minhas mãos de sangue. Você, ao contrário, fez disso seu modo de vida. Não sente o peso da sua profissão? O preço que anos de luta ferrenha cobram de um homem?

— Eu já quis viver encolhido em alguma cabana, trabalhando com o que quer que o império desejasse de mim. — Bastien suspirou. — Mas uma vida assim precisa de algo que a faça valer a pena, e isso, eu perdi há muito tempo, quando ganhei minha liberdade. Matar para sobreviver foi a única opção que me sobrou.

— Acho que toquei em um ponto sensível sem querer. — Ur-Nazir esfregou sua barba, consternado. — Desculpe por isso.

Bastien diria que Ur-Nazir não precisava se desculpar, que seus traumas não eram culpa dele, e que devia gratidão ao mercador por ter lhe oferecido a oportunidade de uma vida melhor. No entanto, as palavras morreram em sua garganta quando o som inconfundível de bestas pesadas sendo disparadas fendeu a manhã.

Estavam sob ataque, mas Bastien julgou mal a situação. Imaginou que seus homens haviam disparado contra saqueadores, que tinham se antecipado a uma emboscada. Bárbaros da Terra Arrasada não costumavam usar armas tão

sofisticadas quanto bestas, afinal. Porém, os anos haviam escolhido aquele dia para retirar a generosidade que sempre mostraram a Bastien.

Os selvagens atacaram de maneira incomum, terrivelmente furtiva. Entre as pedras do solo, camuflados com mantos e peles cinzentas, esperaram que a Grande Caravana passasse por eles e, então, dispararam. Havia posicionado besteiros de ambos os lados da caravana, apanhando-os no fogo cruzado.

Bastien segurou as rédeas do cavalo de Ur-Nazir e esporeou o seu próprio em direção à carruagem do príncipe mercante. O veículo era reforçado, e seu empregador estaria protegido dentro dele. O velho mercador não se desesperou; manteve-se ereto na sela e saltou sem medo para dentro da carruagem tão logo o cocheiro abriu-lhe a porta.

A manobra custou a atenção de Bastien, e seus homens de vanguarda ainda estavam atordoados, sem saber se os viotes de besta vinham do norte ou do sul. Os dois primeiros vagões da caravana estacaram de súbito quando as paradas de cavalos que os puxavam caíram em um buraco raso, oculto no solo pedregoso. Os bárbaros haviam preparado aquela emboscada com bastante antecedência.

Os mercenários da Mão Queimada não se deixaram intimidar. Formaram um círculo ao redor da carruagem real de Ur-Nazir e mais alguns vagões de carga preciosa. Tinham números suficientes para fazer frente a um pequeno exército. O cavalo de Bastien pateou ansiosamente o cascalho cinzento com o casco, mas obedeceu quando seu mestre firmou o aperto em suas rédeas, e se manteve em formação. Foi quando o fogo começou.

Nem todos os vagões haviam sido protegidos pelo perímetro dos mercenários. A retaguarda ficara desprotegida, e seus vagões chamejaram repentinamente. O fogo fez Bastien se lembrar do intendente-mor e da magia hedionda dos sacerdotes imperiais. No entanto, aquelas chamas não eram sobrenaturais; havia o cheiro inconfundível de óleo de baleia queimando no ar. Os selvagens haviam arremessado jarros da coisa contra os carroções de madeira e, então, ateado fogo a eles.

Uma segunda leva de viotes assoviou, e o cavalo de Bastien foi alvejado no pescoço. O animal desembestou em carga, ensandecido pela dor, e Bastien foi forçado a apear. Ergueu seu escudo para se proteger, mesmo sabendo que um tiro de besta pesada poderia perfurar sua armadura. Não precisou se preocupar com aquilo, porque, finalmente, os bárbaros atacaram.

Não era um, mas dois bandos de saqueadores. Cada grupo atacou de uma direção diferente. Bastien viu os selvagens desvencilharem-se de seus mantos camuflados e correr uivando em direção à Grande Caravana, os rostos pintados

com cinzas para melhor se esconder na paisagem. Mais guerreiros despontaram no horizonte, cavalgando e gritando. O segredo de um bom assalto era a intimidação, e aqueles bárbaros eram mestres no assunto.

— Mantenham a formação! — Bastien ordenou. — Besteiros: preparar, apontar, disparar!

Os besteiros da caravana tiveram chance de disparar uma única saraivada de virotes antes que a primeira onda de selvagens os alcançasse. Bestas exigiam muito tempo de rearme, e não serviriam contra oponentes tão próximos.

Selvagens a pé saltaram sobre mercenários a cavalo, ignorando a enorme desvantagem. O resultado foi o esperado: os homens de Bastien deram conta dos atacantes com pouco esforço. O próprio Bastien, porém, estava a pé, e teve de enfrentar um bárbaro musculoso cara a cara. O guerreiro tinha uma máscara de ossos sobre o elmo, com chifres ornamentais, marcando-o como membro do clã Hemvald.

Bastien impeliu a lança contra o bárbaro, que girou para desviar, sem sequer erguer o escudo, e contra-atacou com um martelo de uma mão. Era uma arma pouco útil ali, mas a força do desgraçado era tão grande que fez o braço de Bastien tremer ao acertar seu escudo. Empurrou o bárbaro com um encontrão, e aplicou-lhe uma rasteira. Bastien tinha botas reforçadas; o selvagem vestia apenas peles. O chute foi o suficiente para roubar-lhe o equilíbrio por um segundo. Bastien só precisou de metade desse tempo para levar sua lança à barriga do oponente.

Infelizmente, os outros guerreiros da Mão Queimada já não estavam com tanta sorte. Os cavalarianos selvagens haviam alcançado a formação circular dos mercenários. Bastien não podia ver quem atacava a caravana pelo norte, mas reconhecia os gritos de dor de seus homens, e um canto ritmado e gutural de júbilo. Era uma canção de batalha do clã Isafir. Dois clãs, unidos contra um único inimigo. Aquele não era um simples assalto.

No tempo que Bastien levava para derrubar o bárbaro com o martelo, a força de cavalaria Hemvald já se aproximara de sua linha de defesa pelo sul. O choque dos cavalarianos seria mitigado pelas lanças dos mercenários, mas os bárbaros surpreenderam os homens de Bastien atirando achas de arremesso. Os pequenos machados giraram no ar instantes antes de a cavalaria inimiga alcançar a caravana em sua carga. Lâminas rudes feriram alguns dos cavalos da Mão Queimada.

Ainda de pé, Bastien recuou para que seus cavalarianos pudessem lidar com os atacantes. Subiu na carruagem que abrigava Ur-Nazir para entender melhor o que estava enfrentando. Estavam cercados por todos os lados, e havia mais selvagens no horizonte. Estimou uns trezentos ao todo. Se não dessem conta do

chefe guerreiro daquele bando imediatamente, seriam sobrepujados pela terceira onda de atacantes.

Não foi difícil localizar o homem. O chefe guerreiro era um Hemvald com uma galhada de cervo no elmo e um colete de escamas reptilianas iridescentes sobre a armadura. Ninguém se vestiria de modo tão extravagante se não quisesse projetar poder. Bastien mirou sua lança e arremessou-a como um dardo. O chefe guerreiro cavalgava um corcel branco manchado de cinza e, em vez de recuar, esporeou a montaria para receber o projétil com seu escudo. Depois, usou seu machado de cabo longo para cortar fora o cabo da lança presa na madeira de carvalho.

O líder Hemvald procurou por seu atacante, erguendo a vista para o ponto de onde a lança havia sido arremessada. Bastien já não estava lá. Correu por entre os cavalos que se debatiam em combate, arriscando ser pisoteado pelas montarias dos selvagens. Cravou um punhal recurvo na coxa do chefe guerreiro, que ainda o procurava em meio à multidão. Ele gritou, mais de surpresa que de dor.

Bastien torceu a lâmina e puxou com força, derrubando o bárbaro de sua montaria. Com o inimigo no chão, quis abaixar-se para terminar o serviço, mas estava rodeado de outros selvagens. Por isso, preferiu subir no cavalo cinza e branco e recuar. Que o chefe guerreiro morresse pisoteado. Com um movimento muito praticado, içou-se sobre a sela e desferiu um chute no flanco de outro cavalo. Aproveitou-se da confusão para girar a montaria no eixo e esporeou-a para fugir. Em vez disso, o garanhão empinou.

A montaria do bárbaro não aceitaria outro cavaleiro além do dono. Bastien foi ao chão com a mesma facilidade com que derrubara o selvagem. Uma sombra assomou-se sobre ele. Esperou que o golpe derradeiro viesse por lança ou machado, mas o que acertou sua cabeça foi um chute forte. O mundo apagou-se para Bastien. Os anos finalmente haviam se fartado de tratá-lo bem.

IX

Acordou com o som do fogo crepitando e o cheiro de carne queimada. Por um instante de pânico absoluto, pensou que estivesse de volta a Valash Fahad, com o intendente-mor a calcinar-lhe a pele. Mas o cheiro era de gordura de porco. Ergueu-se como pôde, e percebeu que estava amarrado. Para coroar o infortúnio, tinha a pior dor de cabeça de toda a sua vida.

— Olha só, Volgyr! — disse uma voz feminina. — Ele até que acordou rápido.

Bastien franziu o cenho, tentando enxergar melhor. Havia fumaça demais no ar, mas conseguiu vislumbrar a silhueta de sua captora. A bárbara tinha longos cabelos dourados que se derramavam em tranças apertadas sobre um rosto anguloso. Pintura de guerra escura escondia sua idade, porém a voz era jovem. Tinha um dos pés erguidos, a bota apoiada sobre as costas de outro prisioneiro.

— Onde estão meus homens? — exigiu Bastien, com um rosnado.

— Rendidos — disse a guerreira. — Todos os que se entregaram foram poupados, fique calmo.

— Não responda esse bastardo! — vociferou o chefe guerreiro dos Hemvald. Ele bamboleou em direção a Bastien com a coxa enfaixada. As bandagens estavam vermelhas. — Nós faremos as perguntas!

— Com você mancando desse jeito — disse Bastien —, a galhada de cervo nesse elmo parece bem ridícula.

Uma acha de arremesso acertou o solo ao lado de Bastien. A arma bateu no cascalho e caiu sobre ele. Com as mãos amarradas, não tinha como se aproveitar daquilo.

— Não esqueça do porquê de estarmos aqui, Volgyr — advertiu a selvagem de tranças douradas.

— Você repetiu o plano todo dia por três meses, Frikka — respondeu o chefe guerreiro. — Impossível esquecer.

— Então, deixe o amarantino inteiro.

Frikka caminhou até Bastien arrastando seu prisioneiro. Era o príncipe Ur-Nazir, amarrado e amordaçado. Ela sentou-o diante de Bastien e, então, sentou-se ela própria com as pernas cruzadas, um pouco afastada dos dois.

— Essa não é a maneira dos clãs — protestou Volgyr, ainda de pé.

— Cuide dos seus Hemvald, cabeça de cervo. Meus Isafir estão cansados de matar por migalhas. Agora, deixe que eu cumpra meu papel.— Frikka voltou-se aos prisioneiros enquanto Volgyr observava. — Muito bem senhores, vamos negociar.

— O mercador aqui é ele — disse Bastien, meneando a cabeça na direção de Ur-Nazir.

— Por isso mesmo ele está amordaçado. O que queremos é contratar seus serviços de mercenário. A Mão Queimada tem muito a ganhar se cooperar conosco.

— O que bárbaros podem querer com mercenários? Vão nos pagar para roubar mais ouro para vocês?

— “Bárbaros” é como vocês nos chamam — interveio Volgyr. — Nós somos o Povo das Cinzas.

— Exatamente — concordou Frikka. — E ouro é inútil. Daremos todo ouro da Grande Caravana a vocês como pagamento. O que nós queremos é roubar pedra e terra, e você vai nos ajudar.

— Vocês já derrotaram meus homens, me amarraram e amordaçaram o príncipe mercante, não precisam fazer rodeios. Digam logo o que querem!

— Valash Fahad — grunhiu Volgyr. — O forte da fronteira.

— Dizem que você escapou de lá por uma passagem secreta — completou Frikka. — Queremos que guie nossos melhores guerreiros até ela. Tomaremos a fortaleza sem um cerco.

Bastien não pôde evitar e riu.

— Como acham que vão deter o intendente-mor? Ele é um língua de fogo, se apanhá-los em um corredor, serão incinerados.

— Você sobreviveu a ele — observou Volgyr.

— Eu estava fugindo, não invadindo.

— Não faz diferença — comentou Frikka. — O velho se foi. O novo intendente tem guerreiros de elite, mas não usa magia.

— E se eu me recusar? — indagou Bastien.

Frikka sacou um punhal comprido e alcançou Ur-Nazir com a outra mão. Puxou o velho para si e encostou a faca em seu pescoço, sob a barba.

— O velho morre.

— E não apagaremos a fogueira — completou Volgyr.

Antes que tivessem uma resposta, o chefe guerreiro Hemvald içou Bastien com força prodigiosa. De pé, viu a fonte das chamas. Os vagões da grande caravana haviam sido destruídos, sua madeira usada como lenha. Havia bárbaros assando porco no calor, mas aquilo não era uma fogueira de acampamento. Era uma enorme conflagração esperando para acontecer, as chamas subindo devagar pela enorme pira. Sobre ela, quase um terço dos homens de Bastien jaziam imobilizados. Seus rostos estavam negros de fuligem.

— Esses aí não se renderam — disse Frikka. — A vida deles depende da sua resposta: vai trabalhar para nós?

Bastien nunca imaginara que os bárbaros da Terra Arrasada fossem capazes de algo daquele tipo. Agiam como selvagens, atacando sem parar, exultando com a matança. O que Frikka e Volgyr estavam fazendo exigia sutileza e planejamento, pelo menos, até que a matança começasse.

— Sim — disse Bastien, como se houvesse outra opção. — Quando começamos?

X

Viajar com os bárbaros foi uma experiência estranha. Eles fizeram Ur-Nazir de refém, mantendo-o como garantia de que a Bastien e a Mão Queimada cumpririam o combinado, mas devolveram as armas dos mercenários sem a menor preocupação. Aparentemente, quando um chefe guerreiro derrotava o outro, era costume os seguidores do vencido prestarem juramento ao vencedor. Os selvagens estavam aplicando o mesmo raciocínio à companhia de Bastien.

Frikka e Volgyr nem sempre concordavam. Cada um comandava o próprio bando, e tomavam decisões em conjunto após longas e acaloradas discussões. Entretanto, os dois nunca chegavam às vias de fato. Havia uma aliança nova ali, incomum aos povos da Terra Arrasada. Eles estavam cooperando para benefício mútuo, com resultados impressionantes.

Cruzar a fronteira leste de Brannoch foi trabalhoso. Não podiam simplesmente passar pelos postos de vigia e seguir direto pela Estrada Imperial, ampla e calçada com pedras. O enorme bando de selvagens foi obrigado a se dispersar, atravessando em grupos pequenos, sempre durante a noite. Obrigaram os homens de Bastien a fazer o mesmo, com cada grupo de infiltradores levando um ou dois mercenários consigo. Bastien atravessou por último, ao lado de Frikka e Volgyr.

Era nítida a discrepância entre o solo infértil da Terra Arrasada e as terras viçosas de Brannoch. A linha de fronteira não era marcada por um rio ou acidente geográfico, e sim pelo ponto em que a grama verde começava a crescer. Não havia outra explicação para aquela divergência, senão a magia antiga que, os mais velhos insistiam, havia devastado boa parte do continente. Até as montanhas do reino amarantino eram diferentes. Enquanto a Terra Arrasada exibia escarpas traiçoeiras que recortavam o horizonte como dentes afiados ou cacos de vidro estilhaçado, Brannoch exibia aclives gentis, com colinas antes das montanhas, e belos picos nevados nos pontos mais elevados.

— Vocês não acham perigoso cruzar a fronteira juntos? — Bastien perguntou com um sussurro, enquanto se moviam furtivos na noite. — Se vocês dois forem

pegos, seus bandos ficarão sem liderança.

— Se os imperiais nos derrotarem aqui — disse Volgyr —, nós merecemos o fracasso.

— Nosso povo respeita líderes fortes — explicou Frikka. — Chefes guerreiros viajam à frente do bando quando cavalgamos, e na retaguarda quando nos esgueiramos. É o costume antigo.

— Vocês já estão violando um monte de costumes. — Bastien queria entendê-los. Pareciam selvagens à primeira vista, mas tinham uma sagacidade e um orgulho que indicava o contrário. — Quebrar mais esse seria tão ruim?

— Silêncio — pediu Frikka.

Uma patrulha imperial perambulava a região, e os cascos de seus cavalos batucavam devagar à distância. Bastien colou a barriga no chão para esconder-se sob a grama alta. O intendente-mor costumava enviar conscritos para vigiar a fronteira. Geralmente, um grupo de cinco ou seis lanceiros com um único cavalo. Se fossem atacados, um dos homens deveria cavalgar de volta a Valash Fahad e soar o alerta. Os demais deviam morrer para assegurar a fuga do cavalariano.

O que Bastien viu ali, entretanto, foi uma patrulha montada. Vestiam armaduras leves, mas completas, feitas de couro. Até os cavalos tinham proteção peitoral. A ausência de aço e cota de malha o enganou por um instante, porém o porte daqueles patrulheiros era inconfundível. Santos Cavaleiros a serviço do império.

As tochas dos patrulheiros iluminavam o que as estrelas no céu não conseguiam, mas não estavam próximas o suficiente para revelar Bastien e os chefes guerreiros. Pararam por alguns instantes, e Bastien prendeu a respiração. Os cavaleiros deixaram que suas montarias mordiscassem um pouco da grama fresca que crescia ali antes que alcançassem o solo acídico da Terra Arrasada.

— Pra responder sua pergunta — sussurrou Frikka, quando a luz das tochas da patrulha tornou-se quase tão pequena quanto as estrelas no horizonte. — Nós rompemos costumes atrasados porque nossos guerreiros nos respeitam, mas, se mudarmos tudo de uma vez só, esse respeito se evapora.

Fazia sentido, mas Bastien já não se importava. Ele pensava em Valash Fahad, e no homem que queimara seu braço e destruíra seus sonhos. Não, não era a lembrança do intendente-mor que lhe causava aquela dor. Era Nafisa. Ela o havia deixado, forçando-o a partir sozinho. Agora ele retornava, e não sabia se a encontraria, nem o que faria ao revê-la.

Seguiram viagem noite adentro. Deviam encontrar-se com o restante do grupo ao amanhecer, num bosque que Bastien conhecia bem. Ficava perto o suficiente de Valash Fahad para que montassem um ataque repentino, mas longe o bastante para se manterem ocultos. Também, ficava perto da passagem secreta para a fortaleza, porém os bárbaros ainda não sabiam daquilo.

— O novo intendente-mor, quem é? — perguntou a Frikka. Volgyr parecia terrivelmente mal-humorado em ter que se esgueirar como um ladrão. — É a filha do antigo intendente?

— Nem sabia que o velho língua de fogo tinha filha. É um homem. Um Santo Cavaleiro que já matou uns quatro parentes meus.

O costume imperial era nomear um sacerdote do Deus-Rei para reger cada fortaleza dos protetorados. Não eram apenas os bárbaros que estavam tentando coisas novas, Var Khalad também rompia velhas tradições. Mas onde estaria Nafisa? Seria a escriba do novo intendente, ou teria seguido com o corpo de seu pai até a capital imperial para presenciar os ritos fúnebres? As perguntas e as dúvidas incomodaram Bastien pela madrugada, e só o abandonaram quando o sol raiou, pois haviam chegado a seu destino, e o bosque havia sido desmatado por inteiro.

Os bandos de Volgyr e Frikka reuniram-se lá assim mesmo, com os mercenários de Bastien entre eles. Era um acampamento bastante visível, com a luz da manhã refletindo sobre o aço das lanças e machados.

— Essas árvores foram cortadas por servos de Valash Fahad — disse Bastien aos chefes bárbaros. — Provavelmente, o antigo intendente ordenou que arrancassem cada galho depois que usei o mesmo bosque como esconderijo na minha fuga.

— Não importa — rosnou Volgyr. — Estamos longe o bastante para não sermos vistos.

— Errado. Se eles se deram ao trabalho de vir até aqui destruir o bosque, devem ter vigias em algum lugar. Nas escarpas ao norte, provavelmente.

— Por que lá? — perguntou Frikka.

— É onde fica a passagem, se já não a tiverem selado.

Não tardou para que as palavras de Bastien fossem comprovadas. Enquanto os bárbaros decidiam o que fariam e a Mão Queimada se reagrupava, uma tropa de cavalaria surgiu no horizonte. Eram bem maiores que o grupo de patrulha, pelo menos cinquenta homens, todos de armadura pesada e lanças longas.

Pararam numa elevação suave, a uma distância segura dos selvagens. Estavam em menor número e pareciam não ter intenção de atacar. Bastien não

entendia por que precisavam de uma força tão grande para enviar uma mensagem, mas quando a vanguarda dos cavalarianos se abriu para dar passagem a uma figura de armadura escura, montada em um corcel negro, descobriu a resposta. Aquela era uma guarda de honra, e o mensageiro era o próprio intendente-mor, o novo regente de Valash Fahad.

— Filhos das cinzas! — bradou o homem. A armadura de aço escuro e o cavalo da cor de piche o tornavam imponente, mas havia juventude demais em sua voz. — Estas terras estão sob minha proteção. Deixem Brannoch até o meio-dia, ou serei forçado a expulsá-los!

O cavaleiro negro empinou seu cavalo formidável, então deu meia-volta e partiu, sem esperar resposta ou desafio. Seus guardas de honra o seguiram. Bastien riu com desdém.

— Ataque agora — disse a Volgyr. — Subam em seus cavalos e impeçam o idiota honrado de voltar à fortaleza.

— Mostre-me a passagem — exigiu Volgyr. — Apanharei aquele fedelho quando ele menos esperar.

— Não, idiota! Na fortaleza, ele tem centenas de homens à disposição! Aqui, ele está vulnerável! Eu guiarei Frikka e mais alguns homens até a passagem. Podemos tomar a fortaleza antes que ele retorne para coordenar as defesas.

— É um bom plano — concordou a guerreira de tranças douradas. — Por que o entusiasmo súbito, mercenário?

— Porque ele acha que pode nos oferecer misericórdia. Os imperiais já pisaram demais nas costas de meu povo para bancar os honrados protetores agora. Ataque, Volgyr, ou perderemos nossa chance!

O bárbaro sorriu e recolocou seu elmo com a galhada de cervo. Apanhou o machado de cabo longo e correu até seu cavalo.

— Montem, seus imprestáveis! — Volgyr ordenou. — Vamos mostrar aos imperiais o que achamos de sua honra!

Bastien chamou seus próprios homens e ordenou-os a seguir Volgyr. Não havia montarias o suficiente, então teriam que seguir a pé.

— Quando os imperiais estiverem ocupados com os bárbaros, bloqueiem a retaguarda deles. Se tentarem contorná-los, tornem a manobra custosa. Precisarei de tempo para alcançar a fortaleza.

Quando terminou de enviar seus mercenários, Frikka já estava pronta com um pequeno grupo de guerreiros, metade portando bestas pesadas, além de lanças e

escudos.

— Mostre o caminho, mercenário.

— É uma jornada difícil pelas montanhas, mas é nossa melhor chance. Vamos ver se o novo intendente vai agir com integridade depois que perder Valash Fahad.

XI

A subida pelo trecho montanhoso que levaria à passagem oculta não era exatamente difícil, mas a maioria dos guerreiros de Frikka ainda não havia conseguido descansar após a jornada através da fronteira. O terreno rochoso, sempre em auge, dificultava o progresso. O caminho era estreito, ladeado por paredões de rocha à direita e pelo vazio à esquerda, prometendo uma queda cada vez mais perigosa à medida que avançavam. Ainda assim, persistiram.

A líder dos bárbaros Isafir havia aprendido muito bem como se utilizar das bestas pesadas em um ataque. Na emboscada que apanhara a Grande Caravana, empregara as armas com a vantagem da surpresa, evitando confiar demais nelas, já que demoravam para ser rearmadas. No papel de invasores, os bárbaros não teriam a mesma chance. Por isso, cada besteiro era acompanhado por um ajudante portando um grande escudo. Em Var Khalad, esses escudos eram chamados de paveses, e feitos com reforços de metal. Os bárbaros não tinham esse luxo, por isso usavam enormes chapas de carvalho, com bordas e boça metálicas.

Bastien temia que o antigo intendente-mor houvesse selado aquela passagem, e a escalada até a entrada fosse em vão. No entanto, logo esses medos foram banidos de sua mente quando um grupo de abordagem imperial saltou para interceptar os invasores. Surgiram de um esconderijo escavado nas pedras, a meio caminho da entrada oculta. Portavam escudos e lanças curtas, e arremeteram contra os bárbaros de Frikka sem o menor sinal de medo.

Bastien saltou para a direita para evitar a carga, e encostou as costas num paredão rochoso. Alguns dos bárbaros, surpreendidos pelo ataque súbito e fadigados da viagem, simplesmente tombaram morro abaixo. Já estavam alto o bastante para que uma queda fosse letal.

Frikka deu a ordem, e seus guerreiros na linha de frente se abaixaram enquanto os besteiros dispararam seus virotes. Os defensores tinham escudos, mas, daquela distância, dardos de besta podiam perfurar até mesmo placas de aço. Os que não foram perfurados em algum órgão vital caíram para trás com o impacto, tornando-se presa fácil para os invasores.

Bastien juntou-se à matança, aproveitando-se da oportunidade criada pelos besteiros. Impeliu sua lança contra um dos defensores que se mantivera de pé. O virote da besta trespassara seu escudo até a metade, mas se alojara na madeira. A sorte do homem acabara ali, pois Bastien investiu com força total, encontrando o escudo danificado do guerreiro com o seu próprio. O impacto ecoou pela parede rochosa, e Bastien trouxe a ponta de sua lança em um golpe de cima a baixo. Aço afiado perfurou cota de malha e encontrou a carne mole do pescoço do adversário.

Os bárbaros foram impiedosos com aqueles homens. Os que não portavam bestas lançaram achas de arremesso contra os imperiais que ainda estavam de pé para distraí-los, enquanto um grupo menor se encarregou de ceifar a vida dos caídos e desorientados. Era uma tática diferente do padrão, pois deixavam os besteiros desprotegidos ao atacar dessa maneira. Os bárbaros do Povo das Cinzas não se incomodavam em cortejar a própria morte. A estratégia arriscada teve êxito, ao menos daquela vez. Antes que uma nova parede de escudos se formasse, os imperiais estavam todos mortos.

Bastien inspecionou a carnificina. Os vinte homens escolhidos para defender a passagem vestiam malha de boa qualidade, os anéis de aço entrelaçados com cuidado, sobrepostos a jaquetões grossos, feitos para proteger do frio e do aço. No entanto, não eram imperiais, e sim amarantinos. Seu próprio povo. Amaldiçoou o império por continuar mandando sua gente a morte. Não importava que agora vestissem armaduras descentes, ou que seu treinamento tivesse melhorado bastante. Ainda estavam sendo enviados para morrer em defesa de quem os oprimia.

Subiram o resto do caminho mais devagar, esperando uma segunda emboscada. Estavam desfalcados, agora, com menos de trinta guerreiros. Deveriam ser o suficiente, uma vez que se infiltrassem pela passagem estreita. Bastien já sabia o que fazer quando chegasse lá: atravessar despensas e cozinhas, manter os servos lá dentro e fechar as portas pelo lado de fora. O problema seria sobreviver aos corredores estreitos e às verdadeiras “caixas de morte”, que eram as saletas quadradas da fortaleza. Funcionaria, se Volgyr e a Mão Queimada pudessem manter o novo intendente-mor ocupado.

— Esperem! — alertou Frikka. A chefe guerreira observava a planície abaixo das escarpas. Dali, podia ver o resultado da perseguição de Volgyr. — Aqueles são seus homens, mercenário?

Bastien adiantou-se para olhar o que atraía a atenção da bárbara. Já não podia ver o bosque desmatado de onde haviam partido, mas Valash Fahad se

desenhava adiante, encostada no paredão de rocha e, mais abaixo, nos campos verdejantes de Brannoch, não havia perseguição, e sim um massacre.

— Os desgraçados tinham arqueiros escondidos! — Rosnou Frikka. — Mas como?

— Do mesmo jeito que nos surpreenderam aqui em cima — explicou Bastien. — Deve haver uma casamata coberta de turfa, ou algum esconderijo escavado no solo. — Aquela era uma justificativa ruim, mas Bastien jamais aceitaria que o inimigo simplesmente antevira sua tática e mantivera arqueiros fora de seu campo de visão para atrair os bárbaros à morte.

Os dois observavam os remanescentes da cavalaria de Volgyr serem acossados pelos Santos Cavaleiros do Império. O chão era um tapete de setas espetadas em corpos sangrentos. Muitos dos mercenários de Bastien jaziam junto aos bárbaros, mortos pelas flechas ou pisoteados por cavalos. O restante havia alcançado os arqueiros e, agora, travavam uma peleja enfurecida.

Os homens de arco longo sempre carregavam alabardas ou machados consigo para defender-se quando eram apanhados, mas Bastien confiava em sua Mão Queimada. Os mercenários venceriam, no final. Restava saber se Volgyr seria capaz de dar conta dos Santos Cavaleiros de Var Khalad.

— Vamos seguir adiante — disse Frikka. — Ainda podemos surpreendê-los se bloquearmos a entrada da fortaleza. Podemos sobreviver por dias com as reservas de lá.

— Você está esquecendo de um detalhe, chefe guerreira.

— Não temos tempo para detalhes! Vamos até a passagem antes que Volgyr seja obrigado a recuar!

— O intendente-mor — Bastien perguntou a Frikka. — O jovem de armadura negra, consegue vê-lo?

Ele próprio não conseguia. A batalha nos campos era como dois lagos refletindo a luz. Um, de metal prateado; o outro, de sangue escarlata. Não havia um único ponto de escuridão naquela visão. Valash Fahad estava logo adiante, semioculta pelas montanhas. Se o novo intendente-mor fustigasse seu cavalo preto com vontade, já poderia ter alcançado os portões principais.

— Se ele alertou a fortaleza, nossa morte é quase certa — Bastien concluiu.

— Se não cumprir sua parte no trato, seu velho amigo mercador já era. Vou me certificar que o restante de sua companhia morra também. — Frikka costumava ter um tom jovial, mas aquela ameaça era dura como ferro. — Adiante, mercenário! Honre o ouro que lhe pagamos!

— Eu não estava pensando em desistir — explicou Bastien. — Só queria que você entendesse o que vai acontecer conosco.

XI

Não havia um segundo grupo de emboscada, nem mesmo pedras soltas bloqueando a passagem. Bastien teria feito um trabalho muito melhor na defesa de Valash Fahad. No entanto, o novo intendente-mor ainda era jovem, e sua manobra com os arqueiros ocultos na planície mostrava que ele tinha talento para a guerra. Talvez, Bastien realmente devesse tomar a fortaleza, ou o jugo imperial sobre Brannoch ficaria ainda mais apertado sob o pulso daquele cavaleiro negro.

A passagem permanecera como Bastien a deixara: uma abertura recortada na rocha, levando a um túnel estreito que descia até a fortaleza. A escuridão em seu interior deixava a mente imaginar toda a sorte de armadilhas e defensores esperando por ele. Bastien entraria mesmo assim. Em Valash Fahad, ele deixara mais do que gostaria de admitir. Ao fugir, ganhara liberdade, mas perdera algo importante, algo vital. Valia a pena arriscar a vida se pudesse reencontrá-la.

Os bárbaros não demonstraram qualquer receio. Sob o comando de Frikka, assumiram uma formação compacta, com lanceiros protegendo besteiros. A passagem estreita exigia que formassem uma linha longa, por isso, Bastien assumiu a dianteira enquanto a chefe guerreira ficou na retaguarda. Avançaram em ritmo apressado sob a penumbra do túnel. Antes que todo o grupo de infiltração atravessasse o limiar da entrada na rocha, Bastien ouviu as pedras.

Caíram sobre a retaguarda dos bárbaros como uma pequena avalanche controlada. Havia um segundo grupo de emboscada afinal, não na trilha até a passagem, mas acima dela. As pedras rolaram com um rugido, esmagando Frikka e boa parte dos besteiros. Foi tudo tão rápido que sequer houve um grito de surpresa. Uma nuvem de poeira ergueu-se quando os pedregulhos soterraram os invasores, e apenas quando ela baixou, começaram os gemidos dos guerreiros esmagados. Não havia como tirá-los dali. Bastien e meia dúzia de lanceiros ficaram presos no túnel, na escuridão completa.

A luz não tardou a retornar, vinda da extremidade oposta do túnel. Tochas acesas rebrilharam à distância, aproximando-se rapidamente. Bastien não precisou comandar os bárbaros. Os guerreiros selvagens urraram seus gritos de guerra e partiram ao encontro da luz. Bastien foi junto; não havia escolhas a fazer. Seu destino o levava de volta a Valash Fahad.

O fogo das tochas não era nada parecido com as chamas mágicas do antigo intendente, mas Bastien interpretou aquilo como um sinal. Ali estava sua chance de

confrontar o passado, sua covardia, sua desilusão. Em vez de um sacerdote do Deus-Rei, havia cinco Santos Cavaleiros, homens igualmente dedicados ao império que se apossara daquelas terras. Liderando-os, estava o homem de armadura escura. Havia cavalgado como o vento para chegar ali.

— Valash Fahad está sob minha guarda! — bradou o cavaleiro. Suas palavras eram imponentes, mas a voz parecia incerta. — Rendam-se ou morram, selvagens!

Bastien ergueu o escudo e firmou os pés no piso rochoso. Os bárbaros avançaram como loucos. Sem sua líder, reverteram à estratégia que melhor conheciam: causar o máximo de estrago antes de morrer. O túnel encheu-se com o cântico guerreiro dos Isafir e, então, com o clangor das espadas.

Os Santos Cavaleiros e seu líder escuro não portavam escudos; suas espadas largas funcionavam melhor quando empunhadas por duas mãos. Eram longas o suficiente para serem empregadas como lanças e, assim, eles receberam a investida bárbara. Bastien manteve-se atento, buscando uma abertura no lusco-fusco das tochas.

O cavaleiro negro podia ser jovem, mas era formidável. Com uma empunhadura invertida na espada, mantinha os lanceiros Isafir afastados sem esforço. Seus companheiros o flanqueavam, impedindo que fosse pego desprevenido. O Var Khalad treinara aquele homem como uma máquina de matar desde a tenra infância. Os primeiros Isafir caíram rapidamente, nem todos conseguindo levar um cavaleiro consigo.

— Parede de escudos, imbecis! — exigiu Bastien. — Nossas lanças têm a vantagem aqui!

Poucos escutaram o comando, mas os que fizeram, foram poupados. Bastien viu dois bárbaros de aparência desgrenhada saltarem contra os cavaleiros, as lanças em riste. Tinham alcance superior e força prodigiosa, porém, com um movimento suave da espada, o cavaleiro sombrio defletiu as duas investidas, guiando gentilmente as pontas de lança para onde não podiam ferir ninguém. Seus companheiros terminaram o serviço, mergulhando meio metro de aço frio nas entranhas dos desgarrados.

Bastien urgiu os sobreviventes a manterem os escudos erguidos. Assim, receberam o ataque dos Santos Cavaleiros. Espadas largas não podiam penetrar uma parede de escudos com facilidade. Atrás de uma camada protetora de carvalho e ferro, as lanças podiam emergir em estocadas curtas, explorando as vulnerabilidades na armadura pesada. A cada golpe, Bastien bradava um novo grito de guerra.

— Nafisa! — urrava o mercenário. — Onde está Nafisa? — Cada golpe, um grito, uma demanda. O que fora feito da mulher que o abandonara?

Aquilo pareceu desorientar os cavaleiros. Não esperavam ouvir um nome conhecido nos lábios de um invasor. Bastien já não parecia um amarantino, com os cabelos e barba desgrenhados e a pele curtida pelas viagens na Terra Arrasada. Para os defensores, era só mais um bárbaro inculto.

Os lanceiros Isafir temperaram seu ímpeto graças às ordens do mercenário e, assim, reduziram os números dos defensores. No entanto, os Santos Cavaleiros eram guerreiros formidáveis e, mesmo com armas impróprias para o combate em corredores, ceifaram vidas bárbaras antes de perecer. No fim, só restavam Bastien e o jovem de armadura escura.

— Renda-se, selvagem! — disse o cavaleiro, arremetendo com o pomo de sua espada contra o escudo erguido de Bastien. — Você está sozinho!

O mercenário não se dignou a responder. Aquele homem era mais jovem e melhor equipado; Bastien precisaria de todo o fôlego que ainda tinha se quisesse sobrepujá-lo. Recebeu o golpe da melhor forma que pode e estocou com a lança por baixo do escudo, um golpe furtivo. O cavaleiro girou para evitar a ponta de aço. Sua técnica era perfeita.

Sem companheiros ao seu lado, o cavaleiro tinha espaço para manobrar a espada. A lâmina assassina girou veloz contra Bastien, obrigando-o a recuar. Por mais que o escudo o protegesse, cada golpe aparado drenava sua força e o aproximava da exaustão. Precisava que o cavaleiro se cansasse primeiro.

Passos ecoaram no túnel, vindos da fortaleza. Era questão de tempo até que os reforços viessem dar cabo do último invasor, mas o novo intendente-mor não recuou. Continuou a acossar Bastien, demandando sua rendição. Queria vencê-lo em um duelo, provar sua superioridade. Bastien conhecia bem aquela sensação. Iria explorá-la.

Recuou alguns passos, obrigando o cavaleiro a segui-lo. Assim, ficaria alguns segundos mais distante dos reforços que se aproximavam. Quando atacou de novo, espada erguida em um ataque vertical, Bastien fintou uma esquiva, e o cavaleiro alterou seu movimento para acompanhá-lo. Em vez de desviar, ergueu o escudo. Sentiu o golpe imediatamente, resvalou na bossa metálica e acertou de viés a madeira do escuro.

O impacto fendeu o carvalho e mordeu o braço de Bastien. A cicatriz antiga da queimadura foi aberta novamente, dessa vez pela espada do Santo Cavaleiro. Sentiu aço alcançar osso. A dor lancinante não o impediu de aproveitar o momento. Com a mão livre, impeliu a lança em um movimento calculado. A fenda

estreita entre o elmo e o gorjal do cavaleiro podia ser melhor alcançada com aquele golpe, de baixo para cima.

— Bastien, não! — A voz estava diferente, mas, ao mesmo tempo, era impossível não reconhecê-la.

Os reforços haviam alcançado os duelistas. Guardas com lanças, escudos e tochas. A luz que proporcionavam vinha junto de fumaça acre que não tinha por onde escoar. Bastien não podia vê-la, mas a voz que lhe suplicara que parasse era a de Nafisa. Os anos a haviam tornado um tanto rouca, porém ainda soava doce em seus ouvidos. Doce e dolorosa.

Ele não podia refrear o golpe, e não queria fazê-lo. Por que ela protegia aquele homem? Por que não gritara o nome dele, pedindo que não baixasse a espada contra o braço de Bastien, num corte que certamente o inutilizaria?

Mesmo assim, algo naquela voz, no tom angustiado de Nafisa, fez a lança de Bastien se desviar. O golpe, que devia ter trespassado a garganta do oponente, apanhou-o na lateral do pescoço, abrindo um sulco profundo. Bastien largou a arma e agarrou o próprio braço, arruinado pela espada do cavaleiro, que caiu de joelhos, tentando estancar o sangramento no pescoço. Era tarde para ele.

O grito que se seguiu foi a coisa mais terrível que Bastien jamais ouvira. Nafisa se desvencilhara dos soldados imperiais e atirou-se sobre o cavaleiro com um guincho de horror tão intenso que cortava mais que o aço.

Bastien viu, de relance, a dor nos olhos dela. Aqueles olhos tão vivos, tão profundos, que o dominaram desde o primeiro momento, agora exibiam terror imensurável. Pior que as bruxas, que os saqueadores, que o fogo abominável da magia imperial. Ela parou por um instante, exaurida, tomou fôlego e tornou a guinchar. Por que ela se importava tanto com aquele homem?

Bastien entendeu tarde demais quando Nafisa, ainda gritando, removeu o elmo do cavaleiro. Ele estava com dificuldades para respirar, afogando-se no próprio sangue. No túnel mal iluminado e sob elmo sombrio, era impossível ver o rosto dele. Agora, com a face descoberta, Bastien via com clareza. Os olhos dele eram vivazes e atentos, mesmo enquanto morria. Eram duas piscinas castanhas, como os de Nafisa.

Os olhos o lembraram daquelas noites, na cela da masmorra, em que Bastien estivera preso, mas não se incomodava, pois sua amada lhe visitava. Naquelas noites, uma cama estreita em uma cela escura comportava dois amantes. Bastien nunca imaginara que aquilo podia acontecer, e essa negligência vinha cobrar seu preço quase vinte anos depois. Ele deixara Nafisa em Valash Fahad, sozinha, grávida de um menino. O garoto crescera para se tornar um Santo Cavaleiro e

intendente-mor após a morte do avô. Crescera forte e saudável, para morrer nas mãos do próprio pai.



A FERA DE LAZAGOROV

I

Um bom caçador de bruxas não podia dar-se ao luxo de escolher uma arma favorita. Devia ser versado em todas as formas de cortar, perfurar e esmagar um inimigo. Dragan, no entanto, tinha muita afinidade com o cutelo.

Amadores diriam que a ferramenta de um açougueiro deixava a desejar no quesito morticínio, mas Dragan era um caçador veterano, e já provara mais de uma vez que a lâmina retangular tinha seu valor. Quem duvidasse poderia perguntar ao carniçal que Dragan carregava consigo. Talvez, algum pedaço dele ainda fosse capaz de responder.

Aquela era outra vantagem do cutelo que Dragan apreciava: tinha duplo propósito, como arma e ferramenta. Era nessa espécie de arma que ele preferia se especializar. Machados e pés-de-cabra podiam ajudá-lo em situações mais variadas que um simples combate. Seu bom e velho martelo de carpintaria, por exemplo, fizera um rombo na parte de trás da cabeça do carniçal e, agora, servia para pregar o pé decepado da criatura em um dos postes da cerca que separava a vila da floresta de Lazagorov.

Gotas grossas preenchiam o ar noturno com úmida violência enquanto Dragan trabalhava, ignorando o sobretudo encharcado e as botas cheias de lama. Fizera múltiplos pedidos, tanto ao barão quanto à Guilda dos Caçadores, para que instalassem uma paliçada decente no local. Niecza, porém, era uma vila de curtumeiros, não tinha nada de valor a oferecer ao barão, e a Guilda preferia seu couro em forma de botas, luvas e armadura. O couro curtido de Niecza era vendido ao burgo vizinho, e só lá ele era transformado em algo útil. Assim, a vila permanecia isolada, livre da atenção de qualquer autoridade.

Até que encontraram o corpo de Piotr na floresta.

— Pelo casco partido do Diabo, Dragan! — gritou uma voz grave. — Saia da chuva, venha se esquentar perto da lareira! — Era o alcaide de Niecza, um bom homem. Estava abrigado sob o alpendre de uma casa na borda da vila. Dois de seus

cães o acompanhavam, os rabos enfiados entre as pernas, com medo dos trovões distantes. — Se pegar uma pneumonia, quem vai nos proteger da fera?

— Vocês não queriam um caçador novo? Não foi isso que mendigaram ao barão?

Por anos, Dragan fora o caçador de bruxas responsável pela segurança do vilarejo. Por anos, Niecza seguira sua existência pacata sem uma ameaça sequer. As mortes violentas na região eram fruto de acidentes ou brigas de bar mais exaltadas. Dragan mantinha a área livre de carniçais e caçava lobos por diversão, mas o imbecil do Piotr se embrenhou fundo demais na mata de Lazagorov e desapareceu por dias.

Dragan, em segredo, se alegrou da notícia. Ao menos, era algo novo para fazer, e poria um pouco de juízo na cabeça das crianças do povoado. Ele sabia que Piotr estava acabado, e disse isso ao alcaide, mas eles insistiram que fossem procurar pelo desgraçado. Prometeu voltar com a cabeça do que quer que houvesse dado fim ao homem.

Infelizmente, as buscas demoraram a dar fruto, e o filho de Piotr entrou na floresta para encontrá-lo. Castimir era um bom garoto, nem parecia que era filho do paspalho, mas sumiu na mata tão rápido quanto o pai. Dragan só ficou de fato preocupado quando, no encalço do filho, partiu a mãe. A pobre Rozalia não merecia aquilo; era delicada demais, jovem demais, bonita demais.

Somente após o terceiro desaparecimento o alcaide conseguiu a atenção do Barão Drestnev, que foi se queixar com a Guilda sobre o mau desempenho de Dragan. Três desaparecimentos em duas semanas eram demais para um caçador veterano.

— Nós pedimos alguém para te ajudar! Fomos ao barão porque a Guilda o escuta! — explicou o alcaide. Ele se aproximou, segurando seu chapéu de abas largas sobre a cabeça, tentando, em vão, se proteger dos pingos grossos que caíam enviesados do céu. — O que está pregando na cerca a essa hora? Diabos, de quem é esse pé?

— Carniçal. Vou espalhar os pedaços dele entre a vila e a floresta. Um aviso.

— Você sabe muito bem que não foi um carniçal que apanhou Piotr. Eu vi o cadáver.

O corpo de Piotr foi encontrado graças ao faro dos sabujos do alcaide, o que só piorou a situação. Estava desmembrado, com pedaços faltando, mas eram os pedaços errados. Com o fígado e o coração inteiros, o que acontecera a Piotr não podia ser obra de um carniçal. O cérebro estava espalhado, junto com fragmentos

do crânio, porém estava todo lá. Nenhuma bruxa desperdiçaria matéria encefálica. Niecza não estava lidando com uma ameaça comum; havia um monstro desconhecido à solta. O barão solicitou reforços.

Agora, Dragan trabalhava para mitigar o estrago que a morte de Piotr trouxera sobre sua vida. Viriam outros caçadores, direto de Ostrog, e ele precisava se certificar de que ninguém mais desaparecesse até que eles chegassem.

II

Katrina podia sentir a arritmia no coração do Primeiro Caçador Yorik. O velho caminhava com as costas eretas, mas havia fraqueza em suas entranhas. Ela podia farejá-la.

Ele coordenava as operações da Guilda dos Caçadores em toda a Nova Mordrávia e, por isso, precisava projetar força e controle. No entanto, Katrina sentia os tremores em seus pulmões fustigados pelo tabaco toda vez que falava. O problema daquela estranha forma de percepção era que, por vezes, impedia a jovem de concentrar-se em seus sentidos mais mundanos.

—... junto com Mislav. Entendido? — Yorik estava falando com ela.

— Perdão, Primeiro Caçador. O senhor disse que devo levar Mislav a qual baronato?

— Chifre torto e casco partido, garota! — ralhou o veterano. — Você não vai levá-lo, vai trabalhar com ele! Não estava ouvindo nada do que eu disse na última meia hora?

— Me perdi um pouco quando o senhor começou a discorrer sobre a coleta de impostos.

— Pois trate de se encontrar! Os barões estão ficando cada vez melhores em sonegar o que nos devem. Não podemos caçar bruxas com aço enferrujado!

Um calafrio percorreu a espinha de Katrina. Ninguém em Ostrog sabia que ela própria era uma bruxa, nem mesmo o Primeiro Caçador. A cidade-fortaleza era o coração da Guilda dos Caçadores e capital da Nova Mordrávia. Ainda assim, deixavam uma bruxa caminhar desimpedida entre eles. Katrina se perguntava que outros horrores viviam bem debaixo do nariz da Guilda.

— Como sempre, o senhor tem toda a razão.

— Você é uma jovem talentosa — elogiou Yorik, então tossiu vigorosamente. Katrina podia sentir o coração do velho pulsando em descompasso, desesperado para bombear sangue, e quase podia cheirar o ar tornando-se podre em seus

pulmões enegrecidos. Como ele ficava depé? — Mas ser a melhor de sua classe não garante que sobreviverá como caçadora. Por isso, estou mandando você e Mislav a Niecza, uma vila ao norte daqui.

— Problemas com carniçais? — Até onde Katrina sabia, os carniçais eram seus parentes. Se tivesse nascido homem, ela se tornaria um na adolescência. Como nasceu mulher, despertou como bruxa assim que seu primeiro sangue desceu. Não vieram verrugas, nem pele esverdeada. A mudança foi tão sutil que nem mesmo outras bruxas vieram buscá-la.

— Não. Uma “fera” na mata de Lazagorov. Provavelmente é um urso ou um lobo raivoso, mas quero que investiguem.

Katrina não queria ser uma bruxa, queria caçá-las. Bruxas maltratavam inocentes. Carniçais violavam túmulos e perturbavam o descanso dos mortos. Katrina iniciara seu treinamento sob a tutela da Guilda aos dez anos, contra a vontade de seus pais. Aos doze, com o sangue da lua, descobriu que ela mesma era o que sempre sonhara combater. Agora, aos dezenove, incerta dos próprios sonhos, era enviada à sua primeira caçada.

— Senhor Primeiro Caçador, sei que deve ter bons motivos, mas é mesmo necessário que Mislav vá comigo?

— Você foi a melhor de sua classe. Mislav, o pior. Ensine-o o que aprendeu, ou ele morrerá em sua primeira caçada solo.

Embora ele fosse um tanto assustadiço, Katrina até gostava de Mislav, mas não queria trabalhar em equipe. Não podia contar a verdade sobre sua natureza aos caçadores. Passara seu período de treinamento torcendo para que seu corpo não sofresse mudanças grotescas que a denunciassem. Seu corpo mudou, mas apenas de garota para mulher. Uma mancha negra nas costas da mão era tudo o que precisava esconder, e uma luva era o suficiente. Também havia aquela estranha percepção, a capacidade de sentir a fraqueza em todos ao seu redor.

Quando alguém estava prestes a adoecer, ela sabia. Podia identificar parasitas, infecções e outras moléstias. Elas ressoavam na mente de Katrina, quase como sussurros. Tudo que era nocivo, peçonhento ou contagioso parecia exultar em sua presença. Febres aumentavam, resfriados se demoravam. Queriam-na por perto, como se quisessem lhe revelar segredos.

— Farei o melhor que puder, mas se Mislav for apanhado pela tal fera, não me culpe, senhor.

— Você se saiu bem em todos os testes da Guilda até agora — riu o Primeiro Caçador. — Pense nisso como apenas mais um exercício de treinamento.

O treinamento ajudou-a a entender mais sobre si mesma. Bruxas raptavam bebês humanos e os substituíam por suas crias. A Guilda tinha uma série de testes para identificar um carniçal ou bruxa ainda “filhote”, mas Katrina era a prova viva de que nem sempre funcionavam. Seus pobres pais tinham perdido a verdadeira filha, e ganhado uma bruxa em seu lugar. Katrina os amava, jamais faria mal aos dois, porém decidira cortar relações mesmo assim.

— Devo me reportar ao alcaide do vilarejo, ou a missão é assunto da Guilda?

— Vocês prestarão assistência a Dragan, o caçador residente na região.

— Três caçadores de bruxas para dar conta do que provavelmente é um urso? Há algo de errado nessa história, senhor.

— Talvez você não tenha ido tão bem nos testes como pensei — disse Yorik. Katrina sentia a senescência nas entranhas do velho enquanto ele falava. O Primeiro Caçador morria aos poucos, de velhice ou pelo fumo. — Acha que pode ser indisciplinada só porque eu a elogiei?

— Perdão, Primeiro Caçador. Mas mantenho meu questionamento.

— Quero que avaliem Dragan enquanto o auxiliam. Tratem-no como seu superior, mas preparem um relatório ao fim da missão. Ele deixou três pessoas desaparecerem em duas semanas. Foi um par de cães do vilarejo que encontrou o primeiro cadáver. Receio que Dragan esteja perdendo a mão, ou tentando ser transferido para um cargo burocrático junto ao barão Drestnev.

Katrina não conseguia imaginar que tipo de pessoa tentava virar burocrata de propósito. Era melhor ser uma bruxa vivendo em segredo. O medo constante de ser descoberta era mais tolerável que o tédio de inspeções e formulários.

— Quando partimos, senhor?

— O comboio deixará Ostrog em três horas. Já mandei Mislav apanhar seu equipamento de viagem. Vá se juntar a ele nos estábulos.

A jornada seguiu sem muitos contratempos. Um cavalo foi picado por uma víbora, e precisaram trocar o eixo de uma das carruagens. Fora isso, tudo correu como de praxe. As estradas da Nova Mordrávia eram pouco mais que caminhos de terra batida em meio à vegetação tortuosa, mas ninguém ousaria atacar um comboio da Guilda dos Caçadores.

No fim da jornada, restavam apenas Katrina, Mislav e o cocheiro. O restante do comboio ficara em outras vilas e cidades, caçadores de bruxas com incumbências particulares, a maioria das quais envolvia cobrar impostos de proteção dos barões recalcitrantes.

— Gostaria de ter ido ao palacete do Barão Drestnev antes de vir à Niecza — comentou Mislav. Por mais que tivesse os músculos tenazes de um jovem caçador, algo na voz dele trazia certa fragilidade. — Podíamos ter feito ao menos uma refeição decente antes de nos embrenharmos na floresta.

— A fera de Lazagorov fez três refeições decentes por lá. Se pararmos para comer, talvez ela faça uma quarta enquanto nos espera — Katrina retrucou. — É isso que quer? Sangue inocente em nossas mãos?

— Você soa igualzinho ao Primeiro Caçador! — riu Mislav. — Mas não me engana. Eu já descobri seu segredo, Kat.

Katrina quase se ergueu em um salto, mas dentro do coche não havia espaço para ficar de pé. Limitou-se a arregalar os olhos, encarando Mislav com apreensão enquanto movia lentamente a mão direita, buscando a faca de caça em seu cinto.

— Que segredo, idiota?

— Você é assim tão certinha, sempre buscando a aprovação de nossos instrutores para cair nas graças deles. Quer vida fácil.

— O que está insinuando? — A resposta trouxe alívio a Katrina, mas ela manteve a mão próxima à faca. — O que quer dizer com vida fácil, pirralho?

— Oh, não, isso não! Quis dizer que você quer virar instrutora também. Trabalhar em Ostrog, longe de monstros de verdade.

Não seria má ideia. Com certeza era melhor que ser uma burocrata. Na cidade, Katrina precisava esconder sua verdadeira natureza o tempo inteiro, mas, nas florestas espinhosas da Nova Mordrávia, corria o risco de encontrar uma de suas irmãs. Duvidava que as outras bruxas lhe dariam uma recepção calorosa àquela altura. Passara tempo demais vivendo entre os humanos. Pior, entre caçadores de bruxas.

A entrada de Niecza era um cenário desolador. A ausência de uma paliçada era gritante e revelava muito sobre o povoado. Não devia haver gente o suficiente para cortar a quantidade necessária de troncos e fincá-los na terra por conta própria. Dependiam da boa vontade da Guilda ou do Barão Drestnev. Na cerca que bordejava a vila, pedaços decepados de um cadáver estavam pregados em intervalos regulares, provavelmente para espantar outros invasores. Mal sabiam que estavam prestes a ser visitados por uma bruxa.

Katrina procurou pela cabeça do carniçal, achando que a descobriria montada em um poste, mas não a encontrou. Ela e Mislav foram recebidos logo na entrada de Niecza por um par sisudo. O homem de chapéu alto devia ser o alcaide do vilarejo, tinha a barriga para isso. Ao seu lado, em vestes de couro rígido,

tachonadas com rebites pontiagudos, estava o tal caçador veterano, Dragan. Foi ele quem falou.

— Deixe-me inspecionar seu equipamento.

Nada de boas-vindas, nem apresentações. Dragan era um homem enorme e desgrenhado; apenas a armadura parecia ver algum asseio por parte do caçador de bruxas. Katrina não viu nenhuma arma nas mãos dele, apenas um velho martelo de carpintaria.

— S-sim, senhor — gaguejou Mislav, apressando-se para apresentar o enorme fardo que trouxera de Ostrog. — Meu nome é Mislav, minha companheira é Katrina. O Primeiro Caçador Yorik nos instruiu a auxiliá-lo com o máximo de nossa capacidade.

O homem de chapéu estalou a língua. Presteza não era uma virtude na Nova Mordrávia. Presumir que alguém precisava de ajuda era o mesmo que uma acusação de fraqueza. Dragan ignorou a introdução do jovem caçador em treinamento.

— Armas — exigiu.

Mislav retirou um embrulho de couro da bagagem. O equipamento ficava preso a ele por alças e fivelas ajustáveis. O rapaz desfraldou o embrulho diante do caçador veterano, exibindo o arsenal que fora confiado a eles pela Guilda. Havia o padrão para aquele tipo de expedição: sabres recurvos, bestas leves e machados de uma mão. Tudo aos pares. No entanto, havia artefatos mais específicos, e foi sobre eles que o olhar desaprovador de Dragan se demorou.

— Estaca de cerejeira, adaga de prata? — indagou o veterano. — O que diabos acham que vamos enfrentar aqui? Um conto de fadas?

— A existência de licantropos nunca foi confirmada — interveio Katrina, vendo que Mislav estava envergonhado demais para responder —, mas os rumores indicam que estamos lidando com uma criatura desconhecida, que pode muito bem ser um deles. E a floresta de Lazagorov é perto o suficiente da fronteira com a Vagócia para justificar a estaca.

Os olhos de Dragan fixaram-se em Katrina pela primeira vez. Ele era um homem feio, com nariz e queixo grandes, a barba por fazer e um espesso bigode caído. Seria imponente, se Katrina não fosse capaz de sentir a doença dentro dele, provavelmente, apenas um resfriado. Ela o percebia como um ressonar rouco, uma forma abstrata alojada nos pulmões do caçador. Ajudava a lembrá-la de que ele era apenas humano.

— Isso é algum tipo de brincadeira do Primeiro Caçador? Me enviar uma menina? Que insulto!

— Insulto é uma reação como essa, caçador Dragan — rebateu Katrina. — Saiba que me graduei com honras máximas como caçadora de bruxas ainda nessa primavera. Fui a melhor da minha classe.

— Melhor da classe, é? — Dragan grunhiu. — Qual a melhor forma de se enfrentar uma bruxa?

— Bruxas não se “enfrentam”. Precisam ser eliminadas com cuidado. — respondeu Katrina. — É preciso semanas de preparo, reconhecer o terreno, identificar as entradas de seu ninho e mapear suas atividades por dias até encontrar o momento perfeito. Ainda assim, nada é garantido. A Guilda recomenda ferro frio, flechas besuntadas em extrato de beladona e decapitação súbita.

— Como reconhecer um carniçal infiltrado entre os homens antes da mudança?

— O mais correto é entrevistar os pais, antes de tudo. — Aquela resposta Katrina sabia por questão de sobrevivência. — Perguntar sobre alterações no comportamento, manchas novas na pele, marcas de nascença que mudaram de forma ou sumiram.

— Suponha que os pais tenham morrido. Que planta eu posso esfregar na pele do infante para provocar uma reação que revelará sua verdadeira natureza?

— Verbena vermelha — disse Katrina, sem pensar. Esforçou-se para esconder sua frustração.

— Eu sei essa! — interveio Mislav, recuperado do nervosismo — Uma mistura de casca de freixo e trevo! Se for de quatro folhas, melhor ainda!

— Acho que encontrei o verdadeiro “melhor da classe” — riu Dragan. O alcaide e Mislav riram junto, um eco sem humor, apenas para agradar o caçador.

Katrina sufocou a raiva e o medo. Dragan a irritara com sua condescendência, e ela acabou por escolher a erva errada. A erva certa, na verdade. Um toque de verbena vermelha fazia sua pele coçar como o diabo e ficar coberta de placas escuras. A Guilda ainda não descobrira os efeitos da planta sobre uma bruxa, e Katrina pretendia levar o segredo ao túmulo.

— Se estão satisfeitos com o teste, gostaria de iniciar as investigações. — Katrina tentou soar o mais diplomática possível. — Recontar os eventos principais, em ordem cronológica, é o procedimento mais eficaz. — Hesitou por um instante, e acrescentou: — Se agradar ao senhor Dragan.

— Não me agrada nem um pouco — disse Dragan. — Vocês chegaram tarde, não conseguiremos enxergar nada na floresta com essa luz. E o chão ainda está encharcado da chuva de ontem.

— Eu avisei para não se molhar — comentou o alcaide.

— Pro Diabo com seus alertas — resmungou Dragan, e espirrou.

Katrina pôde enxergar a nuvem que se formou diante do nariz do caçador. Era como se a doença fosse composta de milhares de pequenas criaturas que se proliferavam nos pulmões e escapavam pelo nariz e boca. No entanto, só seus olhos de bruxa as enxergavam. Não era exatamente uma visão, mas Katrina não saberia explicar. Às vezes, imaginava que seria bom conversar com alguém sobre o assunto, então lembrava do que as bruxas faziam aos caçadores mordravos.

— Eu não disse nada sobre ir à floresta. Queria apenas ouvir o que têm a dizer sobre os três desaparecimentos.

— Piotr foi cortar lenha na mata. Saiu sozinho — contou o Alcaide. — Não voltou quando o sol se pôs.

— Silêncio — exigiu Dragan. — Começaremos amanhã. — Ele estava realmente disposto a dificultar sua vida ali. Parecia desprezá-la apenas por ser mulher. — O alcaide Anton vai providenciar quartos para vocês.

Niecza era uma vila pequena. Teoricamente, nem precisaria de alcaide, bastaria um conselho ou um único ancião para dar conta das questões do dia a dia, mas a Guilda dos Caçadores abominava a falta de estrutura. Desde que assumira o controle da Nova Mordrávia, a Guilda aperfeiçoara tanto as maneiras de matar monstros quanto a burocracia que mantinha o país funcionando.

Por isso, mesmo um fim de mundo como Niecza precisava de um alcaide, e Anton era o homem mais velho daquelas bandas, recebendo o cargo e o chapéu. Ele levou Katrina e Mislav à sua própria casa: parecia uma choupana de troncos com telhado colmado, mas a fundação era de pedra. Seu interior era quente e seco.

— Não temos uma taverna por aqui — explicou o alcaide —, e eu tenho um quarto livre desde que meu filho... se foi.

Katrina não tinha o menor interesse na história triste escondida atrás da pausa na fala do alcaide, mas Mislav teve que perguntar.

— O senhor mandou-o para treinar em Ostrog?

— Eu o matei. Não ele, na verdade. A coisa que tomou o lugar dele.

Um frio percorreu a espinha de Katrina. O alcaide não parecia nem um pouco abalado ao relatar aquilo.

— Era um carniçal. Ele levou meu filho de verdade, sabe? Um homem tem o direito de se vingar de uma coisa dessas.

— Uma tática razoavelmente eficaz — comentou Katrina, apenas para esconder o horror que sentia. O alcaide era um homem monstruoso, tanto quanto a fera que levava seus conterrâneos.

— Perdão, senhor Anton — disse Mislav. O que o idiota queria agora? — Mas não foi aquele carniçal quem levou seu pequeno.

— O que quer dizer, rapaz?

— Foi a bruxa que pariu ele, provavelmente. Trocou-o de lugar; é o que elas fazem.

— Isso faz diferença? Era um monstro repulsivo.

— Bem... mas, por alguns anos, não são diferentes de crianças humanas... uma criança que o senhor criou...

Katrina não podia acreditar no que estava ouvindo. Mislav era um tonto, mas talvez não fosse um caso perdido. O rapaz estava certo. Por mais que tivesse se transformado em carniçal, o filho que o alcaide criara havia sido apenas uma criança indefesa e, então, um jovem confuso com a própria mudança. Katrina entendia muito bem as emoções conflitantes que o filho do alcaide teria sentido. Matar carniçais era o certo a se fazer quando apanhados nos ermos, alimentando-se de carne humana. No entanto, um jovem recém-transformado não merecia ser morto pelo homem que chamava de pai.

— Nem me fale! — resmungou o alcaide. — Criei o maldito por anos. Alimentei, brinquei com ele, ensinei-o a caçar com cães. Da noite pro dia, virou uma criatura. Orelhas grandes, cara esquisita, pele amarelada. — O homem barrigudo torceu o nariz — E um cheiro... um cheiro!

— Mas ele foi seu filho... O filho que o senhor criou, pelo menos.

— O que está querendo dizer, rapaz?

— O que Mislav quer dizer — interrompeu Katrina —, é que bruxas e carniçais são criaturas terrivelmente cruéis. — Ela entendia o que Mislav queria dizer de verdade, mas precisava evitar que fossem enxotados do vilarejo na primeira noite. — Brincam com nossos sentimentos, tiram de nós duas vezes. Quando roubam nossos filhos e quando suas crias se revelam entre nós.

— Isso mesmo, minha jovem. Merecem toda a dor que pudermos lhes dar. — O alcaide puxou um frasco metálico do bolso e deu um gole demorado. — Tenham uma boa noite. Dragan os quer prontos ao raiar do dia.

Katrina não sabia se foi o cheiro alcóolico da bebida ou o modo como o alcaide apertava os lábios e cerrava os dentes de vez em quando, mas algo despertou seus sentidos de bruxa para outro detalhe no homem barrigudo. O fígado dele estava inchado, túrgido graças a uma vida de excessos. Podia sentir o órgão pulsando laboriosamente, esforçando-se para continuar funcionando.

— Ele matou o próprio filho, Katrina — sussurrou Mislav, quando já estavam preparados para dormir, cada um em uma cama de palha estreita.

— Que virou um carniçal, você não ouviu essa parte?

— Mas ele criou a criança. Você não pode achar isso normal. Alimentar, vestir e ensinar um garotinho até que um dia ele cresce, fica um pouco diferente e merece ser trancado em um porão?

Katrina ficou feliz ao ver que seu colega não era um assassino sem coração, como a maioria dos caçadores de bruxas era treinado para ser. Porém, sequer podia expressar essa alegria, ou arriscaria expor sua verdadeira natureza.

— Se o alcaide abrigasse o carniçal, seria queimado vivo numa estaca — comentou Katrina, em vez de dizer o que pensava. — O que acha que ele devia ter feito?

— Não sei — respondeu o rapaz, e bocejou —, mandá-lo embora, ou, talvez, dar um jeito para que ele morresse rápido e sem dor. Boa noite, Katrina.

— Boa noite, Mislav.

Katrina, porém, demorou a adormecer. Tentou encontrar algum conforto no fato de que, se Mislav a descobrisse como bruxa, ao menos não deixaria que a torturassem.

III

Choveu durante a madrugada, e a manhã em Niecza surgiu como uma luz pálida sob um véu de chumbo. Assim era a vida na Nova Mordrávia: pouca luz e pouca paz. Encontraram Dragan na entrada da vila novamente, os membros decepados de carniçal exalavam um cheiro podre.

— Isso não vai atrair mais carniçais? — Mislav perguntou.

— Eles reconhecem o fedor da própria raça — disse Katrina. Ela mesma reconhecia: havia um almíscar animalesco sobre o odor adocicado de decomposição. — Isso está nos manuais mais básicos, você devia saber.

— É bom questionar os manuais — rebateu Dragan. Katrina não sabia se ele realmente pensava aquilo, ou se queria defender Mislav apenas para espezinhá-la.

— Há coisas por aí que ainda não conseguimos estudar. Criaturas à solta nos ermos. Mas essa carne podre está aqui para mandar uma mensagem.

— Você acha que a fera de Lazagorov, o que quer que ela seja, vai entender que Niecza é território ocupado? Ela não seria atraída pela promessa de uma refeição fácil?

— Piotr foi encontrado com o corpo quase inteiro — falou Dragan. Ele cobriu o rosto com a mão calejada e espirrou alto. Limpou os bigodes na manga do casaco. — Havia um bom pedaço faltando, retalhado. Mas a maior parte ficou lá.

— O monstro aprecia carne fresca — completou Katrina. — Mas, então, onde estão os outros dois corpos?

— É o que vamos descobrir. Partimos agora para Lazagorov e só sairemos da floresta com Rozalia e Castimir, ou com a cabeça da criatura.

Dragan não esperou questionamentos e seguiu para além das fronteiras do vilarejo. Katrina tinha sérias dúvidas quanto à eficácia daquela expedição. Deviam interrogar os moradores de Niecza, descobrir mais sobre os eventos das últimas semanas, traçar uma linha em comum entre seus desaparecimentos. Daí, formular uma hipótese sobre o tipo de criatura que estavam enfrentando e prepararem-se com as formas mais eficientes de matá-la. O caçador veterano não parecia se preocupar com nada daquilo. Se encontrassem uma criatura desconhecida, como ele sugeria, como dariam cabo dela?

Os pulmões de Dragan estavam mais ruidosos do que na noite anterior. Esse progresso lento e constante podia muito bem evoluir para uma pneumonia. No entanto, Katrina não podia sequer alertá-lo. Não era uma moléstia visível. Ela sentia o resfriado evoluindo nas entranhas do caçador como sussurros indistintos, pequenos demônios invisíveis que só conversavam com ela.

Penetraram a floresta de Lazagorov por uma trilha de caça. Parecia bem utilizada, sem traços de vegetação rasteira, que se espalhava de ambos os lados do caminho estreito. A mata era cerrada e escura, mesmo com a luz do sol nascente. Freixos, abetos e choupos disputavam espaço no solo rugoso, e suas copas emaranhavam-se em um teto verde-escuro, lançando a mata em perpétuo crepúsculo. Mal haviam se embrenhado pela floresta quando Katrina teve a sensação.

Algo havia morrido ali perto. Não algo, alguém. Katrina nunca sentira nada como aquilo, pois nunca partira em uma caçada antes. A sensação era clara e persistente, como sua percepção sobrenatural para enfermidades. Os instintos de bruxa de Katrina se apossaram de seu cérebro, incutindo-lhe a certeza de que havia

carne humana se decompondo em algum lugar não muito longe de onde estavam. Seus pés moveram-se por conta própria.

— Onde pensa que vai? — rosnou Dragan. — Não saia da trilha!

— Não seria melhor buscarmos mata adentro? Se há uma criatura, dificilmente vai perambular pelas trilhas de caça.

— Seria uma ótima forma de morrer. Antes de arriscarmos nossas vidas, vou levá-los até onde o corpo de Piotr foi encontrado.

Katrina e Mislav seguiram sem questionar. A hora para dúvidas havia passado. Estavam em território hostil, o que significava seguir as ordens do caçador veterano, mesmo se Dragan fosse um xucro sem educação.

Na retaguarda, Katrina mantinha seu sabre embainhado, preferindo carregar uma besta armada e pronta para disparar um virote embebido em veneno. Mislav seguia à sua frente, sabre recurvo na mão direita e machadinha na esquerda. Dragan, por sua vez, liderava a expedição com um facão rústico, mais uma chapa afiada de aço do que uma arma. Combinava com seu estilo rude. Katrina só não entendia o martelo de carpintaria e cutelo de açougueiro pendurados no cinturão do veterano.

— Foi bem aqui — disse Dragan, quando alcançaram uma das muitas curvas indistintas da trilha de caça. Os sabujos do alcaide farejaram o corpo e encontraram o imbecil com a cabeça aberta e talhos paralelos no abdome.

Os sentidos de Katrina não reagiram ao local. Seus instintos apontavam uma direção diferente, longe da trilha. A sensação ficara mais forte; estavam se aproximando de outro corpo, ela sabia. Esses sentidos deviam ser realmente úteis às bruxas quando precisavam localizar alimento para si e seus carniçais. Katrina banuiu os pensamentos intrusivos com um chacoalhar da cabeça. Estava mesmo pensando em carne humana como alimento?

— Por que o senhor o chamou de imbecil? — indagou Mislav. — Ele fez algo para atrair a ira do monstro?

— Piotr era um imprestável. — Dragan cuspiu, depois sufocou uma tosse. — Passava metade do tempo bêbado, a outra metade se esquivando das responsabilidades. Que tenha vindo buscar lenha sozinho na floresta é menos um espanto pela imprudência, e mais pelo fato dele ter se prestado a trabalhar. Não sei o que Rozalia viu no desgraçado.

— Algo notável — comentou Katrina —, porque arriscou a própria vida para procurar por ele na floresta.

— Quando eu quiser saber mais sobre os mistérios femininos — retrucou Dragan —, vou perguntar. E você está errada. Ela veio atrás do filho. Pobre Castimir, não merecia um pai como Piotr.

— O senhor realmente não gostava dele... — comentou Mislav.

— Sempre deu trabalho, até depois de morto. Mas isso não importa mais. Trouxe vocês aqui para que vissem os rastros. Venham.

Dragan guiou-os mais alguns metros pela trilha até um par de troncos de choupo em péssimo estado. Ali, entre as duas árvores, a vegetação rasteira havia sido violentamente perturbada. Os rastros eram cristalinos de tão claros, seguindo para longe. Algo se arrastara da mata até a trilha.

— Tem alguma coisa errada — disse Katrina. Ainda não sabia o que era, mas sentia. Não eram instintos de bruxa dessa vez, e sim de caçadora. — Parecem rastros artificiais.

— Mislav, repare bem nesses choupos — ordenou Dragan. — O que você vê?

— Marcas de garras. Talhos enviesados, sempre em grupos paralelos de três. Pelo casco partido do Diabo, essa coisa cortou fundo! Há seiva vazando dos troncos.

Katrina investigou por cima do ombro do companheiro. De fato, pareciam garras, mas eram cortes limpos demais, regulares demais, e não havia traços de pelos, escamas ou carniça nos choupos.

— Sequer deixou impressões na casca. Nenhuma garra é tão longa e tão afiada a ponto de cortar assim. É como se não houvesse patas para impelir o golpe, apenas osso afiado, ou aço. O que o povo de Niecza sabe sobre essa fera?

— Alguns disseram ter avistado a criatura, ou parte dela, movendo-se de modo esquisito pela mata. — Dragan parou um instante para espirrar. Limpou o nariz com a manga outra vez. — Disseram que tinha uma cabeça descarnada, com galhada de alce e presas de javali.

— Se essa coisa passou por entre essas árvores, deve ser bem magricela — comentou Mislav. — Um urso não se espremeria por aqui, e lobos deixariam rastros menores.

— Sem mencionar algum pelo, saliva ou sangue. Nem que fosse o sangue de uma vítima.

— Então, garotos — Dragan ergueu uma sobrancelha —, já têm uma ideia do que estamos enfrentando?

— Necromancia — Katrina e Mislav sussurraram em uníssono.

Era a única coisa que os mordravos odiavam mais do que bruxas. Magia capaz de acordar os mortos ou, nesse caso, animar um construto cadavérico em forma de monstro. Katrina sentiu-se aliviada. Ao menos, ainda não teria que enfrentar alguém de sua própria espécie. Sabia que esse dia chegaria, mas não se sentia pronta. Entretanto, a ideia de que um necromante estivesse agindo em Lazagorov era perturbadora.

— Não estamos longe demais da fronteira com a Solúmbria? O que um necromante viria fazer aqui?

— Espionar — sugeriu Dragan. — Disseminar o caos para desestabilizar a Nova Mordrávia.

— Quem sabe o que se passa na cabeça dos malditos solumbrianos? — indagou Mislav.

Mordravos e solumbrianos descendiam de um único povo, separados agora pela prática da necromancia. A Guilda dos Caçadores não tolerava magia, muito menos a que mexia com os mortos. Infelizmente, Katrina estava despreparada para um oponente como aquele. Suas armas eram feitas para combater criaturas vivas. Corte, veneno, perfuração; nada disso funcionaria contra um construto de ossos e carne podre.

— Precisamos de fogo. Trouxemos tochas de alcatrão, não foi, Mislav?

O rapaz assentiu.

— Está úmido demais — disse Dragan. — Não vai ser fácil atear fogo à mata, e se o necromante souber o que faz, vai besuntar seu monstro com lama antes de enviá-lo contra nós.

— O que o senhor sugere? — perguntou Katrina.

— Encontrar o mago antes que ele nos encontre e matá-lo primeiro.

Era um ótimo plano, exceto pelo fato de não ser plano algum. Estavam em três, fariam muito mais barulho que um necromante solitário, que parecia conhecer muito bem a região. Há quanto tempo ele estivera ali, espreitando, preparando o terreno? Mas, então, Katrina percebeu que tinha a vantagem.

Seus instintos lhe permitiam sentir não apenas o resfriado nos pulmões de Dragan, mas a presença da morte naquela mata. Pairava como uma nuvem negra, um vento funesto soprando sempre na mesma direção. Katrina sabia que encontraria um cadáver caso seguisse aquele impulso. Agora, sabia que seria um cadáver ambulante, um monstro necromântico.

— Eu sei por onde ir — sussurrou. — Venham comigo.

Teria seguido sorrateiramente, mas queria evitar ser repreendida de novo por Dragan, que a ordenaria que ficasse onde estava. Por isso, embrenhou-se às pressas por entre as árvores, correndo na direção que seus sentidos sobrenaturais indicavam. Sentia a morte no vento e correu de encontro a ela.

Mislav e Dragan protestaram, mas Katrina já estava longe demais para ouvir. Houve um som metálico de armas sendo desembainhadas e um grunhido entrecortado, e ela soube que seus companheiros haviam se juntado à caçada. Correu com a besta apontada para baixo, próxima à lateral do corpo, para evitar um disparo acidental. Desviava dos galhos baixos, dos troncos caídos e da vegetação rasteira que ameaçava fazer-lhe tropeçar. Seu treinamento de caçadora lhe dera músculos delgados e ágeis, capazes de percorrer o terreno acidentado como uma acrobata. Seus instintos de bruxa lhe diziam aonde ir. Unindo suas duas naturezas opostas, Katrina se tornara algo diferente, mais completo.

Quase disparou a besta duas vezes. Primeiro, quando viu um gamo, saltando majestoso entre os arbustos; depois, quando um vulto se adiantou para ultrapassá-la, mas, pelas vestes, só podia ser Dragan. Para evitar um acidente, fechou os olhos e deixou que seus sentidos de bruxa a guiassem. Confiou neles por completo. Exultou na brisa úmida que afagava seu rosto e desarrumava seus cabelos enquanto corria. A floresta de Lazagorov podia ser assustadora para o povo mordravo, porém, naquele momento, Katrina tornou-se parte da vida que fervilhava entre os choupos e os freixos. Então, ouviu o som.

Era um choro, um guincho. Quase um lamento. Se humano ou animal, Katrina não conseguia discernir. Sob as copas emaranhadas de Lazagorov, o som ganhava uma qualidade fantasmagórica, ecoando entre troncos, indo e voltando, como se percorresse sua própria trilha de caça, carregado de dor e desespero. Talvez, o necromante já tivesse descoberto os caçadores e conjurado um espectro para afugentá-los.

— Ele está tentando nos desorientar! — Katrina alertou. — Mislav, comigo! Ataque em pinça!

Era uma estratégia clássica da Guilda dos Caçadores. Apanhar o inimigo ao investir sobre ele vindo de duas direções opostas. Se a tática falhasse, Dragan certamente interceptaria o necromante. Katrina ouviu o som de folhas perturbadas por passos, mas não viu seu companheiro. Aquele lamento tenebroso permeava o ar. Cruzou por entre os choupos e abetos, atenta aos sons da floresta. Seus sentidos berraram em sua mente: havia chegado a um lugar tão prenhe de morte e doença que a sensação ameaçava sobrepujá-la. Enfim, ela viu.

O crânio descarnado podia ter pertencido a um cavalo, talvez uma vaca, mas fora adornado com presas recurvas, e tinha chifres imensos de alce. Luzes lúgubres, como de candeeiros cobertos, projetavam-se a partir das órbitas vazias. Um esqueleto mal-ajambrado sustentava a cabeçorra, desafiando a física, e pedaços de vinhas e folhas secas revestiam a criatura, como se a fera tivesse acabado de emergir de debaixo da terra. O choro agudo e horripelantemente triste ficara mais alto. Vinha da fera de Lazagorov, ou de algum ponto além?

Katrina não perdeu tempo: ajoelhou-se para firmar a mira e disparou a besta. Seu virote envenenado não faria nada contra um morto-vivo, mas poderia distraí-lo. Mislav e Dragan podiam se aproveitar do momento de confusão para um ataque mais efetivo. Katrina desembainhou seu sabre no instante seguinte, determinada a não dar trégua ao necromante e sua criatura.

O virote acertou em cheio o crânio animalesco, esfacelando parte do osso com o impacto. A fera de Lazagorov foi ao chão como um brinquedo desmontado. Tinha sido fácil demais, mas era verdade. Porque a criatura, de fato, não passava de um espantalho.

Katrina sentiu o braço reverberar e escutou o clangor metálico de um golpe certo em seu sabre. Uma força terrível acertara a lâmina e a desarmara. O golpe seguinte foi contra sua cabeça. Katrina desmaiou, tão facilmente derrubada quanto a fera de Lazagorov.

Antes de perder a consciência, com o rosto colado ao chão úmido, divisou a fonte do brilho que pensara emanar de um monstro necromântico. Eram lamparinas simples, cuja luz emanava do interior de uma cabana. Não, um casebre. Em meio à mata cerrada, alguém construía um barraco com toras e folhagem. Parecia uma casinha de bruxa.

IV

— ... Eu a amava, sabia? — disse Dragan. O som de uma chuva forte abafava a voz, porém Katrina ouviu ao menos o final. O lamento agonizante havia se reduzido a um soluçar indistinto. — Mas ela preferiu um lenhador bêbado a mim. — O caçador veterano estava oculto de sua visão, parecia falar para si mesmo, como um louco. — Teve um filho com ele!

Sua vista ainda estava embaçada, mas sabia onde estava. A chuva do lado de fora não os molhava, pois estavam dentro do tal casebre. A esqualida cabana pertencia a Dragan.

Katrina sentia a morte e a doença mais fortes do que nunca, agora. Porque, a seu lado, havia dois cadáveres. Um corpo de mulher terrivelmente pútrido, exalando um aroma que, a ela, parecia doce e convidativo. Katrina era uma bruxa, afinal, mesmo que não quisesse abraçar sua natureza. O que revirava seu estômago era o segundo cadáver, ainda quente ao toque. Mislav exibia um corte profundo de cutelo no pescoço. Dragan o apanhara assim que ela se permitiu correr para longe.

Além da chuva e da voz — agora fanhosa — de Dragan, havia o som de uma lâmina raspando em uma pedra de amolar. O choro também continuava, muito menor agora, entrecortado. Estava dentro da cabana, com eles. Katrina não podia ver do que se tratava, pois estava de frente para uma parede. Ele a amarrara com os cadáveres, usando cordas grossas de cânhamo. Talvez pensasse que a proximidade com a morte fosse aterrorizá-la.

— Quando o maldito Piotr resolveu se embrenhar sozinho na mata, eu não resisti — continuou Dragan, amolando sua arma. — Rasguei o bucho do desgraçado. Faria parecer um ataque de carniçais, mas os cães do alcaide farejaram a carne e encontraram o corpo. Tive que me esconder antes que pudesse remover os órgãos.

— Por que não me mata de uma vez? — retrucou Katrina. — Não me interesse por seus planos de assassinato.

— Você está viva? — Dragan parecia surpreso. Katrina amaldiçoou sua própria boca; podia ter ganhado alguma vantagem se continuasse quieta. — Que treinamento recebeu em Ostrog para sobreviver a uma martelada na cabeça?

— Nenhum. — Agora que já atraíra a atenção do desgraçado, só restava antagonizá-lo ainda mais. — Você é muito fraco, só isso.

O caçador veterano se adiantou com mãos grossas e girou Katrina para encará-lo. Ao menos assim, ela pôde ver o que havia no interior do casebre. Além das lamparinas, um catre e uma mesa de trabalho, notou uma jaula de ferro, do tipo em que se prendem animais. Nela, um menino mirrado e sujo choramingava. Só podia ser Castimir, o menino desaparecido. Estava vivo, mas Katrina sentia a fraqueza em seus ossos. Dias sem comida e o trauma de estar preso ao lado da mãe morta haviam permitido que toda sorte de doenças se instalassem no garoto.

— Deixe a criança ir, Dragan. Ele não tem culpa se a mulher que você diz amar casou-se com outro.

— Eu não quis matá-la, garota imbecil! — vociferou o veterano. Tossiu vigorosamente. — O garoto veio procurar pelo pai na floresta, e eu o trouxe aqui. Eu o deixaria por uns dias, para que pudessem lamentar o sumiço. Depois, traria

ele de volta e Rozalia me agradeceria. Ela me amaria por salvar seu filho! Mas ela veio procurá-lo, e teria me denunciado se eu não fizesse alguma coisa.

— Você está louco.

Dragan estapeou Katrina com as costas da mão. Presa aos cadáveres como estava, sua cabeça se chocou contra a de Mislav, que pendeu para o lado de forma antinatural. Katrina sentiu gosto de sangue, e uma sensação nova começou a se formar dentro de si.

— Que tipo de criatura é você? — disse Dragan. — Não deveria resistir assim. Você não pode ser humana, não pode!

— Vá pro inferno, caçador de bruxas. — Katrina cuspiu. Não devia, mas algo dentro dela exigia que se anunciasse. — Quase dez anos em Ostrog, e nem o Primeiro Caçador descobriu que sua pupila favorita era uma bruxa! — A risada veio sem se anunciar. Katrina gargalhou, alto e estridente, um som como uma revoada de corvos.

— Isso será melhor que o espantalho que eu criei para assustar o povo de Niecza. Eu poria a culpa em um necromante e seu monstro de ossos, mas agora tenho você!

O caçador apanhou a arma que passara tanto tempo afiando, um imenso cutelo de açougueiro. Katrina tinha as pernas livres e tentou se levantar, mas estava amarrada firmemente a dois corpos pesados. Dragan assomou-se sobre ela, e Katrina desferiu um chute enviesado, que quase acertou o caçador entre as pernas. No entanto, ele foi mais rápido, esquivou e chutou-a de volta. Katrina desviou o rosto e recebeu o pisão no peito. Doeu como o diabo, entretanto ela não gritou. Não daria essa satisfação a ele.

O golpe lançou-a novamente contra o corpo inerte de Mislav. Pareciam amantes abraçados, de tão próximos. O rapaz nunca fora um grande caçador, mas, ao menos, não era um canalha insensível como a maioria do povo da Nova Mordrávia. Sangue ainda morno escorria pelo pescoço aberto dele. Não era um odor tão convidativo quanto a podridão do corpo de Rozalia, porém teria que servir. Pela primeira vez em sua vida, Katrina cedeu aos impulsos de sua verdadeira natureza, e abocanhou um naco da carne de seu amigo abatido.

Não sabia por que, mas aquilo fazia todo o sentido. Se pudesse, teria arrancado-lhe os olhos ou a língua para comer; sentia que seriam as melhores partes. Aquele instinto hediondo, que ela sempre quisera negar, dominou-a por completo quando se viu diante da lâmina de um caçador de bruxas.

A mordida desajeitada arrancou pouca carne, que era dura e fibrosa, mas Katrina alimentou-se dela mesmo assim, engolindo-a como um remédio amargo. Dragan imobilizou suas pernas, ajoelhando-se sobre elas, e baixou o cutelo.

No entanto, algo dentro de Katrina se transformara inteiramente. Alimentar-se da carne morta era a verdadeira transformação, a mudança que ela temera por anos. Seus sentidos de bruxa, que lhe atraíam à morte e à moléstia, pareciam mais que simples percepção. A doença nos pulmões de Dragan, um mero resfriado provocado pela chuva constante, agora lhe parecia menos uma enfermidade e mais um manancial de poder. Os pequenos demônios encerrados nos pulmões do caçador sussurravam para ela, queriam que ela os usasse, que os direcionasse. Foi o que ela fez.

O caçador de bruxas deixou a arma cair no último segundo. Tosses violentas o acometeram, e Dragan levou as mãos ao peito. Katrina sentia a doença evoluir a olhos vistos, impelia a moléstia com sua força de vontade graças ao alimento profano que arrancara de seu antigo amigo. Os demônios minúsculos se proliferavam ao seu comando, fazendo os pulmões de Dragan incharem, transbordando-os de fluido, sufocando-o, afogando-o por dentro. O caçador de bruxas desmaiou com o rosto púrpura, privado de ar. Katrina continuou a comungar com a peste que florescia nas entranhas do homem. Deixou que os pequenos demônios lhe contassem seus segredos, deixou que se proliferassem, até que o cadáver enrijecesse.

Demorou um bocado até que Katrina conseguisse se desfazer das amarras, mas ela não tinha pressa. Usou o tempo para pensar na história que contaria ao alcaide e, depois, ao Primeiro Caçador. Decidiu-se pela verdade, exceto quanto à sua bruxaria inata. O pequeno Castimir seria a testemunha perfeita. Havia doença dentro do garoto, e Katrina alcançou-a com sussurros inaudíveis. Ordenou que recuasse, que desaparecesse. Aquilo devolveu um pouco de viço ao rosto emaciado do menino. Ele não compreendia aquele poder, e qualquer comentário seria visto como o devaneio de uma criança. Castimir, porém, denunciaria o algoz de seus pais ao povo de Niecza, e nisso eles acreditariam. Eles veriam os corpos e a cabana e saberiam que era verdade.

Katrina entendeu, enfim, que ser bruxa não a tornava má. A fera de Lazagorov, no fim das contas, era o pretenso protetor do vilarejo. O ódio e a loucura de Dragan eram, sobretudo, mundanos, sem qualquer relação com o sobrenatural. O mal, Katrina compreendeu, era eminentemente ordinário.

E não havia nada mais ordinário no mundo do que a humanidade.



RESPEITO PELOS MORTOS

I

O cheiro cáustico assaltou as narinas de Amunna antes mesmo que ela adentrasse o necrotério. Não era sua primeira vez examinando cadáveres. Pelos Proterores, ela já perdera a conta de quantas vezes fora designada para aquela tarefa, e o cheiro dos corpos em variados níveis de decomposição já lhe parecia inócuo. No entanto, o odor de formaldeído era sempre terrível.

O ambiente era relativamente fresco, graças às paredes de pedra porosa do necrotério. Os mortos jaziam em mesas feitas da mesma pedra, enfileiradas no centro do salão. Amunna deveria lavá-los e preparar seus órgãos para o transporte. Havia um ralo no centro do aposento por onde os fluídos indesejados podiam escoar. O odor químico do formaldeído estava por toda parte, emanando de vasos e jarros, nas prateleiras que dominavam as paredes.

— Bom dia, queridos — disse Amunna, para os cadáveres. Não houve resposta, nem física, nem espiritual. Porém, demonstrar respeito era o que separava Amunna de um açougueiro qualquer. Ela era uma necromante, afinal, não importava o quão inexperiente.

Doze mesas tinham seus ocupantes cobertos por linho branco, uma camada fina que servia tanto para evitar expor os cadáveres, quanto para proteger os vivos de confrontar a própria mortalidade. Amunna achava curioso que a Solúmbria, uma nação erguida pela necromancia, mantivesse esses pudores em relação aos mortos. Com movimentos rápidos, descobriu os três primeiros pacientes do dia, embrulhando suas mortalhas e depositando-as num cesto de vime no canto do aposento.

— Meus Protetores! Quem fez isso com vocês?

Os corpos ostentavam a libré da família Nephris, e exibiam uma variação de cortes, escoriações e marcas de queimadura. Pareciam guardas domésticos e haviam sofrido bastante antes do fim. Pela quantidade e profundidade dos ferimentos, haviam sido reanimados para continuar lutando após a morte. Ninguém que recebe um corte de alabarda no estômago vive para receber o segundo, mas lá estava um pobre coitado, com dois talhos compridos e profundos abrindo caminho até suas tripas.

Aquele grupo chegara bastante danificado, o que era bom. Daria a Amunna uma boa desculpa para entregar alguns pedaços a menos à necrópole. Akhenatos estava em estado de alerta, mas para interceptar fugitivos e invasores. Sequer perceberiam um punhado de falanges ou alguns miligramas de medula faltando no carregamento diário.

Amunna apanhou um punhado de ervas e despejou num braseiro. Jasmim, cânhamo e mirra não eram apenas ervas cerimoniais para honrar os mortos, mas também ajudariam a afastar o cheiro insuportável de formaldeído. Depois, começou a despir o primeiro cadáver. Além de lavá-los, devia catalogar

seus pertences. Com sorte, um deles teria um anel de ouro ou prata.

A escala de afazeres dos ossuários era definida semanalmente por seus capatazes, necromantes um nível acima na hierarquia, mas ainda baixos o suficiente para lidar com trabalho braçal e incapazes de manifestações superiores de necromancia. Amunna devia ter avisado ao seu capataz de que já trabalhara no necrotério semana passada, mas o idiota estava atarefado demais com os problemas da necrópole.

A mestra de Akhenatos fora assassinada por um grupo desconhecido, e bárbaros sanguinários tinham sido vistos cavalgando pela região, sedentos por saque e batalha. Seria preocupante, se Amunna não precisasse tanto de uma distração como aquela. Uma carga adicional de contrabando era tudo o que ela precisava; mais algumas moedas de prata para sua poupança secreta. Logo, poderia comprar seu marido de volta.

Terminou de despir e banhar o primeiro corpo. Apanhou um bisturi afiado, que reluziu como prata sob a luz das lamparinas. Hora de investigar os órgãos daquele pobre guarda. Murmurou uma prece silenciosa por seu espírito, para que se tornasse um Protetor de sua família e amigos no além-túmulo. Atrás dela, as portas do necrotério se abriram com violência, chocando-se contra as paredes.

— Silêncio! — chiou Amunna. — O respeito pelos mortos é a única coisa que nos separa...

— De carniçais e taumaturgos — completou uma voz soturna, como um crocitar. — Você ainda recita os aforismas

que ensinam aos ossuários principiantes. Quem deixou você tomar conta desses corpos, garota?

Dois esqueletos passaram por Amunna, claudicando com o som característico de osso contra osso. Vestiam elmos de ferro, sem abertura para os olhos. Os reanimados removeram os véus que encobriam os cadáveres nas mesas à frente da necromante. Amunna virou-se, furiosa, para encarar o dono da voz.

— Eu sou a ossuária designada para tratar dos mortos essa semana! Se tem um problema com isso, vá procurar o...

Queria dizer ao intruso que resolvesse seus problemas com o capataz, e que tirasse os malditos esqueletos dali. Estavam atrapalhando o descanso dos mortos, e aquele grupo já sofrera bastante em vida. As palavras, porém, murcharam em sua garganta, pois o intruso no necrotério era um decurião da Cabala e, em seu pequeno batalhão de cadáveres, estava o marido de Amunna.

— Zahir, é você?

— Meu nome é Saed, ossuária — crocitou o decurião. Sequer passou pela cabeça do homem que Amunna tentaria conversar com um de seus mortos-vivos. — Não deviam ter posto uma novata para cuidar desse lote. Vim te aliviar da responsabilidade... — ele continuou falando até perceber que Amunna olhava fixamente para o reanimado ao seu lado, o cadáver de pele escura e armadura brilhante. — Algum problema com meu reforjado?

— Meus Protetores! — exclamou Amunna. — Zahir, o que fizeram com você?

A ossuária correu para abraçar o esposo. Na Solúmbria, era costume cobrir a face dos reanimados com máscaras. Os corpos serviam um novo propósito após a partida de seus antigos donos, e não deviam ser reconhecidos como as pessoas que foram em vida. No entanto, o cadáver de Zahir não tinha máscara ou elmo sobre o rosto.

— Eu sabia que esse aí causaria problemas — resmungou o decurião Saed. — Sai de perto do meu reforjado, garota! Seja lá quem foi pra você, ele é propriedade da Cabala, agora.

Amunna abraçou Zahir com muita força. Ele sempre fora menor que a esposa, e ela frequentemente o abraçava assim para provocá-lo. Aquele novo Zahir, porém, sequer se moveu. Parecia impossível de levantar.

Era diferente dos outros mortos-vivos. Para começar, não era apenas um esqueleto. Tinha toda a carne intacta, exceto que, agora, ela era negra como a noite. Não era apenas escura, como a pele dos mercadores hathamitas; tinha o aspecto áspero e quebradiço do carvão. Mas era Zahir, sem dúvida alguma. Amunna reconheceria aquele rosto sob qualquer disfarce, qualquer subversão necromântica. Seu amado marido que, desde jovem, já era o prodígio da família.

No entanto, Zahir não a reconhecia. De seus olhos, em vez de familiaridade, emanava uma luz branca, energia necromântica pura. O brilho combinava com a armadura de placas prateadas do morto-vivo, resplandecentes na delicadeza de sua confecção. Amunna chorou, e deixou que o decurião a afastasse do corpo enegrecido.

— Ele foi reforjado — explicou Saed. — Esse corpo abriga mais que um espírito agora. É poder bruto, a manifestação necromântica mais avançada que os Mestres da Cabala já desenvolveram. Não sei por que não nos deixam cobrir seus rostos com máscaras. Evitaria esse tipo de constrangimento.

— Não precisa me explicar — disse Amunna, enxugando as lágrimas. — Fui eu quem vendeu o corpo de Zahir à Cabala, o espírito também. Eu só não sabia que fariam... isso com ele.

— Sua família deve ter umas dívidas bem gordas — falou Saed. A voz de gralha idosa lhe dava um ar de sabedoria não merecida. — Corpos não significam nada, mas vender um espírito familiar é coisa de gente desesperada.

Só agora Amunna reparava no decurião. O desgraçado parecia bem à vontade ao comentar sobre a situação financeira de sua família. Era assustadoramente alto, e magro demais para um guerreiro. Ainda assim, tinha sua armadura de couro negro. Saed também ostentava uma série de adagas de cabo de osso, presas em bainhas que iam do cinto ao peitoral. Parecia excessivo.

— Não sei como você pagou por sua educação, decurião, mas o treinamento de ossuário em Akhenatos custa caro. Zahir recebeu um abono após demonstrar talento excepcional. Eu, porém, tive minhas dificuldades.

— E depois da morte dele, só sobrou você para sustentar a família. Seus pais ainda são vivos?

— Ossuários, os dois, e meus sogros também, mas estão velhos demais para reanimar cadáveres.

— Uma história mais antiga que o Grão-Mestre Senekton — riu Saed, sem se importar se ofenderia Amunna. — Vocês contavam com o prodígio aqui para subir na hierarquia da Cabala. Ele se tornou decurião e morreu graças a um bárbaro sortudo ou a um abissal determinado. Funeral de herói, mas de caixão fechado. Corpo e alma vendidos à Cabala.

— Conhece a história bem o suficiente para se comportar como um perfeito imbecil diante do meu sofrimento — retrucou Amunna.

— Eu vivi parte dela, ossuária, mas era eu o prodígio da família, e sobrevivi aos abissais na Costa Perdida.

— Zahir lutou e morreu lá. Como você não o conheceu?

— Fui promovido e transferido a Enthanaktra com dois anos de serviço. Seu marido parece bem mais novo, mesmo após o processo de reforja. Por isso não nos conhecemos.

— E o que você fez para ser mandado para cá? Deve ter cometido um erro feio para lhe tirarem da capital.

— Eu fiz meu trabalho bem demais, essa é parte do motivo. A outra parte está aqui, nesse lote de cadáveres.

Os dois esqueletos sob o comando de Saed continuaram a perturbar o descanso dos mortos, removendo as mortalhas de linho. Amunna quis protestar, mas Saed era seu superior, e não podia fazer nada além de sentir-se cada vez pior com a situação. Seguiram revelando guardas domésticos da família Nephris, cada um com ferimentos piores que o anterior. Até que, enfim, revelaram o cadáver que não era de um guerreiro, e Amunna levou as mãos à boca para sufocar um grito. Ela não deveria ter

sido apontada para cuidar daquele grupo. Pelos Protetores, aqueles corpos nem deviam estar ali!

Numa das últimas mesas de pedra, jazia o corpo de Vendris, Mestra da necrópole de Akhenatos. A necromante mais poderosa de todo o norte da Solúmbria.

— Agora você entende por que vim até aqui? — perguntou Saed. — Imagine sua reação ao descobrir que a Mestra de Akhenatos estava na ordem do dia.

— Suponho que eu iria lavá-la e preparar seu corpo com cuidado especial — respondeu Amunna. — Depois de ter uma breve crise de pânico.

— Veja, é por isso que você nunca vai deixar de ser uma ossuária... Como é mesmo seu nome?

— Amunna.

Saed puxou um pequeno caderno encapado em couro e um pedaço delgado de carvão. Fez uma breve anotação e guardou-os novamente em um bolso no peitoral de seu gibão. Que tipo de guerreiro carregava instrumentos de escriba?

— Então, Amunna — Saed prosseguiu —, você trataria o cadáver da maior necromante da região da mesma forma com que lidou com os capangas de Nephris?

— Com respeito e cuidado, decurião.

Saed suspirou.

— Ossuários... acham injusto receberem um salário miserável, mas não enxergam um palmo além do nariz. Esse corpo é uma amarra, Amunna. Uma amarra que pode chamar o

espírito de uma das necromantes mais habilidosas da Solúmbria ao serviço.

Serviço era a palavra-chave para se entender a Solúmbria. A Cabala exigia labor interminável, dos vivos e dos mortos. Amunna sabia muito bem. Passava dias lacrada em caixas escuras, manifestando seu ossuário, controlando esqueletos em curtumes, forjas e manufaturas. Seu potencial necromântico era explorado até a última gota como força de trabalho e, no fim da semana, recebia um salário de fome.

Saed sequer mencionara as circunstâncias horríveis da morte de Vendris. A Mestra fora assassinada; tinha um corte enorme em seu pescoço. Seu belo rosto manchado de vermelho, com crostas de sangue seco.

— Você é o responsável pela investigação, então? — Quis saber Amunna.

— Investigação sobre o quê?

— Para descobrir quem matou Mestra Vendris, o que mais?

— Ah, sim. Suponho que isso esteja entre meus novos deveres. Por hora, devo levar o corpo dela à necrópole, ver se consigo atrair seu espírito.

Os esqueletos sob o comando de Saed adiantaram-se para carregar o cadáver de Vendris. Amunna estendeu a mão para impedi-los, mas viu seu esposo — o corpo dele, pelo menos — mover-se para carregar a mestra de Akhenatos. Vestido com armadura prateada e coruscando com energia espectral, Zahir parecia mais belo do que nunca. Apanhou o corpo da mestra necromante como um pai carrega uma filha adormecida. Não parecia fazer esforço algum para suportar o peso. Não havia

humanidade em seus olhos iluminados. Amunna esforçou-se para não chorar.

— Espere, decurião. Posso ser só uma ossuária, mas esses cadáveres foram confiados a mim. Preciso de mais do que sua palavra para permitir que remova um deles daqui.

— É a primeira coisa sensata que você me disse desde que nos conhecemos — disse Saed, com sua voz de gralha.

O decurião retirou um cilindro delgado do cinturão de guerreiro e, de dentro dele, puxou um rolo finíssimo de pergaminho. Estendeu-o a Amunna, que o desfraldou. Havia um selo gravado em cera no canto inferior, o sigilo pessoal do Grão-Mestre Senekton, líder da Cabala, governante de toda Solúmbria.

— Meus Protetores! — exclamou Amunna, quase amassando o pergaminho nas mãos, como se precisasse provar a si mesma que era real. — Uma ordem de intervenção! Você... o Senhor! — A pobre ossuária começou a suar em profusão. — Por que o senhor não me informou que era o Mestre designado para substituir Mestra Vendris?

— Gosto de conhecer meus subalternos antes que eles me conheçam — comentou Saed, como se fosse explicação suficiente. — O anúncio formal será feito em alguns dias, juntamente com mudanças substanciais na estrutura de comando em Akhenatos. Mas pode ficar tranquila. Não acho que seja possível rebaixá-la na hierarquia.

Seguido pelo cadáver enegrecido que um dia fora o amor da vida de Amunna, Saed deixou o necrotério, flanqueado por seus esqueletos. Horivelmente alto, caminhava como uma garça à

procura de peixes. Uma garça com voz de gralha. Não se despediu, nem transmitiu novas ordens.

Amunna esperou o som das portas se fechando para desabar onde estava. O cheiro de formaldeído retornou com força total, como se os incensos tivessem desistido de lutar contra o assalto químico. As lágrimas verteram grossas pela face da necromante, que sentou no chão, encostada em uma das mesas de pedra. Os cadáveres podiam esperar; Amunna precisava extravasar o desespero.

O novo Mestre de Akhenatos a desprezava. Não havia inimigo mais terrível para se fazer na necrópole; ela teria que procurar um bando de bárbaros na Terra Arrasada se quisesse sofrer algo pior. Isso significava que Amunna jamais deixaria a posição de ossuária, jamais teria acesso a novo conhecimento necromântico. Se quisesse aprender, teria que fazê-lo sozinha, sob o risco de ser presa.

No entanto, não era por isso que Amunna chorava. Ela arriscava a própria liberdade escamoteando material necromântico dos mortos que tratava, vendendo órgãos e ossos para conseguir um módico de prata extra. Fazia aquilo na esperança de comprar seu marido de volta. Não o corpo, mas o espírito.

Quando Zahir pereceu, seu espírito foi mantido em um amuleto necromântico. As famílias da Solúmbria tinham direito a usar os espíritos de seus parentes falecidos como bem entenderem, podendo libertá-los ou usá-los para alimentar manifestações necromânticas. A família de Amunna precisou vender o espírito de Zahir à Cabala, junto com seu corpo. Era a

única forma de se livrar das dívidas que se amontoavam, ameaçando sufocá-los em miséria e desespero.

A esperança de recuperar Zahir era o que mantinha Amunna focada no serviço, era o que lhe dava a astúcia necessária para contrabandear itens valiosos bem debaixo do nariz de seus superiores. Agora, porém, Zahir era um reforjado, o tipo mais valioso de morto-vivo. Um soldado perfeito, incansável e poderoso. Ele estava perdido. Para sempre.

II

Não soube dizer quanto tempo levou para se recompor. Algo em torno de uma hora, talvez. Em algum momento, as lágrimas secaram e Amunna voltou ao trabalho. Não podia fazer nada por si mesma ou por Zahir, mas podia dar alguma dignidade aos mortos daquele lote.

Lavou-os e dissecou-os com diligência e cuidado. Catalogou cada órgão, cada ferimento e cada pedaço faltante. Não falsificou os registros. Não precisava mais contrabandear matéria morta. Não tinha sentido. Com o dinheiro que já levantara, podia comprar uma transferência a outra necrópole, longe do desprezo de Mestre Saed.

Já havia dado conta de metade dos corpos com a libré de Nephris quando batidas delicadas soaram à porta. Quis mandar quem quer que fosse embora, mas não podia arriscar. Se fosse Saed novamente, precisaria atendê-lo com presteza. Duvidava que fosse, pela delicadeza das batidas, porém o novo Mestre de Akhenatos parecia gostar de ludibriar seus subordinados. Amunna foi até as portas duplas do necrotério e entreabriu uma

delas. O sol já se pusera, e a tarde lançava seu lusco-fusco no horizonte apinhado de casinhas. Havia uma mulher do outro lado da porta.

— Perdoe-me a intrusão, querida, mas eu gostaria muito de entrar.

— Apenas necromantes têm permissão, sinto muito.

A visitante vestia um manto marrom puído com um capuz grande demais. A ausência de runas bordadas no tecido indicava que era apenas uma cidadã qualquer, sem afiliação com a Cabala. Pelo menos, sobre essas pessoas os ossuários tinham algum arremedo de autoridade.

— Oh, eu sei, querida — choramingou a visitante —, mas é muito importante, sabe. Preciso ver alguém.

— O serviço funerário aconteceu essa manhã, as famílias já foram pagas. — Amunna mantinha a mão firme sobre a porta, permitindo que a visitante apenas espiasse por uma fresta. — Os corpos são propriedade da Cabala, agora. Sinto muito por sua perda.

A mulher era muito esquisita. Falava com uma cadência curiosa, como se fosse estrangeira. Pior, como se tivesse crescido na mata e aprendido a falar muito tarde. Soava como um animal tentando copiar a língua humana. Tinha um gosto estranho para maquiagem: usava uma sombra pesada nos olhos e tinha a boca carnuda coberta de batom negro e oleoso.

— Você não entende, querida. Eu vim ver o meu irmão.

Amunna baixou a mão que segurava a porta. Uma tontura repentina, ou talvez um calafrio, roubou-lhe a energia. Ela havia visto o próprio marido morto naquele dia, e daria tudo para

poder vê-lo por mais alguns minutos. Mesmo que seus olhos vazios não exibissem qualquer reconhecimento.

Afastou-se para dar passagem à visitante, mas ela já estava dentro do necrotério. Parecia muito mais frágil e encurvada do lado de fora. Agora, caminhava confiante em direção ao grupo de cadáveres, desfalcado pela ausência de Vendris.

— Seja rápida. Despeça-se dele agora, pois tudo o que sobrar vai para Akhenatos.

Ao ouvir o nome da necrópole, a visitante cuspiu. Muco escuro atingiu o soalho do necrotério.

— Tomarei o tempo que precisar. Você será recompensada.

— Escute, eu já me meti em problemas demais hoje, acho melhor você...

A visitante emitiu um som horrível, que lembrou a Amunna do coro que as rãs faziam antes da chuva. Uma série de piados, agudos e lânguidos. Levou um instante para compreender que eram soluços. A mulher chorava.

— Desculpe se já dissequei seu irmão. — Amunna já costurara os cadáveres nos quais trabalhara. Ao menos aquele irmão falecido não seria encontrado aberto sobre a mesa de pedra. — É por isso que não permitimos a entrada de visitantes aqui. Devia ter prestado sua homenagem na cerimônia dessa manhã.

— Agradeço a gentileza, mas você ainda não trabalhou no corpo dele. — A visitante aproximou-se de uma das últimas mesas. Bateu os dedos contra a pedra, o som abafado pelo cobertor de linho. — É esse aqui.

— Como você sabe, se ainda não viu o corpo?

— Pelo cheiro — disse a visitante, e sorriu. Talvez fosse o batom escuro, mas ela parecia ter dentes afiados. — Venha ver. Talvez você o sinta, sob o incenso e o formol.

A visitante correu casualmente a mão pelo linho que cobria o cadáver de seu irmão. Com um movimento displicente, atirou a mortalha ao chão. Pela segunda vez, Amunna cobriu a boca com as mãos ao ver um cadáver daquele grupo.

O homem — não, a coisa — tinha roupas bem cortadas e um colete verde bordado com fios dourados nas laterais. Misturava corte militar com mangas bufantes e outras extravagâncias. Era a roupa de um mercador afluente, mas a coisa que a vestia era, sem dúvida, um carniçal.

— Eu sempre pensei que fossem apenas rumores — comentou Amunna. — Mas esse... homem... é Rictor Nephris? Pelos Protetores, um dos homens mais ricos de Akhenatos era um comedor de carniça!

— Como se vocês necromantes fossem melhores — retrucou a visitante. — Cobiçam a mesma carne podre que meu pobre irmão.

— Espere, a família Nephris não possuía filhas. Rictor era o único herdeiro... mas se ele é um carniçal, então você é...

A visitante sorriu novamente e baixou seu capuz puído. Ela tinha os cabelos raspados nas laterais, e uma cascata de fios escuros fluía do topo da cabeça em uma trança solta, selvagem. Os lábios eram negros como piche. A pele tinha a cor de oliva, mas parecia marcada com uma textura áspera que formava padrões ondulados. Foi o brinco que pendia da orelha esquerda

da mulher que fez Amunna se afastar até encostar-se contra a parede. Tinha o formato de uma lua crescente, vermelha como sangue.

— Lunarrubra! Você é uma bruxa! Afaste-se ou...

— Ou o quê? Você é uma ossuária, tem coragem de entrar em transe necromântico na mesma sala que eu?

Amunna não tinha, mas não estava totalmente indefesa. Brandiu seu bisturi, a lâmina delgada que usava para trabalhar nos cadáveres. Sempre fora uma garota grande e podia parecer intimidadora, se soubesse acentuar a diferença de tamanho entre ela e a outra mulher.

— Abaixei isso, querida — pediu a mulher. Não, a bruxa. — Eu só vim ver o meu irmão, sim? Deixe-me sofrer pelo pobre Rictor.

— Vocês não se parecem em nada!

A visitante era uma mulher formosa, apesar da aparência assustadora. Sua figura transparecia mesmo sob as dobras do manto amarronzado. O cadáver do carniçal ao seu lado era uma coisa pálida, de aspecto subnutrido.

— Bruxas e carnicais são fêmeas e machos da mesma espécie — explicou a visitante —, mas somos diferentes uns dos outros. Já reparou que, em alguns tipos de pássaros, os machos têm penas de cores vibrantes e as fêmeas são cinzentas? Ou como sapos fêmeas às vezes são maiores que os machos? É assim que funciona conosco.

Apesar do asco, Amunna não pôde evitar de ficar interessada. Seu aprendizado de necromancia sempre fora uma coisa limitada. A Cabala retinha o máximo de conhecimento que

podia, alimentando seus pupilos a conta-gotas, apenas o suficiente para torná-los trabalhadores úteis. Aquela bruxa voluntariava informação de bom grado, coisas que Amunna nunca pudera aprender.

— Gostaria de dissecá-lo? — perguntou a visitante.

— O quê? Você chorava por ele há um minuto e agora oferece-o como cobaia?

— Não disse que eu me agrado da ideia. Quero saber se você tem fome, querida, se anseia por algo além dessa vida de serviço sem sentido. Quer ser uma necromante de verdade? Conhecer os segredos da vida e da morte? Humanos são apenas parte das criaturas que caminham sobre Noltora. Há tantas outras espécies magníficas a se conhecer... deliciosas, até.

A insinuação da bruxa era revoltante, mas a verdade era que Amunna desejava saber mais. Era a segunda coisa que mais queria em todo o mundo. A primeira, como ela descobrira naquele dia, agora, era inacessível a ela.

— O que você quer em troca? — Amunna sabia que a bruxa não estava ali apenas pelo carniçal. Elas existiam para semear a discórdia, roubando bebês e fazendo pactos com tolos e incautos.

— Não posso negociar com uma moeda que já lhe pertence, querida. Esses corpos já eram seus para dissecar, não é? Não é essa a tarefa que a Cabala lhe impôs?

Era verdade. Amunna já se esquecera do fato, após a sucessão de visitas aterradoras. Akhenatos estava mesmo mergulhada no caos. Com Mestra Vendris assassinada e o bando de bárbaros assolando a região, esqueceram-se de inspecionar os

cadáveres antes de mandá-los ao necrotério. Amunna recebera uma carga extremamente valiosa: os corpos de uma mestra necromante e um carniçal que se passava por humano.

— Vou dissecar o corpo de seu irmão quando você sair daqui — disse Amunna. — Vou comparar sua anatomia aos outros cadáveres que preparei hoje, anotar tudo com letra miúda em um caderno, e esconder o resultado da pesquisa em algum lugar seguro. Suponho que você queira os restos mortais, ou quer que eu contate o espírito dele? — Era o que Amunna sempre quisera. Reaver o corpo de Zahir e desfazer as amarras de seu espírito. Pô-lo para descansar após anos de serviço à Cabala.

— Pode até cremá-lo, se quiser. Pode dizer que o homem que esteve aqui antes de mim requisitou dois cadáveres em vez de um. Vai livrá-la de uma punição.

— Então, você não está aqui por seu irmão, está aqui por mim. Não sei por que diabos resolveu importunar uma ossuária de baixo nível, mas ande logo com isso.

A bruxa sorriu. Seus dentes eram mesmo afiados, emoldurados por lábios negros e carnudos, como a boca de um predador do pântano.

— Eu vim terminar o serviço que Rictor morreu sem concluir. Você vai me ajudar com isso.

— Na hierarquia da Cabala, eu estou um nível acima dos esqueletos reanimados. Como acha que eu posso ajudá-la com qualquer coisa?

— Você lida com contrabando, não é? Já vendeu fígados e falanges escamoteados desse necrotério. Preciso que me ajude

com uma carga mais... exótica.

— Em troca, vai resolver todos os meus problemas? As histórias que minha avó contava sobre seu povo eram sempre assim.

— Não vou resolver nada, querida. Humanos precisam de problemas para existir. Se eu resolvesse os seus, você criaria outros para justificar uma vida vazia.

— Eu não vou arriscar minha vida de graça por uma bruxa. Você sabe disso.

— Prometo dar a você o que você mais deseja: o espírito de seu esposo. O corpo será impossível de recuperar, agora que ele se tornou aquela coisa obscena de carvão e fogo fátuo.

— Como você sabia o que aconteceu a Zahir? Eu só descobri hoje!

— O Pacto de Lunarrubra tem olhos por toda a necrópole. Rictor não era o único carniçal vivendo entre vocês. Trocamos bebês no berço todo ano. Humanos moles como larvas de mosca por pequenos carnicais atentos e bruxinhas espertas. Você se surpreenderia com quantos de nós estão espalhados por Noltora.

— Ainda assim, precisam de mim. Qual é o serviço?

— Na mansão Nephris, havia um lote de cadáveres, mais ou menos do tamanho desse. Deve ter sido enviado diretamente à necrópole, pois não eram corpos humanos.

— Mais carnicais? — Não fazia sentido: a bruxa não parecia interessada no cadáver de Nephris, por que ia querer outros corpos idênticos? — Bruxas mortas, talvez?

— Nada disso. — A visitante sorriu. Não era uma provocação de dentes afiados, dessa vez. Era o sorriso de quem pensa numa refeição deliciosa, uma reação carnal e involuntária. — São corpos de abissais, homens-peixe trazidos direto da Costa Perdida.

— Meus Protetores! Eles nunca deixarão uma ossuária como eu chegar perto de algo assim!

— Akhenatos está sem Mestre oficial, e toda a atenção da Cabala recai sobre os bárbaros saqueando o interior. Providenciaremos uma distração. Ninguém vai notá-la, se for cuidadosa.

Fazia sentido. Amunna podia adentrar a necrópole se as defesas de Akhenatos estivessem concentradas em uma ameaça maior. Se encontrasse os corpos dos abissais em algum dos armazéns, podia movê-los com sua necromancia enquanto a vigilância estivesse distraída.

— Se eu fizer isso, você libertará o espírito de Zahir? Como é possível, se os poderes das bruxas não podem afetar os mortos?

— Apenas traga os corpos para mim amanhã à noite, neste mesmo necrotério. Prepare um amuleto necromântico para receber seu amor perdido.

O que Amunna tinha a perder? Seu destino dentro da Cabala estava selado. Jamais ascenderia a um nível além de ossuário, jamais seria agraciada com novo conhecimento necromântico, especialmente após o fiasco com Saed. Seu marido estaria perdido para sempre, transformado no soldado perfeito, seu espírito preso ao serviço eterno. Sua vida pequena, na casa

apertada, com o trabalho mal pago, era muito pouco para temer perder.

— Parece justo, até onde um trato com uma bruxa de Lunarrubra pode ter justeza.

A visitante estendeu-lhe a mão. Amunna apertou-a.

— Estamos acertadas, então, querida Amunna?

— Claro, assim que eu souber qual o seu nome.

— Meu nome é um uivo e uma dança sob o luar — disse a visitante, apertando a mão de Amunna com mais força. — É um corte de faca no pulso e uma carícia roubada no pescoço. — A bruxa não permitia que Amunna desfizesse o aperto, e a necromante sentiu uma pontada de dor, como fogo em brasa, subir por seu braço. — Você não saberia pronunciar meu nome de bruxa, mas meus pais humanos me deram outro...

Amunna puxou o braço de volta com força, uma reação instintiva à ardência que lhe fustigava. A visitante soltou-lhe a mão, e Amunna inspecionou os dedos, temendo ter perdido algum. Encontrou uma marca escura entre duas falanges. Uma pinta que não estivera lá minutos atrás. Uma marca de bruxa. A visitante sorriu aquele sorriso predatório novamente.

— Pode me chamar de Marishka.

III

Entrar na necrópole de Akhenatos era impossível sem uma autorização da Cabala. A pirâmide abrigava os necromantes de posto mais elevado, e era o núcleo de um movimentado comércio de corpos frescos e espíritos encerrados em amuletos.

Lá, jovens tocados pela Morte aprendiam os fundamentos da necromancia e, caso se mostrassem talentosos, podiam aprender ainda mais. Entretanto, a enorme pirâmide da cor de osso seco não era um templo do saber, tampouco um centro comercial agitado. Era uma fortaleza, tão inexpugnável quanto um túmulo lacrado.

A sorte de Amunna, curiosamente, era que o lote de corpos sob seus cuidados estava desfalcado. Marishka deixara o cadáver de seu irmão, mas o de Vendris era conspícuo em sua ausência. A Cabala não tolerava contrabando, e Amunna precisaria se explicar a seus superiores. Isso significava adentrar à necrópole para ser admoestada por um capataz.

Terminou o trabalho com os cadáveres — registrou suas observações sobre a anatomia deturpada de Rictor Nephris em segredo — e voltou para sua casa de cômodo único nas ruelas mais afastadas da necrópole. Sonhou com Zahir, e foi agradável ver seu amor vivo novamente, mesmo em uma farsa noturna. Porém, o sonho logo avinagrou com a face severa de Saed e o sorriso animalesco de Marishka. Na manhã seguinte, como esperado, recebeu uma convocação urgente à necrópole.

O pórtico de entrada era a única incongruência nas faces perfeitamente lisas da pirâmide óssea. Não havia portão; as colunatas formavam um corredor que levava direto ao interior da necrópole. Aquela abertura poderia ser fechada com um comando necromântico simples, mas mesmo que não fosse, só um tolo invadiria a pirâmide sem as devidas precauções. Havia passagens subterrâneas que levavam ao interior, túneis ocultos em pontos estratégicos da cidade ao redor. Amunna os conhecia,

pois era através deles que a carga dos necrotérios era levada aos depósitos de reagentes necromânticos.

Esperou ali, diante da colunata exuberante feita com caixas torácicas e espinhas entrelaçadas erguendo-se metros acima. Braços esqueléticos projetavam-se das colunas, erguidos e voltando suas palmas sobre as costelas empilhadas como se a estrutura houvesse erigido a si mesma. Prodígios como aquele davam a Amunna a certeza de que a necromancia não era uma ciência, e sim uma arte.

Após algumas horas, vieram buscá-la. Não um capataz, mas dois. Eram ossuários, como ela, porém dispostos a oprimir seus pares em troca de uma quantidade simbólica de autoridade. Amunna não os culpava por isso. Ela própria tentara tornar-se capataz, no passado, no entanto não tinha o traquejo nem a disposição para bajular decuriões e mestres de necromancia. Os dois vestiam mantos iguais aos dela: cinzentos, com glifos espiralados simples nas mangas e na barra. Uma listra escura nas bordas dos capuzes era a única coisa que os identificaria como superiores à ossuária.

— Eu sempre suspeitei de você, garota — disse o primeiro. Um homenzinho pequeno com um cavanhaque —, mas, dessa vez, você passou dos limites. Um corpo inteiro sumido!

— Você me escalou para o necrotério por duas semanas consecutivas, Hazep — Amunna respondeu. — Por que faria isso, se suspeita de mim?

— Não precisa cavar mais sua própria cova, Amunna. Eu mesma enviei aquele lote ao necrotério, sei quantos corpos continha — entrevistou Nikris, a segunda capataz. Era uma mulher

esbelta. — Cuidado com esses deslizes. Akhenatos terá um novo Mestre em breve, e ele não é tão leniente quanto Vendris.

— Eu não diria isso em voz alta, se fosse você — retrucou Amunna. — O espírito de Vendris provavelmente está aqui na necrópole.

— Resolveu provar sua rebeldia de uma vez por todas? — indagou Hazep. — Preferia você quando era quieta e insegura. Ganhou confiança apenas para desrespeitar a autoridade.

— Sempre se aproveitou de sua falta de carisma para passar despercebida com seu contrabando magro — emendou Nikris. — A única coisa magra em você, aliás.

De fato, Amunna ganhara confiança praticamente da noite para o dia. Porque percebera, finalmente, que não tinha mais nada a perder. Desrespeitar um mestre, ajudar uma bruxa, enfrentar seus capatazes. Tudo parecia mais fácil, agora. Não voltaria para uma vida vazia numa casa apertada.

— Vocês podem falar de minha figura, mas não falem do que não podem saber. Prove, Hazep, que eu contrabandeei qualquer coisa dos necrotérios.

— Você recebeu doze cadáveres para o preparo. Chegaram onze na necrópole essa manhã. Um deles nem é humano!

— Acho que Mestre Saed não achou pertinente informá-los.

Os capatazes se entreolharam. Não esperavam que Amunna soubesse do novo Mestre de Akhenatos.

— Acho que ele está fazendo uma mudança silenciosa na hierarquia da necrópole — prosseguiu Amunna, aproveitando-se

da hesitação de seus superiores. — Por isso, seu título só será anunciado daqui há alguns dias.

— Você está insinuando que a morte de Vendris a tornou mais importante do que nós dois? — perguntou Hazep.

— Ridículo! — riu Nikris.

— Estou insinuando que vocês não sabiam que cadáveres eram aqueles, nem quem veio buscar o corpo de Vendris pessoalmente.

Nikris e Hazep pareciam horrorizados com a ideia de que a antiga Mestra de Akhenatos tivesse sido jogada em um lote de corpos comum. A necrópole estava mesmo uma bagunça.

— Você devia ter reportado isso imediatamente! — gritaram em uníssono.

— Vamos até o terceiro andar da pirâmide — sugeriu Amunna. — Podemos solicitar uma audiência com Saed e ele os mostrará o mesmo pergaminho que me mostrou, assinado e marcado com o sigilo do Grão-Mestre da Cabala.

Aquilo nunca deveria ter funcionado, mas Hazep e Nikris estavam preocupados com seus próprios erros. Tinham deixado que o corpo de Vendris fosse transportado como mercadoria comum e designado uma ossuária do menor nível para tratar da Mestra falecida. Eles correram para dentro da pirâmide como bezerros assustados. Não chegaram a convidar Amunna, porém ela os seguiu. Para qualquer observador, pareceria que a ossuária estava se esforçando para acompanhar o ritmo forçado de seus capatazes.

— O que você está fazendo? — disse Hazep, percebendo que Amunna o seguia. — Nunca conseguirá uma audiência com

o Mestre da necrópole!

— Vá embora e deixe-nos consertar esse fiasco — ordenou Nikris.

— Vocês estão esquecendo de algo importante. Eu falei com Mestre Saed. Conversamos bastante no necrotério. Acho que ele me receberia, se eu requisitasse.

— Garota tola — bufou Hazep. — Acha que um mestre necromante se afeiçoou a você? Por que motivo?

— Certamente não por sua aparência — debochou Nikris.

— Laços familiares — disse Amunna. — Ele tem um reforjado, como Mestra Vendris tinha. O guardião de Mestre Saed é Zahir, meu marido.

Os capatazes não souberam como reagir. Assim como Amunna, tinham apenas o básico do conhecimento necromântico. Não faziam ideia do processo que criava os reforjados, a forma mais poderosa de morto-vivo. Amunna podia explorar aquela ignorância.

— Vão ficar me encarando com esses olhos de morto? Meu marido é o guardião reforjado do nosso novo Mestre. Saed teve acesso às memórias de Zahir, me conhece através dele. — Amunna segurou um risinho quando Nikris engasgou diante da informação. — Eu vou ao terceiro nível imediatamente esclarecer as coisas com o Mestre. Explicar que foram vocês que jogaram o corpo de Mestra Vendris num lote qualquer e me deixaram sozinha para cuidar dela.

— Não vai, mesmo! — guinchou Hazep. — Vá solicitar uma audiência, Nikris! Eu seguro essa idiota aqui embaixo!

O capataz apanhou Amunna pelos ombros. Ela era maior que ele, mas deixou ser empurrada. Hazez levou-a a um corredor estreito, longe do centro da pirâmide e das escadarias que levariam aos níveis superiores.

— Você tem sorte de eu não poder tornar meu erro público, ou eu já teria chamado os decuriões para açoitá-la!

— Me deixe ir, Hazez. Prometo que não vou falar mal de você ao Mestre. Nikris sempre me tratou pior.

— Muito engraçado — sussurrou Hazez, empurrando Amunna por um corredor de serviço até uma sala empoeirada. Parecia uma espécie de depósito, mas não para coisas de valor. — Fique aqui até eu resolver isso!

Amunna deixou-se empurrar novamente e fingiu cair no chão. Hazez se sentiria mais confiante se achasse que tinha alguma virilidade. O capataz cerrou a porta da sala apertada e trancou-a pelo lado de fora. Hazez só tinha autoridade para possuir a chave de um armário de vassouras, e foi lá mesmo que Amunna manifestou a necromancia do ossuário.

Deitou-se no chão empoeirado da saleta e concentrou-se no transe necromântico. A manifestação necromântica do ossuário não necessitava da energia emprestada de um espírito, apenas a disciplina do próprio necromante. A transição dos sentidos era sempre traumática e, por um instante, Amunna não podia mais ver, ouvir os passos do lado de fora da sala ou sentir o odor de mofo que permeava o aposento. Deixou de sentir os limites do próprio corpo, mas, em troca, sua consciência se expandiu de forma curiosa.

Em um raio de cerca de dez metros a partir de seu peito — um alcance elevado para alguém tão abaixo na hierarquia da Cabala —, Amunna tinha percepção total de tudo que era morto. Ela não via, mas sentia a presença dos ossos de esqueletos trabalhadores, dos órgãos preservados em jarros, até mesmo das roupas de couro animal que alguns decuriões dentro da pirâmide vestiam. Podia sentir as paredes ao seu redor — eram ósseas, embora fossem retas e lisas como nenhuma ossatura podia ser.

Necromantes mais poderosos podiam usar o ossuário para animar qualquer desses pequenos fragmentos de mortalidade. Mestre Saed certamente poderia sufocar alguém com as próprias roupas, se quisesse, mas Amunna era uma ossuária de baixo nível. Precisava que a matéria morta tivesse algum semblante de forma e propósito. Quanto mais humanoide, melhor.

Com a consciência expandida, investigou o que podia de seus arredores. Akhenatos era bem protegida contra necromancia, também. Havia cercas fantasma espalhadas por toda a necrópole, e o interior da pirâmide não era diferente. Amunna podia sentir os amuletos ósseos, organizados em padrões geométricos particulares, que alertariam para o uso de manifestações necromânticas hostis. Não precisava se preocupar com eles, pois devia haver pelo menos uns cinquenta outros ossuários naquela pirâmide, animando esqueletos para vigiar, limpar, carregar e fazer todo tipo de tarefa braçal.

Investigou os andares inferiores. Dois níveis abaixo de onde estava, uma região da pirâmide abrigava uma quantidade prodigiosa de órgãos em conserva. Aquele depósito devia ser bem guardado, mas Amunna sabia como espiar seu interior. Refinou sua concentração com cuidado, focando num único

ponto do alcance de seu ossuário. Sete metros abaixo, em um jarro de vidro sobre uma prateleira empoeirada, um globo ocular imerso em formaldeído pulsou suavemente. A pupila escura dilatou-se no centro de uma íris amarelada. Amunna podia enxergar através dele.

Anos relegada ao nível mais baixo de conhecimento só permitiram a Amunna aprender a necromancia do ossuário, mas anos executando a mesma manifestação lhe deram um controle refinado de seus poderes. Por isso, pudera escolher exatamente qual pedaço minúsculo de podridão ela avivaria. O olho estava bem preservado e, mesmo assim, a visão ainda era embotada. Não havia guardas do lado de dentro do depósito, porém aquela sala com certeza era bem guardada, pois cada caixa, barril e ataúde que podia ver estava fechado sob corrente e cadeado. Corpos de abissais bem preservados eram demasiado raros, e a Cabala sequer permitia sua dissecação. Deviam estar ali em algum lugar.

Não podia arriscar reanimar algo muito grande. As cercas fantasma talvez não captassem manifestações menores em meio ao caos necromântico da necrópole, mas um corpo se erguendo no interior de um depósito de reagentes chamaria a atenção. Amunna deixou o olho reanimado afundar em seu pequeno frasco de vidro e investigou o que podia do aposento com seu ossuário. Não tinha alcance suficiente para perceber todo o conteúdo do depósito, porém podia sentir as prateleiras superiores.

Havia uma cerca fantasma montada sobre a porta: um crânio diminuto no centro de um emaranhado de ossos afiados, unidos por fios de tecido colorido. Um espírito menor residiria

no amuleto, mas sua eficácia dependia do padrão geométrico dos ossinhos. Os ângulos estavam arranjos de forma meticulosa, com pontas delgadas projetando-se em simetria ao redor do pequeno crânio. Se Amunna pudesse desalinhá-los, a cerca fantasma perderia suas propriedades de detecção.

Não podia animar ossos habitados por um espírito; seria o mesmo que ativar a cerca e alertar a Cabala de suas intenções. Precisava dar um jeito de interferir com a geometria sem ser notada. Encontrou sua resposta entre as paredes da necrópole.

Onde havia pessoas, haveria ratos. Em Akhenatos, o problema era ainda maior. Os pequenos roedores abriam buracos nas paredes da pirâmide óssea e, por mais que fossem combatidos com veneno e gatos caçadores, sempre retornavam. O banquete de carniça da necrópole era tentador demais para as pequenas pragas. Amunna encontrou um ninho deles com seu ossuário. O veneno havia feito seu trabalho, e os roedores jaziam mortos em um buraco diminuto nas paredes do primeiro nível do subsolo. Alguém se esquecera de se livrar dos corpinhos com necromancia. Um deles ainda estava em bom estado, com músculos e ligamentos inteiros. Amunna reanimou o cadaverzinho com cuidado.

A percepção do rato morto era curiosamente poderosa. O olfato, em especial, captava nuances que um nariz humano vivo deixaria passar. Era um animal equipado de forma perfeita para fugir de predadores e roubar comida. Bem o que Amunna precisava.

Estava mais acostumada a reanimar uma dezena de ossadas de tamanho humano por horas para carregar peso, tratar couro e martelar aço. Perto destas tarefas, concentrar-se em mover o rato

como uma marionete era estranhamente desafiador. Exigia controle total de suas habilidades, algo intenso e refinado, talvez por não se tratar de uma criatura humanoide. Fez o roedor enfiar-se por tocas esquecidas, aberturas tão pequenas nas paredes e no teto que passavam despercebidas pelos zeladores da pirâmide.

Logo, o animalzinho morto encontrou o depósito que Amunna procurava. Esgueirou-se pelas prateleiras com todo o cuidado, evitando romper o limite de seu alcance. Se movesse o rato para além da área de seu ossuário, a criatura cairia inerte. Posicionou-o acima da cerca fantasma, numa prateleira que guardava uma coleção de corações ressecados. Através dos olhinhos mortos do rato, Amunna mirou a cerca fantasma. O roedor ainda tinha os músculos das patas traseiras em boas condições.

Na necrópole que fervilhava com atividade, onde necromantes poderosos praticavam sua arte, ninguém viu o pequeno roedor saltar como um acrobata de uma prateleira em direção aos ossos montados acima de uma porta. Amunna podia sentir o ar afagando os pelos quebradiços da criaturinha. Não chegou a cair sobre a cerca fantasma. Passou por ela a milímetros de distância. Uma diferença mínima, que era tudo o que importava.

Entre o rato e os ossos mais proeminentes do amuleto, havia apenas a distância de uma pata minúscula. Amunna controlou o cadáver do roedor com o máximo de concentração que podia. A tarefa provou-se mais complexa do que reanimar uma dezena de esqueletos-ferreiros, mas a ossuária conseguiu. O toque minúsculo da pata do rato saltador desalinhou

microscopicamente a cerca fantasma. A geometria do amuleto fora perturbada, porém não o suficiente para tornar a sabotagem óbvia.

Agora, Amunna só precisava rezar para que ninguém inspecionasse o depósito com muito cuidado, e para que Hazepe e Nikris precisassem esperar muito pela audiência com o Mestre da necrópole. Que esperassem tanto até se esquecerem dela, pois Amunna já estava no limite de sua concentração. Interrompeu o ossuário no instante em que o corpo do rato se chocou com o solo. Exausta, Amunna sequer conseguiu sair do transe necromântico. Desmaiou ali mesmo, trancada no armário de vassouras. Acordou com o estardalhaço que, provavelmente, era a distração orquestrada pelas bruxas.

IV

— Fogo! — soavam os gritos do lado de fora. — Fogo em Akhenatos! Os bárbaros estão atacando!

Amunna levantou assustada. Não sentia cheiro de queimado, e sim um odor estranhamente pungente, que misturava sangue e ferro. O ar estava carregado de tensão, e os barulhos do lado de fora da pequena sala pareciam abafar um zumbido persistente em seus ouvidos. Além das ordens e dos gritos de pânico, havia o som de cavalos, mas não o trovão de bárbaros cavalgando bestas de guerra, e sim o relinchar desesperado de animais aterrorizados. Um lamento agudo e angustiante que evocava pesar e temor.

Alguém abriu a porta com um empurrão, arrombando a tranca sem esforço. Um guerreiro corpulento olhou para

Amunna por um segundo e virou-se para sair, berrando instruções.

— Todos os ossuários para as passagens subterrâneas! Eles encontraram os túneis!

— Eles quem? — indagou Amunna.

— Os bárbaros! Eles trouxeram magos imperiais! Estão cuspidando fogo!

A ideia de que bárbaros da Terra Arrasada tivessem se aliado ao Império do Sol era absurda, uma concepção tão ridícula que Amunna soube imediatamente que devia ser algum tipo de ilusão conjurada pelas bruxas de Lunarrubra. Mesmo que fosse verdade, bárbaros e imperiais gostavam de atacar de dia, quando todos podiam vê-los destruir e matar. Não tentariam uma infiltração noturna. Era sutil demais.

Amunna acompanhou o guerreiro, que, pelas vestes, não era um decurião, e sim um soldado comum. Havia poucos do tipo em Akhenatos e, mesmo esses, tinham mais autoridade do que ela. O homem não se preocupou em explicar o que acontecia, apenas supôs que ela o seguiria pelos corredores.

Havia muito menos gente na necrópole à noite que pela manhã, mas todos os necromantes residentes, agora, se congregavam no segundo subsolo. Exatamente onde Amunna queria estar. Decuriões organizavam grupos de ossuários ao redor das entradas para os túneis. Esqueletos portando lanças e escudos marchavam em fileiras organizadas para dentro das passagens. De Mestre Saed, não havia sinal. Amunna agradeceu aos Protetores por isso.

Foi fácil fingir que estava desorientada em meio ao caos de ordens e movimento, pois Amunna estava realmente confusa. Como conseguiria entrar no depósito sem ser vista, com toda aquela gente lá embaixo?

— Ei, você! — chamou uma decuriã. Ela portava um chicote trespicado por centenas de ossinhos afiados. — Precisamos de mais um ossuário para guardar a passagem norte. Se eu não voltar de lá, vocês vão precisar defender a necrópole.

— O que? Não! Eu não posso!

— Como assim, não pode? — A decuriã estalou seu chicote e uma tropa de esqueletos lanceiros adiantou-se para acompanhá-la. — Estamos sob ataque, garota!

— Eu... Eu tenho ordens! — Amunna lembrou-se de que tinha uma saída. — Ordens especiais!

Apanhou algo nas dobras de seu manto: um pequeno pergaminho amassado. Desenrolou-o apenas parcialmente, os dedos tremendo. Era fácil fingir-se de nervosa, pois estava apavorada. O texto do pergaminho não importava; a decuriã não teria tempo de ler no meio da confusão, mas o selo gravado em cera no canto inferior dizia tudo que ela precisava saber. Era o sigilo do Grão-Mestre Senekton.

— Uma ordem do grão mestre? — exclamou a decuriã. — Pelos Protetores, pare de tremer essas mãos e me diga o que precisa!

— Devo levar uma carga preciosa ao andar de cima. — O pergaminho era apenas a ordem que Saed apresentara a Amunna no necrotério. Se lesse o texto, a decuriã descobriria o ardil, mas

Amunna sabia que os ânimos exaltados pela ameaça de invasão impediram que ela pensasse com clareza. — Para Mestre Saed.

A decuriã ergueu uma sobrancelha. Aquele nome dava credibilidade à tarefa falsa de Amunna.

— O que está esperando? Vá ao depósito!

Com um novo estalar do chicote da mulher, um par de esqueletos correu até uma porta de carvalho antigo com uma chave e abriu caminho para Amunna. A decuriã estalou o chicote mais alguma vezes e bradou ordens de comando. Ao redor dela, grupos de necromantes e mortos-vivos partiram pelas passagens subterrâneas. Uma delas levaria ao necrotério; era a que Amunna conhecia melhor.

Logo, o subsolo estava livre de decuriões. Os ossuários restantes entraram em transe necromântico, reanimando seus próprios esquadrões de esqueletos, que formaram paredes de escudos na estrada de cada túnel. Formavam uma linha de defesa menos que formidável, mas não teriam que lutar. Era apenas uma distração, afinal. Não era?

Amunna tremeu ao pensar que, talvez, as bruxas quisessem algo mais do que corpos de abissais. Talvez, aquilo fosse parte de um plano maior e mais terrível, uma peça no quebra-cabeças macabro de Lunarrubra e suas irmãs.

Mas... por que se importar? Akhenatos nunca lhe dera nada além de o necessário para que se tornasse uma ferramenta viva. Que invadissem os túneis, que queimassem a necrópole. Amunna teria seu marido de volta.

Entrou no depósito, agora destrancado, e o formaldeído golpeou mais uma vez suas narinas. O cheiro conseguia ser

ainda pior que o do necrotério, emanando do amontoado de jarros enfileirados nas prateleiras de pedra escavadas nas paredes. O espaço amplo era tornado claustrofóbico pelas dezenas de caixões e ataúdes empilhados, deixando apenas corredores estreitos como passagem.

Não foi difícil encontrar os cadáveres dos abissais. Os carregamentos vindos da Costa Perdida tinham que suportar viagens longas, e havia um conjunto de ataúdes de boa madeira de bordo, o melhor tipo para caixões resistentes. Correntes uniam-nos em um conjunto compacto, e Amunna não tinha uma chave.

No entanto, nem todos os caixões ali estavam lacrados. Amunna procurou, pelos estreitos corredores de ataúdes empilhados, por um que fosse mais fácil de abrir. Uma caixa antiga de cerejeira, entalhada com finos relevos, mas já demonstrando desgaste pelo tempo, abrigava rolos ressecados de couro curtido — couro humano.

Livrou-se da carga, arremessando fardos de couro pelo depósito, e deitou-se no caixão. Estava acostumada àquilo. Era em caixas como aquela nas quais fazia o grosso do trabalho de ossuária. Quanto mais claustrofóbico o confinamento, mais poderosa ficava a necromancia. Lacrou a si mesma com a tampa de cerejeira e mergulhou outra vez em transe necromântico.

O coração de Amunna martelava contra seu peito. Alguns exercícios de respiração ajudaram-na a domar o nervosismo e encontrar o estado de espírito correto. Deixou de ser uma consciência presa a um corpo vivo, e pairou como uma nuvem sobre os arredores. Seus sentidos comuns arrefeceram, e o cheiro de formol deixou de incomodá-la. Em seu lugar, a

presença avassaladora de tanta matéria morta naquele depósito ameaçou desorientar sua percepção de ossuária. Forçou-se a domar isso também.

Sabia onde estavam os caixões de bordo, então foi fácil encontrar os cadáveres dos abissais. Com a manifestação do ossuário, Amunna conseguiu reanimar dez daqueles estranhos corpos anfíbios. A sensação, embora esquisita, também era exultante. As criaturas escamadas tinham cerca de dois metros de altura cada uma, e seus corpos eram longilíneos, porém musculosos ao extremo. Tinham ossaturas leves e curiosamente flexíveis, que permitiram a Amunna movê-los com facilidade, mesmo quando confinados em ataúdes apertados.

A força daquelas feras, homens-peixe assassinos, era o assunto de muitas histórias de terror espalhadas por necromantes vindos da Costa Perdida. Os cadáveres estavam muito bem preservados, recobertos com sal e drenados de fluidos corporais. Isso permitiu que Amunna explorasse ao máximo a musculatura inumana dos abissais, que foram capazes de romper a madeira de bordo de seus caixões. Com alguma concentração, Amunna fez com que os dez abissais mortos se livrassem das correntes e se erguessem como um pequeno pelotão.

Podia sentir a força que residia naqueles monstros, algo além de tamanho e musculatura. Aqueles corpos haviam sido dotados de algo mais, uma energia que um necromante atento poderia sentir. Seria por isso que a Cabala proibia manipulá-los sem autorização? Certamente aquela energia estranha era o motivo de as bruxas cobiçarem tanto a carne abissal. Amunna fez com que um dos homens-peixe caminhasse até ela, ainda

deitada em seu caixão de cerejeira. A criatura ergueu o ataúde com facilidade.

A manifestação necromântica do ossuário permitia que o necromante animasse matéria morta, desde que sacrificasse sua mobilidade no processo, permanecendo em um estado semicatatônico. Entretanto, nada impedia que o próprio necromante fosse carregado. Amunna tirou vantagem deste detalhe e fez suas marionetes mortas moverem-na para fora do depósito.

Ao ser movida, a área de alcance do ossuário de Amunna movia-se com ela. Logo, parou de perceber a coleção de órgãos e corpos do depósito enquanto os esqueletos em formação de combate nas entradas dos túneis tornaram-se perceptíveis. Podia senti-los com clareza excepcional, pois aqueles ossos estavam, também, sendo animados por outros ossuários. A energia necromântica deles preenchia os mortos-vivos, tornando-os óbvios como pontos de luz na escuridão.

Amunna não tinha tempo para formular um plano perfeito. Precisava se aproveitar do caos criado pela ameaça de invasão. Só conhecia um caminho rápido entre a pirâmide e o necrotério onde devia encontrar Marishka: através de um dos túneis subterrâneos. Comandou as pernas musculosas dos abissais mortos a se moverem em direção à passagem subterrânea mais ao sul. O homem-peixe que carregava o caixão de Amunna ia na frente, encabeçando a tropa abissal.

Amunna usou o próprio ataúde como um aríete para derrubar as fileiras esqueléticas que guardavam o túnel. Estavam de costas para ela, então foi muito fácil derrubá-los. O problema era manter todas as suas marionetes mortas-vivas unidas e se

movendo em harmonia. Foi necessária toda sua concentração, como se estivesse ela mesma correndo pelo túnel escuro, e o cansaço de dez pares de pés escamados fosse transmitido diretamente às suas próprias pernas.

Esperou encontrar alguma resistência do grupo avançado que partira naquela direção, mas não sentiu nenhuma presença em seu ossuário. Acessou os sentidos dos abissais, reanimando também seus olhos e ouvidos. Perceber o mundo através de cadáveres era desagradável, porém melhor do que seguir às escuras.

O caminho estava livre, e Amunna imprimiu o máximo de velocidade que pôde a seus mortos-vivos anfíbios. Nos metros finais, a passagem tornava-se um aclave, levando à superfície. Foram parar numa esquina a três metros do necrotério. Havia um grupo de figuras aguardando na entrada, com cadáveres frescos a seus pés.

Amunna fez seus abissais marcharem até o centro dos cadáveres e depositarem seu caixão na rua calçada com pedras. Desfez o ossuário, e suas marionetes mortas caíram pesadamente contra o solo, como se alguém tivesse cortado suas cordas. Levantou do caixão, exausta, mas tentando demonstrar algum controle sobre seu desespero interior.

Com os sentidos recuperados, reparou que o som de cavalos relinchando cessara. Não havia qualquer cheiro ou luz que indicasse um incêndio, apenas um par de tochas empunhados por dois carnicais — coisas magricelas, com dedos longos dotados de garras. As criaturas flanqueavam Marishka, a bruxa de lábios negros. Aos pés dela, o corpo da decuriã e seu chicote

trespassado por ossos afiados. Sangue quente escorria de seus olhos, narinas e boca.

— Não pensei que sua distração seria tão grandiosa — comentou Amunna. — Um escarcéu desse tamanho pode pôr a necrópole inteira em alerta.

— Necromantes são criaturas míopes — riu Marishka, a boca larga exibindo dentes em excesso. — Precisam que a ameaça seja óbvia e ululante, ou não prestarão atenção.

— Míopes ou não, logo nos encontrarão — retrucou Amunna. Respirava fundo, recobrando as forças após o uso intenso de necromancia. — Melhor pegar seus abissais e partir de uma vez. Onde está meu pagamento?

— O espírito de seu marido está preso num corpo reforjado — disse Marishka, estalando os dedos. Ao comando da bruxa, quatro outros carnicais saíram das sombras. — Existem poucas maneiras de libertar uma alma assim.

— Não enrole, bruxa — Amunna não queria lidar com Marishka por um instante desnecessário sequer. Observou com frieza os asseclas da bruxa enfileirarem os cadáveres dos abissais e retalhá-los como açougueiros, usando facas de sílex afiado. — Se me enganou, diga agora, e ainda posso dar um jeito de fugir.

— Jamais, querida Amunna. — Marishka acenou, e os carnicais arrastaram um corpo de abissal até sua mestra. A bruxa ergueu o cadáver por um dos braços e começou a brincar com ele, correndo os dedos pelas escamas escurecidas da criatura morta. — Sua recompensa virá até nós em instantes.

— Não temos instante algum! A Cabala está em alerta! Logo, vão...

A voz que completou a frase de Amunna era semelhante ao crocitar de uma gralha.

— ... Encontrar a ameaça e exterminá-la. — disse Saed. O novo Mestre de Akhenatos trazia um batalhão de cadáveres consigo. Fileiras de mortos-vivos com lanças e escudos bloquearam todas as ruelas ao redor do necrotério. — Eu posso perdoar contrabando de material necromântico, Amunna, mas conspirar com bruxas e alimentar carniçais só pode ser punido com a morte.

— Melhor morrer do que viver sob as botas da Cabala! — Uma resposta como aquela não era do feitio de Amunna. Confiança não fazia parte de sua personalidade. Porém, havia alguém ali que lhe inspirava. Ao lado de Saed, o corpo enegrecido de Zahir emanava luz espectral. — Devolva meu marido, desgraçado!

Saed não se dignou a responder. Manteve a mesma expressão de solene desaprovação que tinha quando Amunna o viu pela primeira vez. O comando do necromante para que seus mortos-vivos avançassem foi imperceptível. Com um mero soerguer de sobancelha, Saed instruiu seus cadáveres a atacar.

Zahir vinha na vanguarda, a pele negra coruscando com energia necromântica, cujo brilho refletia na armadura prateada. Amunna recuou com passos vacilantes e quase esbarrou em Marishka. A bruxa ainda brincava com o abissal morto, tracejando padrões geométricos na pele escamada com as unhas. A carne podre da criatura estava marcada e arranhada com o

traçado curioso. Era um padrão rúnico. A brincadeira, na verdade, era um feitiço.

— Salmoura por sangue! — guinchou a bruxa. — Profundeza por brilho!

Os carnicais a serviço de Marishka terminaram seu trabalho de cortar cadáveres escamados e convergiram sobre sua mestra para protegê-la. Amunna tratou de ficar atrás da bruxa, as portas do necrotério às suas costas.

Zahir brandiu uma espada prateada. Delgada, brilhante, mortal. A arma cortou o primeiro carnical antes mesmo que o feitiço de Marishka surtisse efeito. Cerca de quarenta guerreiros mortos-vivos, todos controlados por Saed, avançaram em marcha sincronizada. Não havia escapatória.

Amunna tentou abrir as portas duplas do necrotério, mas estavam bem trancadas. Bater contra a madeira não adiantava. Ela sequer podia lutar pela própria vida; seu único poder exigia que ficasse completamente vulnerável, prostrada no transe do ossuário. Morreria para a lâmina do próprio marido, entretanto não se uniria a ele no além vida, pois seu espírito estava preso a um cadáver cor de carvão.

O pelotão de mortos de Saed interrompeu seu avanço quando a bruxaria de Marishka finalmente se manifestou. Dos arranhões geométricos do cadáver abissal, uma substância bizarra emanou. Flutuava no ar, mas Amunna não conseguia distinguir se era um gás ou uma luz. Era uma distorção brilhante, que refulgia com cores desagradáveis. Espalhou-se como fumaça ao redor da bruxa e dos carnicais. Envolveu

Amunna em um horrível abraço colorido, fustigando-lhe a visão com um balé de cores cambiantes.

— O que está fazendo, bruxa? — Mestre Saed perguntou, e seu grasnar condescendente carregava uma nota bem perceptível de medo. — Acha que pode desafiar a Cabala?

— Seus dias estão contados, necromante! — respondeu Marishka. — Ele está vindo para buscá-los; vai nos arrebatara todos em suas asas!

A bruxa sacou um punhal recurvo e apunhalou o cadáver que vertia a estranha luminescência vaporosa. Abriu um corte fundo nas tripas do abissal, e fez mais luz hedionda verter para o ar noturno. O estranho miasma começou a brotar a partir dos outros corpos retalhados pelos carnicais. Logo, Amunna sentia que não estavam mais em Akhenatos. Não podia ver ruas ou casas, apenas as cores em rápida sucessão: vermelho-sangue, amarelo-bile, roxo-hematoma.

— Mandei que trouxesse um amuleto — disse Marishka. — Prepare-se para usá-lo.

O amuleto estava pronto. Amunna entalhara um báculo simples e curto a partir de um fêmur humano. Adornou-o com as penas de um abutre barbado, a ave favorita de seu marido morto. No entanto, Zahir ainda estava preso ao corpo reforjado, forçado a servir Saed.

Zahir avançou, penetrando a bruma multicolorida. O marido de Amunna surgiu como um borrão de óleo e prata. Brandiu sua lâmina novamente, um golpe certo contra Marishka.

Dois carnicais saltaram sobre Zahir. O reforjado repeliu-os com facilidade, mas a bruxa arremessou o cadáver abissal sobre

ele. Os outros quatro carnicais fizeram o mesmo, lançando membros decepados contra o morto-vivo. Não o machucariam; sequer o atrasariam. Porém, aquela carne podre de criatura marinha estava enfeitiçada e vazava a horrível substância colorida que distorcia o ar ao redor.

Zahir emanava seu próprio brilho, uma luz branca, que Amunna aprendera a identificar como poder necromântico bruto. Ao encontrar-se com o miasma multicolor, a emissão espectral se dissipava. Não, era sugada, engolida pelo torvelinho de luz alienígena. Aquele brilho aterrador estava drenando a energia de Zahir.

— Tudo isso para parar meu reforjado? — perguntou Saed, irrompendo como uma sombra escura em meio ao miasma brilhante. — Não me falta necromancia para alimentá-lo!

O necromante brandia um par de adagas com cabo de osso e lâminas de aço assassino. Com movimentos treinados, afastou o facão de um carnical, defletindo a lâmina inimiga com a sua, mais curta, porém mais resistente. Com a outra adaga, perfurou o ombro de Marishka, que uivou de dor, mas emendou o grito numa risada estridente.

— Isso, necromante! As luzes têm fome! Alimente-as!

A presença de Saed pareceu revigorar o reforjado, que fulgurou novamente com chamas brancas em seus olhos e boca. Amunna percebeu, entretanto, que o restante das tropas mortas-vivas havia cessado o avanço. Serviam como uma barreira para impedir a fuga, mas Saed não ousava comandá-los a marchar contra a distorção luminosa.

O novo Mestre de Akhenatos devia ter toda a sorte de espíritos presos às suas armas de cabo ósseo. A energia deles alimentava suas marionetes, e até mesmo o poderoso corpo reforjado de Zahir. Além das duas adagas que brandia com maestria, perfurando os carniçais com golpes de baixo para cima, então cortando-os com ágeis golpes enviesados, Saed ainda tinha uma profusão de lâminas embainhadas. Provavelmente, cada uma carregava um espírito submisso ao necromante. Enquanto ele concentrava seus esforços em atacar a bruxa, Amunna lançou-se sobre um dos cabos ósseos que se projetavam do cinturão de Saed.

A arma deslizou facilmente para fora da bainha, mas o Mestre de Akhenatos baixou uma adaga veloz contra Amunna, rasgando-lhe o antebraço com um corte longitudinal. Ela gritou, mais de frustração do que dor. A arma foi ao chão.

Saed avançou com uma punhalada, mas, no mesmo instante, Zahir moveu-se para interceptar o facão de um carniçal, desalinhando o movimento do necromante. O reforjado se movera para proteger seu mestre, ou ainda reconhecia sua esposa?

Com o braço ferido, Amunna tornou a recuar. Nunca fora uma lutadora; só queria ter o seu amor de volta. No entanto, a dor e o caos da batalha eram atordoantes, e as luzes cambiantes ao redor desorientavam seus sentidos. Marishka ria e uivava, e avançou contra Saed com seu próprio punhal. Três de seus carniçais já haviam perecido na refrega.

Zahir desferiu um corte vertical contra a bruxa, que se abaixou em vez de saltar para o lado. A espada não a acertou em cheio, mas o corte no ombro de Marishka era fundo o suficiente

para inutilizar o braço. Ela não se importou. Com a outra mão, apunhalou novamente o cadáver do abissal. Zahir avançou para desferir um corte final contra a mulher, porém Marishka ergueu sua arma banhada em sangue podre e vertendo miasma multicolor. Antes que o reforjado a matasse, plantou o punhal entre as placas delgadas de sua armadura brilhante.

A energia espiritual que reanimava Zahir e a névoa de cores hediondas mesclaram-se em uma faixa brilhante de luz, como um pequeno raio ligando o reforjado ao cadáver abissal. As cores cambiantes sugavam o poder espectral como um vácuo faminto. Os olhos de Zahir apagaram-se.

— Não adianta atrasar o inevitável! — bradou Saed. — Seus truques não podem parar a maior arma da Cabala!

O necromante precisava manter três carniçais longe de si, mas ainda parecia capaz de canalizar mais energia necromântica para o corpo de Zahir. Amunna viu os olhos de seu marido falecido acenderem-se outra vez. O Mestre de Akhenatos tinha um poder assombroso. Sua ligação com seu servo reforjado permitia direcionar uma torrente de energia espiritual através de Zahir. O miasma multicolor absorveu aquele poder alegremente, até tornar-se letárgico. Saed sobrecarregara a estranha distorção brilhante, que começou a retroceder, retornando aos cadáveres de onde saíra.

Amunna não pensou duas vezes. Saltou sobre Saed para derrubá-lo. Ele era um mestre com suas lâminas, capaz de dar trabalho a três carniçais enfurecidos. Mesmo assim, jogou-se contra o necromante. Ele tinha uma adaga pronta para apunhalá-la, mas ela tinha o amuleto ósseo que criara para receber o espírito de Zahir. Usou o báculo para desviar o golpe. O mestre

de Akhenatos desequilibrou-se diante da investida de quatro oponentes e caiu.

— Mate-o! — guinchou Marishka. — É assim que o espírito de seu marido será livre! Mate o mestre da necrópole!

Os carnicais não continuaram a atacar Saed. Com o necromante prostrado, contentaram-se em segurar suas pernas e imobilizar seus braços. Ele se debatia, e as tropas mortas-vivas que cercavam a cena finalmente avançaram para resgatar seu mestre. No entanto, ele já não tinha salvação.

Quando os corpos reanimados entravam em contato com o miasma, algo lhes acometia. Tornavam-se secos, quebradiços e caíam ao chão como cinzas. As luzes haviam sido enfraquecidas pelo poder bruto de Zahir, mas ainda tinha fome. Aqueles corpos não possuíam o mesmo poder de um reforjado, por isso não resistiam ao feitiço hediondo de Marishka.

— Vamos, querida Amunna — sussurrou a bruxa. — Resgate seu amado das garras da Cabala. Mate o mestre da necrópole.

Amunna teve o impulso de resistir, trair a bruxa ali mesmo e cortar-lhe a garganta. O Pacto de Lunarrubra queria a ruína não apenas da Cabala, mas de todos os que viviam na Solúmbria. Se pudessem, as bruxas governariam a humanidade com pragas e maldições. No entanto, Amunna não era uma heroína; era apenas uma ossuária, uma necromante inferior, que trabalhava para sobreviver. Sua única alegria sempre fora Zahir, porém até isso lhe fora roubado. Nem na morte a Cabala permitiu que se reunissem.

— Você disse que gostava de conhecer seus subalternos — disse Amunna a Saed, apanhando uma adaga de cabo ósseo do chão. — Acho que agora você sabe exatamente do que eu sou capaz.

Amunna não gritou, nem golpeou com força. Encostou a lâmina no pescoço do Mestre e, quando ele parou de se debater, cortou-lhe a garganta com um movimento limpo. Era o respeito pelos mortos, afinal, que separava necromantes de carniçais.

A vida se esvaiu do necromante, e Amunna teve certeza de que o espírito de Saed tinha sido drenado pelo miasma luminoso. Sequer poderia ser aprisionado em um amuleto. No instante seguinte, suas tropas mortas-vivas tombaram. Cadáveres paramentados para a batalha foram ao chão como brinquedos quebrados. Sem a mente aguçada do Mestre de Akhenatos para direcioná-los, não eram diferentes dos corpos que Amunna dissecava no necrotério. Apenas um permanecia de pé: Zahir.

O marido morto de Amunna emitiu um som rouco. O primeiro a escapar de seus lábios crispados. A pálida emanção de energia necromântica que envolvia o corpo reforjado perdeu o brilho, tornando-se quase opaca, como uma membrana o envolvendo. Finalmente, desapareceu. O marido de Amunna caiu de joelhos e ela correu para ampará-lo. Seus olhos estavam apagados.

— Zahir, me perdoe, por favor. Eu não sabia que fariam isso com você! Oh, meus Protetores, eu não sabia!

Amunna envolveu o marido morto em seus braços, sentindo apenas o aço frio de sua armadura reluzente. Zahir estava inerte,

mas ela era capaz de chorar pelos dois. Subitamente, um movimento. A carne enegrecida rangeu, como se ameaçasse se quebrar. Os olhos de Zahir se acenderam outra vez. Não com luz espectral, e sim com verdadeira consciência. Neles, Amunna viu o que mais desejava desde que reencontrara o marido morto: reconhecimento.

— Minha bela, eu senti tanto a sua falta. — O rosto dele era inexpressivo, mas a voz era exatamente como fora em vida. O marido de Amunna estava ali, com ela, e sabia disso. — Eles me prometeram que eu a veria, se retornasse.

— Estou aqui, amor. Eles mentiram, mas eu vim mesmo assim.

— Não quero deixá-la novamente, mas... — A voz de Zahir carregava um eco, um lembrete cavernoso de que ele não pertencia ao mundo dos vivos. — Este corpo está condenado.

Amunna queria que aquele instante durasse para sempre, mas, antes que pudesse dizer isso ao esposo, a energia espectral fulgurou novamente na carne negra. Queimou como uma fogueira alta, e Amunna foi forçada a se afastar.

— Agora — avisou Marishka. — Prepare o amuleto.

Amunna apanhou seu pequeno báculo adornado com penas. Não era uma obra digna de nota, mas fora feito com todo seu amor. Apresentou-o a Zahir, porém seu marido já não conseguia encará-la. Brilhava como uma conflagração branca. Parecia estar com muita dor.

— Faça isso parar, bruxa! — Amunna ordenou.

Marishka não deu importância a seu comando. Reunia os carnicais sobreviventes para apanhar o que pudesse da carne de

abissal, espalhada no chão calçado de pedras. O miasma brilhante, com suas cores obscenas, congregou-se ao redor de Zahir, ávido para consumir aquele poder. Porém, a energia necromântica dele era imensa e não podia ser contida.

Uma explosão branca iluminou a noite, e Amunna cobriu os olhos com o braço que ainda podia mover. Quando o clarão passou, não havia mais miasma, bruxa ou carniçais. Apenas as ruas abarrotadas de cadáveres e as portas fechadas no necrotério.

E, diante dela, o espírito iluminado de seu marido. Zahir sorria, finalmente. Seu rosto parecia mais vivo do que antes, cheio de expressividade, com cada covinha e linha de expressão acentuada por luz fantasmagórica.

— Nunca mais vou deixá-la, minha bela. Serei seu Protetor, agora.

Amunna soube que era verdade. Podia sentir sua presença junto a ela. O báculo ósseo era uma amarra física que havia criado para abrigar o espírito de Zahir, e não se desfaria com facilidade. No entanto, o verdadeiro laço entre os dois era feito de amor, uma ligação ainda mais resistente.



LAÇOS REATADOS

I

Envenenar um Conde da Vascócia era um processo trabalhoso. Não bastasse a resistência sobrenatural das criaturas, era muito difícil fazê-los ingerir qualquer coisa que não fosse sangue humano. Por isso, Serina precisou envenenar outra pessoa primeiro.

O infeliz escolhido foi um forasteiro mordravo. Entrou na estalagem com o curioso chapéu cônico de topo chato e abas largas sem se importar com os olhares atravessados que recebeu dos frequentadores. Pelo enorme fardo que carregava e pelas lâminas cuidadosamente alinhadas no cinturão, era um membro da Guilda dos Caçadores.

Serina não esperou as ordens do estalajadeiro. Assim que o caçador se sentou diante do balcão do bar, aproximou-se dele com um quartilho de cerveja escura. O homem pagou com uma moeda de cobre, mas não agradeceu. Mal olhou para ela, metida em um vestido decotado que o estalajadeiro a obrigava a usar. Aproximou o nariz da bebida e fungou, desconfiado. Seria capaz de sentir o cheiro do veneno? Serina prendeu a respiração.

A mistura cuidadosa de acônito, beladona e amanita fora preparada semanas antes. Envelhecida, devia ter perdido o odor, mas o forasteiro demorou a beber. Os olhos estreitos, desconfiado. Serina o espiava pelo canto do olho enquanto

servia outros clientes. Já trabalhava naquela espelunca há seis semanas. Amargava um salário de fome e aturava comentários impróprios, tudo para assassinar o Conde Risvelt.

Os Condes possuíam aversão a qualquer outra forma de alimento. Apenas os fluidos vitais da humanidade podiam alimentar o Sangue Ancião que pulsava nas veias dos senhores vasgoces. Eles costumavam alimentar-se em intervalos regulares, o que deu a Serina tempo para preparar uma emboscada.

Ao contrário do Conde Ostergald, com seus banquetes luxuosos na mansão isolada, Risvelt gostava de perambular pelos vilarejos e cidadezinhas que compunham seu condado. Uma vez por mês, em média, escolhia uma presa entre seus súditos. Nunca visitava o mesmo lugar por dois meses seguidos, o que dava aos infelizes cidadãos sob seu controle tempo suficiente para guardar luto pela vítima e preparar-se para a próxima visita.

Aquela estalagem ficava num povoado esquálido, situado em um planalto frio e quase esquecido. Mas a visita do Conde viria, e Serina estava pronta. Quando o caçador chegou ao local, apresentando-se como mascate, ela soube que Risvelt estava próximo. Serviu o forasteiro por dias, fingindo um sorriso amável. Não demorou muito até que mensageiros com a libré de Risvelt marchassem pelo vilarejo com a notícia de que o Conde vinha visitar seus súditos. Todos deviam preparar-se para o evento como uma grande festa, e a estalagem logo foi decorada com o pouco de pompa e circunstância que uma vila miserável nas montanhas podia proporcionar.

Serina já havia servido bebidas a todos os clientes quando o forasteiro finalmente deu o primeiro gole. A cerveja ali era tão amarga que sufocaria qualquer gosto suspeito. Mesmo assim, só respirou aliviada depois que o homem lambeu os lábios e virou a caneca de cerveja outra vez.

Os caçadores da Nova Mordrávia matavam monstros por profissão. Preferiam caçar bruxas e carniçais, mas qualquer coisa que não fosse humana podia tornar-se um alvo. Aquele homem estranho, com cara de poucos amigos, se dizia um mascate, porém mal tinha mercadoria para vender. Andava armado com dois sabres recurvos no cinturão. Se estivesse ali para matar o Conde, as lâminas não serviriam de nada. No entanto, o veneno misturado à cerveja logo correria por sua corrente sanguínea, transformando o próprio caçador numa arma mais mortal do que o aço.

A segunda rodada de bebidas veio depressa, e o forasteiro mordravo recebeu uma mistura diferente em sua cerveja, dessa vez. Um preparado medicinal, com tinturas e ervas curativas. Não o salvaria do veneno, mas impediria que os sintomas se manifestassem cedo demais. Serina queria o caçador em boa forma.

A estalagem parecia mesmo festejar. Convivas amontoavam-se em compridos bancos de carvalho, e cerveja escura fluía como um rio. Um músico contratado soprava notas alegres em uma flauta. Todos vestiam suas melhores roupas — o que, para a maioria, significava apenas roupas limpas. Mas a alegria era apenas uma fachada. Ninguém ria abertamente, nem cantava junto à flauta. Os sorrisos dos camponeses, quando surgiam, eram de

encorajamento. Precisavam desempenhar aquele papel para o Conde. Risvelt não gostava de rostos amuados.

O forasteiro ergueu a mão para pedir mais cerveja, mas Serina refugiara-se nos fundos da estalagem. Ouviu o som dos cães antes do homem. Um caçador de bruxas devia ter escutado o clique de garras afiadas contra o calçamento lá fora, porém o mordravo continuou sentado diante do balcão. Talvez, ele não estivesse acostumado às feras vasgocesas, ou talvez fosse a bebida envenenada fazendo efeito.

Em seu quartinho nos fundos, Serina preparou-se para o que viria a seguir. Arrancou o vestido; usava apenas as calças e um justilho de couro por baixo. Prendeu os cabelos castanhos em um coque apertado, vestiu uma camisa de algodão larga e afivelou o cinturão com as facas. Aquelas eram para os cães. Debaixo de sua cama estreita, havia um enorme baú. Arrastou-o para fora e buscou a besta leve que mantinha guardada atrás da bagagem. Aquela era para o Conde. O dardo encaixado na arma parecia defeituoso, um pouco torto, mas fora feito sob medida. Por uma fresta na madeira dilapidada das paredes, Serina espiou o destino infeliz do forasteiro mordravo.

Os sabujos de Risvelt adentraram a estalagem primeiro, cães de caça mais magros que a própria fome. Eram do tamanho de lobos, mas tinham o focinho afilado e as orelhas triangulares apontavam para cima e para frente. Nenhuma pelagem os cobria, apenas pele rosada, por onde emaranhados de veias escuras pulsavam em ritmo frenético. Não latiam ou arfavam, só as garras pretas estalavam contra o chão. O Conde veio em seguida.

— Saudações, belo povo de... — O maldito nem mesmo sabia o nome do lugarejo.

— Grausse, meu senhor — respondeu um infeliz. Os cães saltaram sobre o homem.

Ninguém fez nada. Todos mantinham posturas de perfeita reverência enquanto as feras de estimação do Conde derrubavam o infeliz e rasgavam-lhe as roupas a dentadas. Filetes de sangue escorriam pelo tecido manchado de suor. O caçador mordravo continuava sentado, de costas para o visitante.

Risvelt caminhou até o pobre coitado. Além dos cães, não tinha escolta. Não precisava.

Vestia um casaco cinza impecável, com brocados e filigranas prateadas. Por baixo, um colete da mesma cor e uma camisa violeta com babados esvoaçantes. A extravagância da vestimenta não conseguia esconder o olhar assassino. Sua expressão era dura e afiada como um machado.

— Perdoem meus cães — pediu o Conde. Os animais continuavam a torturar o homem, mordiscando-o e arranhando. Ele sufocava os gritos, mas choramingava. — Eles não apreciam quando sou interrompido.

Risvelt estalou a língua, e os sabujos pararam. Correram para junto de seu mestre, os rabos entre as pernas. A vítima estava viva, mas sua pele pendia em tiras delgadas. Sangue manchava o chão. Serina evitou olhar para o homem caído e mirou o rosto do Conde. Seus olhos eram vermelhos sobre negro.

— Chamem alguém para limpar isso — ordenou o Conde. O líquido carmesim avançava lentamente sobre o piso, e sua presença parecia distraí-lo. Encarava os convivas na estalagem, mas voltava os olhos para o sangue o tempo todo, quase sem perceber. A sede dos Condes vasgoces revelava sua natureza interior. — Não vamos deixar que um incidente infeliz estrague o dia de hoje.

Pela fresta na parede, Serina não pôde ver quem arrastou o corpo do homem para longe. O Conde voltou sua atenção ao forasteiro encurvado sobre o balcão do bar. O mordravo segurava a caneca vazia e tinha o olhar fixo na parede dos fundos. Não, mais que isso. Ele olhava para o pequeno buraco na parede. Encontrara o esconderijo de Serina.

— Quem deu abrigo a esse estrangeiro? — Quis saber o Conde. A voz era amável, mas uma inflexão sutil naquelas palavras sugeria que o culpado teria um destino infeliz.

— Ninguém — respondeu o caçador. Estava rouco, a respiração acelerada. — Não que isso importe.

— Na Vagócia, minha vontade é lei, forasteiro. — Risvelt não se moveu. Mirava as costas do homem com divertimento macabro nos olhos vermelhos. Seus cães pareciam estátuas a seus pés. — E a lei não permite estrangeiros quando o Conde visita seus súditos.

O forasteiro abandonou a caneca vazia e ajustou o chapéu na cabeça. Um leve tremor percorreu seus dedos quando segurou a alça do enorme fardo às suas costas. Serina escutava a respiração apreensiva da clientela da estalagem. Não havia outro som.

— Posso ir embora, mas deixe essa gente em paz.

Alguém arfou de surpresa. Aquela resposta parecia um desejo de morte.

— Você sabe demais, para um mordravo. — Risvelt levou a mão ao queixo liso e pontudo, intrigado. — Sabe por que vim até aqui.

O caçador assentiu.

— Então, sabe o que vou fazer com essa gente. Minha gente — completou o Conde. Via seus súditos como meras posses. — Veio se oferecer no lugar deles?

O forasteiro sorriu. Suava bastante, mesmo com o frio do inverno. Efeito do veneno. Olhou novamente para o esconderijo de Serina. Piscou para ela. O idiota devia pensar que ela estava escondida por medo.

— Não vou deixar que leve ninguém. Se me quiser, vai ter que me pegar.

— Ora, não seja por isso.

II

Risvelt estalou a língua mais uma vez, e os cães saltaram sobre o forasteiro. Era perturbador vê-los explodir em movimento, os músculos proeminentes delineados sob a pele pálida, mas sem produzir um único som além de patas conta o chão.

O caçador mordravo se virou com um movimento brusco. Girou o grande fardo em suas costas com os ombros e os

quadris, aplicando toda a força do corpo. Acertou os cães como se o embrulho fosse um porrete e se abaixou para escapar das garras. Já tinha os sabres em mãos, pronto para o combate.

As feras, aturdidas, dilaceraram o embrulho de couro. Sangraram. O fardo estava cheio de estrepes, pequenos espinhos metálicos usados em armadilhas. Feitos com pregos de ferro, cravaram-se nos focinhos das criaturas. A maior parte espalhou-se pelo chão da estalagem. Risvelt atacou.

O elegante casaco cinza e prata tornou-se apertado, e os botões do colete ameaçaram saltar. O Conde estava maior. Não tinha mais as mãos graciosas e sem calos de um nobre. Agora, eram garras afiadas em dedos escamados, como as patas de uma enorme ave de rapina. Os sabres do caçador giraram para aparar os golpes do Conde, e o metal ressoava contra as garras com estalidos secos.

Os camponeses entraram em pânico quando a luta começou e correram até a saída. Uma coisa era o Conde agredir ou torturar um súdito diante deles. Risvelt tinha esse direito, como nobre vasgocês. Um forasteiro agredir o Conde, porém, era impensável. Aquilo só podia resultar em um massacre. Correram para se proteger, mas os estrepes no chão transformaram a fuga em uma corrida sangrenta.

Alguns paravam diante dos preguinhos, mas logo eram empurrados e caíam. Outros corriam mesmo após furarem os pés nos estrepes, cada passo uma nova marca sangrenta. O carmesim tomou conta da estalagem. Serina compreendeu a estratégia do caçador. Inteligente, porém muito arriscada.

Apoiou uma cadeira contra a maçaneta da porta em seu quartinho antes que alguém buscasse refúgio ali.

Risvelt e o caçador estavam presos em uma dança de morte. As garras do Conde miravam o pescoço e o ventre do forasteiro, que estava sempre pronto com um sabre para impedir o golpe. O caçador era veloz, mas já dava sinais de cansaço. Não podia lutar por muito tempo com a mistura venenosa que Serina lhe dera. O Conde, entretanto, não tinha nada de humano, e seguia na ofensiva com um sorriso brutal nos lábios. Havia todo aquele sangue no chão, entretanto, que Risvelt não conseguia ignorar.

Os Condes vasgoces eram monstros sedentos, e o caçador sabia disso. Com os estrepes metálicos e a fuga desesperada dos camponeses, havia sangue o suficiente no chão para despertar o que havia de pior em Risvelt. O odor pungente invadiu as narinas estreitas do Conde em meio à luta, e o apetite sombrio tomou-o.

Ele desejava aquele sangue com todas as suas forças. Seria quase capaz de atirar-se ao chão e lambê-lo como um parasita sujo. Entretanto, era uma criatura de orgulho, tanto quanto de sede. Distraído e enfurecido pelo próprio comportamento animalesco, Risvelt perdeu o ritmo. Recebeu um corte no peito.

Os sabres do caçador, velozes em sua luta defensiva, não paravam de repelir as investidas do Conde. Uma das lâminas alcançou a elegante camisa de babados em um movimento horizontal. Retalhou tecido e encontrou pele delicada. O Sangue Ancião verteu do ferimento. Risvelt rosnou. Sua face assumiu contornos desconcertantes, mais angulosos, as feições deformando-se. Os cães atacaram outra vez.

Caíram sobre o caçador com seu estranho silêncio. Os pregos cravados nos focinhos pingavam com sangue escuro. As horríveis veias negras pulsavam sob a pele nua dos sabujos enquanto mordiam as pernas do forasteiro. Um golpe de sabre atingiu o olho de uma das feras, que nem mesmo ganiu de dor antes de cair inerte. O outro cão encontrou seu alvo. O caçador gritou.

O Conde aproveitou a brecha e mergulhou uma garra comprida no ombro do homem. Fincou-as na carne como ganchos de açougueiro. Já não parecia em nada com um humano, salvo pelas roupas, que se rasgavam a olhos vistos. Estava maior, alongado e musculoso. As mãos e pés como unhas de ave; o rosto, um focinho afunilado. Os cabelos mais pareciam uma crina desgrenhada.

O mordrivo não se deu por vencido. Golpeou o cão que mordera sua perna com um sabre, e usou o outro para apunhalar o Conde. Garras escuras seguraram a lâmina que, dessa vez, não rasgou nem mesmo seda. Risvelt, revelado como o monstro que era, arqueou o pescoço serpentino para trás e abriu a boca. A mandíbula partiu-se em duas, afastando-se para revelar uma língua imensa. Comprida e avermelhada, terminava em um ferrão ósseo. Com ele, o Conde aguilhoou o pescoço do caçador.

Sobre a mandíbula hedionda e aquela língua pulsante, o que restava do rosto de Risvelt parecia cheio de satisfação. O ferrão penetrou a garganta do forasteiro e já drenava sua vida aos poucos. A pele do homem tornou-se quase tão pálida quanto a da criatura que combatia. Era hora de agir.

Serina escancarou a porta de seu aposento minúsculo. O salão comum da estalagem já estava vazio. O chão era uma bagunça de sangue derramado e estrepes pontiagudos. O cão de estimação do Conde, mesmo ferido, correu em direção à porta aberta.

Pulou para fora e arremessou as facas. Duas, quatro, contra o sabujo. Tinham as lâminas mais pesadas que os cabos curtos, a fim de voar certeiras. Uma cravou-se na parede oposta. Duas encontraram as costelas ossudas do cão, que continuou a correr. A última entrou pela bocarra do animal. Ele não morderia mais ninguém.

Correu para uma das mesas alongadas da estalagem com cuidado para evitar os estrepes. Ainda havia copos de cerveja meio cheios sobre uma delas. Serina derrubou uma para ter um pouco de proteção extra.

A forma abominável do Conde estivera concentrada demais em consumir sangue humano. Só se virou para encarar Serina quando a besta leve já estava armada e pronta. Risvelt largou o corpo quase seco do caçador e contorceu-se como um inseto para avançar sobre sua nova presa. A mandíbula partida ao meio abria-se na horizontal, e o pescoço alongado se movia de acordo com o balanço daquela língua horrenda.

— Ostergald... — sibilou a criatura. Sentia o cheiro do sangue de Serina. Sangue da linhagem de outro Conde.

Ela tentara matar o Conde Ostergald, mas descobriu que sabia muito pouco sobre os monstros que governavam a Vascócia. Risvelt seria sua primeira presa de verdade. Segurou a

besta com as duas mãos e fez mira. O Conde já estava praticamente em cima dela. Disparou.

O dardo não era do tipo comum. Era pouco mais que um galho afiado de macieira. Um ramo frutífero transformado em estaca. Dessa vez, era a madeira certa. Perfurou o que restava do colete e da camisa em frangalhos e cravou-se no esterno deformado de Risvelt. O monstro já tinha as garras a meio caminho do ventre de Serina. Parou de imediato.

O Conde fedia a algo mais odioso do que apenas sangue velho e carne podre. Exalava um odor de inseto, e Serina saltou para trás, tanto para evitar as garras assassinas, quanto para escapar do cheiro. Tinha uma última faca de arremesso na bota. Apanhou-a e fez mira. Ele tornou a se mover.

A maldita estaca deveria tê-lo paralisado. O veneno ainda não surtira efeito; talvez, tivesse dado remédio demais ao forasteiro. Derrubou outra mesa para afastar-se de Risvelt. Ele bamboleou até ela com dificuldade. Ainda assim, aquelas garras só precisavam acertar uma vez para matar, e o ferrão na ponta da língua ainda parecia bastante ameaçador.

Atirou a faca, mirando a carne mole entre as mandíbulas escancaradas. O pescoço do Conde curvou-se como se não tivesse ossos e evitou o projétil. Ele saltou para apanhá-la, mas pisou em um estrepe e chiou. Serina não sabia se era dor ou irritação. Risvelt deu um solavanco e baixou uma garra escura contra a mesa que o separava de Serina. Arruinou só metade da madeira, então desabou. Talvez a estaca e o veneno estivessem funcionando, afinal.

Serina já estava encurralada em um canto da estalagem. A janela mais próxima ficava a uns bons três metros de distância. O Conde moveu o corpanzil mais uma vez, forçando-se a levantar. Não. Não era ele. Alguém às costas do monstro. O caçador.

Pálido como a própria morte, o ombro destroçado pelos golpes do Conde, o forasteiro sorriu e ajustou o chapéu. Tinha os olhos vidrados, mas sabia que Serina estava lá.

— Duas... estacas... melhor que... uma. — Foram as últimas palavras do mordrivo. Caiu sobre Risvelt, pressionando ainda mais o enorme galho de macieira que enfiara nas costas do monstro. Estava oculto naquele fardo o tempo inteiro.

Serina se recompôs com um suspiro e um balançar de ombros. Só então percebeu que suava frio. Apanhou um frasco metálico do bolso e aproximou-se com cuidado do Conde. Moveu o corpo do forasteiro, que já tinha o peso incômodo dos cadáveres, para alcançar a estaca em suas costas. Colheu um pouco do sangue que brotava da ferida. Algumas gotas deviam bastar. Foi mais difícil encher o resto do frasco com o sangue empoçado do chão, mas ela precisava de algo que não estivesse tão cheio de veneno.

Voltou ao quartinho onde se escondera. Abriu o baú que guardava sob a cama, revelando seu ocupante. Aquele truque era mesmo útil. Serina nunca mais olhou da mesma maneira para uma caixa depois de descobrir que tipo de coisa podia se enfiar dentro delas. No baú, um corpo ressecado.

Tinha as feições cinzas e um aspecto antigo de carne mumificada. Apesar da aparência — as orelhas compridas, o

nariz quase inexistente, a boca larga de dentes como facas —, não era um inimigo. Fora ele quem ensinara Serina como enfrentar um Conde.

Chamava-se Valken.

III

Derramou o conteúdo do frasco sobre os lábios do monstro mumificado. Uma gota de Sangue Anciã, colhida de Risvelt, e mais um pouco de sangue comum, humano. Não podia alimentá-lo demais, instruções do próprio Valken.

O filete carmesim encontrou a boca descorada daquela casca vazia — era assim que ele se referia a si e seus semelhantes, meras cascas, veículos para o Sangue Anciã — e desapareceu no mesmo instante. Era como regar uma planta que há muito não via chuva. Os olhos de Valken se abriram, dois globos escuros.

— Você me deve dez moedas de prata — disse Serina.

— Duvido — retorquiu Valken, com a voz rouca.

— Levante-se e venha ver por si mesmo.

Precisou ajudá-lo a sair de dentro do baú. As juntas dele se dobravam de forma perturbadora para caber ali. Mesmo sendo uma arca grande, não devia ser capaz de conter um homem de tamanho médio, mas Valken não era homem há muito tempo. Estava mais próximo de um morto-vivo.

Não era como um Conde, mas nascera do Sangue deles. Um homem transformado em servo, tornado imortal e deformado

para servir aos desígnios do Sangue Ancião que o animava. Porém, Valken não servia a nenhum dos Condes da Vasgócia. Sua misteriosa Senhora não pertencia às linhagens tradicionais que dividiam o país como sua propriedade particular.

— Chifre torto e casco partido! — exclamou Valken, quando Serina o amparou até o salão comum da estalagem. — Você derrubou mesmo o desgraçado.

— Por que a surpresa?

— Não temos tempo. Pegue o óleo, deixe que eu cuido das tochas. Vamos queimar o lugar.

Serina fez o que Valken pediu. Encharcou o Conde de óleo de lamparina, depois derramou o restante pelos cantos da estalagem. Saíram de lá pelos fundos, então arremessaram as tochas pelas janelas. Do lado de fora, o vilarejo de Grausse parecia abandonado. Temiam a ira do Conde.

— Vamos embora — urgiu Valken. Mal despertara e já dava ordens. Apertou bem firme as estranhas fivelas de sua armadura de couro. Tinha correias em volta das pernas e dos braços, como se fossem torniquetes. — Não vai continuar tão quieto quando as chamas subirem.

Conseguiram evitar a atenção da maioria dos camponeses. Serina viu alguns espiando das janelas de seus casebres. Olhavam para Valken com medo e, para ela, com ódio. O Conde vinha de tempos em tempos tomar o sangue e a vida de um dos moradores, mas também era o responsável por manter as estradas seguras e enviar comida quando a colheita ia mal.

— Não pensei que conseguiria — comentou Valken, quando já estavam longe o bastante para ver a estalagem queimar do

alto de um morro.

— Então por que me ensinou como combatê-lo, sua casca idiota?

— Porque você queria aprender, e prometeu que me ajudaria se sobrevivesse. Risvelt era o Conde mais conveniente. Suas terras ficam mais perto de onde preciso ir.

— Vai me arrastar com você até recuperar sua memória?

— Só uma parte dela. — Valken sorriu com seus dentes de faca. — Acho que já estou começando a lembrar.

Valken havia sido humano, mas fora tocado pelo poder do Sangue Ancião. Além da transformação em criatura morta-viva, perdeu boa parte de sua memória. Sabia que havia concordado com o processo. Fizera um pacto com sua Senhora. Só não lembrava o motivo.

Seguiram lentamente pelas escarpas da Vascócia. As montanhas eram escuras e geladas, com pouca vegetação. Pinheiros e outras árvores perenes se projetavam como lanças quebradiças nos pontos onde a rocha permitia. Um local duro, mas não livre de vida.

Com pouco sangue circulando no corpo, Valken era realmente uma casca vazia e não conseguia fazer mais que cambalear. Por algum motivo, pedira a Serina que roubasse um arco longo do arsenal do vilarejo. O instrumento recurvo tinha um metro e oitenta de boa madeira de teixo e fazia as vezes de cajado. No entanto, ele também pedira cordas extras e flechas, então tinha outro plano em mente.

— Eu já passei do momento de duvidar de suas intenções — disse Serina, no fim do terceiro dia da jornada. Haviam parado em um dos raros platôs, e cozinhavam ensopado de coelho e cebolas em uma fogueira minguada. Só ela comeria. — Mas você não está me levando para uma armadilha, está?

— Estou caminhando há três dias com menos de meio litro de sangue nas veias — retrucou Valken. — Posso não ser mais humano, Serina, mas ainda não fiquei louco. Se quisesse te fazer mal, teria feito há muito tempo.

— Não é com você que estou preocupada. — Era mentira. Seria impossível não temer um ataque de um bebedor de sangue esfomeado, mas ela não deixaria que Valken percebesse. — Sua Senhora me quer morta, por causa de minha linhagem. — Até onde sabia, Valken queriam acabar com os Condes, o que exigia o extermínio de todos os membros de suas linhagens sanguíneas, mesmo os que fossem humanos.

Ele assentiu. Como se aquilo fosse um detalhe desprezível.

— Você disse que podia ouvi-la o tempo todo — prosseguiu Serina. — Que o Sangue dela flui em suas veias, como um parasita. O que ela está dizendo agora?

— Quanto menos sangue do meu corpo, mais fica difícil manter contato. Ela não pode me ordenar a nada por enquanto.

Só de pensar naquela condição hedionda, Serina tinha calafrios. Ser um peão imortal de uma criatura odiosa como Risvelt ou Ostergald, para sempre conectado à vontade maligna de um deles. A Senhora de Valken era ainda pior: uma agente desconhecida da corte vasgocesa.

— Não consegue escutar nem um pouco, Valken? Não minta para mim.

— Se eu tentar, vai ser pior. Posso acabar me abrindo ao controle dela — ele suspirou longamente. Não precisava respirar de verdade, era só um hábito. — Mas há uma sensação nítida. Ela ficou feliz com o que fizemos a Risvelt.

— Outro Conde fora da jogada.

— É perigoso presumir algo assim, Serina.

— Pelo casco partido do Diabo, Valken! Nós queimamos o desgraçado, ele tinha duas estacas enfiadas no coração!

— Não vimos o corpo queimar por inteiro. Melhor supor que fomos uma enorme inconveniência ao Conde, nada mais.

Serina dormiu mal naquela noite, pensando no que Valken dissera. Tanto trabalho, e o desgraçado podia ainda estar vivo? Pior que isso, a Senhora misteriosa estava contente, e nada que alegrasse uma criatura como ela podia ser bom. Enrolada em seu saco de dormir, Serina contou estrelas até adormecer, mas, pouco depois que conseguiu, um sol débil raiou nas montanhas vasgocesas.

Acordou com Valken já de pé, e perto demais. Encarava Serina com aqueles olhos escuros, a boca larga contraída em uma linha. Daquele ângulo, as orelhas grandes e nariz diminuto que apontava para cima davam-lhe um aspecto de morcego.

Serina afastou-se do companheiro de viagem. Sacou a adaga que mantinha debaixo do cobertor. Valken, imóvel, levou um instante para perceber o movimento. Os olhos escuros tinham

algo além de fome. Havia uma dor, algo entre saudade, arrependimento e culpa.

— Lembrei de uma coisa.

— Não me interessa, Valken! Não fique me espiando enquanto durmo!

— Eu... não percebi... — A falta de sangue o afetava mais profundamente do que Serina imaginava. Isso, ou a recordação tinha sido muito poderosa. — A pessoa de quem você me lembra... sei como ela morreu.

O maldito se calou, como se contar o resto da memória fosse destruí-la por completo.

— Quem era ela?

— Faz diferença agora? Ela se foi. — A dor de Valken deu lugar à raiva. Ele apertou com força o arco de teixo. Se a madeira não fosse tão flexível, teria se partido. — Talvez seja uma ancestral sua.

— Ostergald — concluiu Serina. — Se eu pareço com ela, se somos aparentadas, então ela tinha o sangue do Conde. Ele a matou, e você procurou a tal Senhora para se vingar.

— Minha Senhora... Minha doce Senhora. — A voz dele mudou por um instante, tornou-se monocórdia. Serina não fazia ideia de como aquilo funcionava, mas pareceu que Valken estava perdendo o controle. Afastou-se um pouco mais e ergueu a faca na direção dele, porém a voz voltou ao normal logo em seguida. — Eu não a procurei. Ela me encontrou... estávamos investigando desaparecimentos na cidade.

— Que cidade?

— Não lembro mais do nome. Foi abandonada aos ratos, mas sei onde fica. É para lá que estamos indo.

IV

Alcançaram o vale no meio do quarto dia. Cabras montanhesas baliavam, despreocupadas, ao longo da descida suave que acompanhava um riacho sinuoso. O sol do meio dia iluminava a quantidade surpreendente de verde na região. Aquilo parecia um tesouro oculto em meio à geografia cruel da Vascócia. Então, a luz alcançou a cidade, e Serina entendeu por que o vale parecia intocado.

Já estivera na presença de criaturas monstruosas, seres inchados de Sangue Ancião e ganância desmedida. Risvelt, Ostergald, Faarnoth, demônios do pior tipo. Porém nunca, em sua curta vida, Serina vira algo exalar tanta maldade quanto os contornos cinzentos daquela cidade murada. Algo naquelas pedras gastas pelo tempo estava muito errado.

— É onde eu vivia — contou Valken. — Faz mais de cem anos. Não sei onde nasci.

— Mas parece que sabe onde quer morrer, e quer me levar junto.

— Preciso saber, Serina. Quem eu era, quem *ela* era. Um nome, pelo menos. Eu troquei minha humanidade por ela, e esqueci até mesmo de como ela se parecia. Até encontrar você.

Serina odiou a si mesma por sentir pena dele. Valken fizera sua escolha e, agora, queria pôr a vida dela em perigo por um resquício de paz de espírito. Porém, não podia dizer que não

compreendia os motivos dele. A própria Serina perdera mãe e irmã para a sede de sangue dos Condes vasgoces. Pedira a Valken que a ensinasse a combatê-los. Ainda não entregara a própria humanidade, mas, se tivesse recebido a mesma oferta, não teria aceito aqueles termos?

— Vamos, antes que escureça. Não vou dormir desse lugar horrível.

Alcançaram os muros antes que o sol deixasse seu ápice. Os portões eram apenas arcos vazios de pedra entalhada. Qualquer madeira que houvesse ali fora saqueada ou virara pó. Valken parou há alguns metros da entrada. Encordoou o arco com cuidado enquanto Serina inspecionava as muralhas.

Não tinham um estilo especialmente elegante. Eram repletas de seteiras, como qualquer muro de cidade fortificada. Do lado de dentro, as casas eram altas e estreitas. Prédios compridos e esqueléticos, com estátuas esculpidas nas quinas e beirais. Formas de animais alados e mulheres de manto e capuz em poses suplicantes.

Algo se movia entre as torres sem cor. Pequenas formas pretas. Sumiram tão rápido quanto apareceram. Ouviu um barulho suave a seu lado. Não mais o arco, e sim uma faca deslizando para fora de uma bainha oleada. Girou nos próprios calcanhares a tempo de ver Valken abrir um corte no próprio peito.

— Você está quase vazio, imbecil! — exclamou Serina. — O que pensa que está fazendo?

— Preparando uma distração.

Valken apanhou um punhado de finas tiras de pano. Pressionou três delas contra o ferimento recém-aberto, embebendo-as em sangue. Enrolou cada tira na parte de trás de uma flecha. Era a plumagem mais grotesca que já vira um arqueiro preparar para sua munição.

— Vai atirar isso em quem?

— Para longe. — Valken já fazia mira com o arco, apontando a primeira flecha para o alto. — O cheiro do sangue vai despistá-los. — A primeira flecha voou alto até desaparecer por entre casas de dois e três andares. Valken preparou a segunda. — É o mesmo cheiro dela.

— Seu desgraçado, quem nós precisamos despistar? Eu não tenho obrigação de morrer por suas memórias, sabia?

— Eu não precisava me drenar completamente e me enfiar em uma caixa para te acompanhar. Mas eu fiz isso, não foi? Te mostrei como matar um Conde vasgocês, agora cumpra sua parte do trato! — A segunda flecha atingiu uma torre próxima ao centro da cidade, entrou por uma janela escura e desapareceu. — Desculpe a grosseria, porém é difícil fazer mira com você me xingando. Precisamos distrair os ratos.

Ele caminhou alguns passos a oeste, paralelo à muralha cinzenta, antes de disparar a última flecha. De fato, tinha cumprido sua promessa, mas só uma parte. Dissera a Serina que lhe ensinaria como matar um Conde vasgocês, porém Risvelt talvez estivesse vivo. Se as chamas na estalagem tivessem se apagado antes da hora, ainda restaria um pedaço da criatura para se regenerar. O Sangue Ancião nas veias do Conde era praticamente imortal.

Ainda assim, Serina não questionou Valken novamente. Queria que ele se lembrasse, que recuperasse parte do que perdera. Mais que isso, queria saber se era possível superar uma perda como aquela. Alguém tão importante devia fazer muita falta em seu coração morto-vivo. Serina sabia, pois sentia a mesma dor. Sua mãe e sua irmã nunca mais sorririam para ela, nem brigariam com ela quando saísse à noite. Ela estava sozinha, assim como Valken. Precisava que ele encontrasse uma resposta, porque assim, talvez, pudesse encontrar uma também.

Do outro lado das muralhas, a sensação de desconforto que emanava da cidade era ainda maior. A luz intensa de um dia límpido caía sobre aquelas ruas estreitas e as casas altas e magras, mas o frio imperava. Não havia umidade no ar, e minúsculos grãos de poeira dançavam por entre os raios solares como se zombassem de sua tentativa de aquecer aquele solo maldito.

Valken caminhava com dificuldade, mas parecia determinado. Apoiava-se nas paredes, sentindo-as enquanto prosseguiam pela avenida principal. O calçamento formava um sulco no meio da rua, um caminho para que a sujeira escoasse. Ninguém sujava aquela cidade havia anos. Ninguém, exceto os ratos.

Serina não entendera quando Valken mencionara os animais, não até ver os primeiros. Alpinistas solitários, escalando paredes rachadas e espiando acima dos telhados pontudos. Os dejetos dos roedores podiam ser vistos em quase toda parte. Faziam sons agudos, quase chilreios musicais. Serina podia jurar que estavam transmitindo mensagens entre si.

— Eles estão nos seguindo? — perguntou ao companheiro de viagem. — Pensei que seu sangue iria distraí-los.

— Os mais vorazes, sim. Os que ficaram para trás não são tão perigosos.

Dobraram uma esquina para sair da avenida. Uma carruagem teria dificuldade de se deslocar por ali, mas era a rua mais ampla do local. A ruela em que entraram mais parecia uma fenda natural da rocha, de tão estreita e gelada. As paredes dos edifícios, sempre altos, bloqueavam boa parte da luz. Aqui e ali, havia portas, na maioria abertas, convidando-os a investigar uma ou outra casa abandonada. Valken parou diante de uma.

Era avermelhada, mas só onde a tinta não desbotara por completo. Uma tabuleta de madeira pendurada do umbral denunciava o que havia atrás dela: “constabulário”.

— Eu... trabalhava aqui — sussurrou Valken, como se descobrisse o fato pela primeira vez. Estava mesmo se lembrando do passado. Olhou para Serina e seus olhos escuros tinham aquela expressão dolorosa outra vez. — Ela também.

— No constabulário? Vocês eram guardas dessa cidade? — Serina riu, talvez um pouco alto demais, mas queria espantar a atmosfera lúgubre do lugar. — Não consigo imaginá-lo de uniforme.

— Guardas, não. Investigadores.

— Faz sentido. Vocês eram parceiros e investigavam desaparecimentos quando ela morreu. Descobriram quem estava por trás dos crimes?

— Não sei, acho que... — Valken parou no meio da frase. Ergueu a cabeça como se tivesse acabado de descobrir algo. — Sim!

Ele correu pela viela sem esperar por Serina. Algo na mente de Valken estava se libertando, uma memória nova. Ele perseguiu aquela sensação através da cidade. Serina não tinha muita escolha, a não ser segui-lo.

Foi difícil. Uma vontade desesperada dominava Valken, algo maior que a fome ou a dor. Talvez fosse esperança, ou, talvez, apenas loucura. Embrenharam-se pela teia de becos e ruelas. Serina, perseguindo Valken; ele, perseguindo as sombras do passado.

Quando pararam, estavam em campo aberto. A praça era enorme, com bancos da mesma pedra monocromática que compunha toda a cidade, e fontes cobertas de poeira e teias de aranha. No chão, terra granulosa, morta. Nada nascia ali, mas talvez tivesse sido um local verdejante no passado. No centro de tudo, um templo.

A construção tinha o formado de cruz, com quatro alas de tamanhos iguais, decoradas com esmero. Uma enorme torre presidia sobre o edifício. No topo, um campanário decorado com gárgulas e um grande sino de bronze escuro. Serina estremeceu. Havia uma beleza decadente ali, escondida bem no fundo.

— Valken, talvez seja melhor procurar em outro lugar.

Ele não deu ouvidos. Caminhou, devagar outra vez, em direção aos portões duplos do templo.

— Eu vou voltar, Valken! Está me ouvindo, sua casca vazia?

— Irina — foi tudo que ele respondeu.

— É Serina, imbecil!

— Não. — Ele encarava o sino, e caminhava em sua direção. — O nome dela era Irina.

Maldição, até os nomes eram parecidos. Agora que as memórias dele estavam voltando, seria difícil convencê-lo a abandonar a busca. Porém, Serina sabia que havia algo errado. Que o desgraçado encontrasse as respostas sozinho. Deu meia-volta, e viu os ratos.

Amontoavam-se nas entradas dos becos, derramavam-se por janelas entreabertas, corriam enfileirados pelos telhados. Eram grandes, para roedores. Até aquele exato momento, a cidade era puro silêncio. Bastou Serina notá-las para que as criaturinhas chiassem e guinchassem um coro de pesadelo.

Centenas. Milhares. Moviam-se como uma onda.

Até mesmo o caminho por onde tinham vindo estava tomado. O chão era um tapete de pelos escuros e caudas rosadas, convulsionando feito vermes. Serina correu, dessa vez para perto de Valken. Não que o desgraçado pudesse protegê-la, mas os ratos não estavam avançando na direção da praça deserta. Contentavam-se em cercá-la. Minúsculas tropas de infantaria sitiando uma fortaleza.

— Pelo casco partido do Diabo, Valken! Você já viu essas coisas antes?

— O cheiro do meu sangue ia trazê-los até nós, mais cedo ou mais tarde. Mas eu encontrei, Serina. Já estou me lembrando, e vou recordar muito mais lá dentro. Venha, esqueça o Sangue Ancião.

Sangue. O Sangue Ancião. A marca dos Condes, que impregnava seus servos e transformava animais comuns em monstros sedentos. Se os ratos sentiam o Sangue em Valken, então...

Não queria, mas obrigou-se a olhar. Naquele fluxo infindável de pelo oleoso e patinhas agitadas, Serina viu minúsculos olhos vermelhos. As criaturas se aproximaram, apertando o cerco. Moviam-se em concerto, como se dirigidas por uma vontade singular.

Os ratos chiavam uns para os outros, uma cadeia de mensagens indecifráveis e, logo, o bando se deslocava em harmonia perfeita. Formaram um círculo exato ao redor da praça. Nem mesmo uma cauda desatenta tocava o chão de terra.

— Você venceu, miserável. Vamos ver o que há nesse templo. Não pode ser pior que isso.

Caminharam a passos largos. Serina apressava Valken, agora. Daquela distância, podia ver melhor os roedores que os cercavam, e não gostou nada do que viu.

Os olhos vermelhos surgiam em toda parte. Não apenas nas cabeças afuniladas daqueles ratos criados pelo Sangue Ancião. Uma pata podia exibir um globo ocular inchado em vez de dedos, algumas caudas erguiam-se acima da turba peluda, as pontas vermelhas ostentando olhos sem pupilas. Um dos ratos

bocejou, e Serina quase gritou quando viu três ou quatro fileiras de pequenos dentes afiados.

Empurrou Valken para o lado e alcançou as portas do templo quase aos saltos. Os roedores não fizeram menção de avançar. Apenas encaravam os dois com aqueles olhinhos sangrentos que brotavam de lugares estranhos. Era quase como se estivessem convidando-os a entrar.

V

As portas duplas abriam-se para dentro. Serina empurrou-as com força e as dobradiças rangeram. Havia uma antessala coberta de teias, decorada com mobília pragmática, cadeiras retas, uma mesa de canto e um castiçal há muito sem velas. O interior era úmido e malcheiroso, diferente da aridez inodora da cidade cinzenta. Valken entrou como uma criança deslumbrada, observando as paredes e o teto com os olhos escuros bem abertos.

— Eu lembro... sei que lugar é esse, Serina. Aqui, eu...

Ele caiu de joelhos e levou as mãos aos ouvidos. Começou a tremer. Encarou Serina, e os olhos não tinham mais aquele ar nostálgico e arrependido. Eram pura fome.

— O Sangue Ancião — sussurrou Valken. As palavras saíam arrastadas. — Faz muito tempo que não me alimento... vou... perder o controle. Fuja!

O primeiro instinto de Serina foi abandonar o local. Chegou a entreabrir as portas, mas os ratos ainda estavam lá. Não formavam mais o círculo elegante ao redor da praça; corriam em

direção ao templo, guinchando. Um deles esgueirou-se pela fresta na porta, um rato preto de dois palmos de comprimento. A mão enluvada de Valken agarrou o bicho e levou-o aos seus dentes de navalha. Serina correu para o outro lado.

Deixou a antessala com Valken em seus calcanhares. Do lado de dentro, o prédio não parecia em nada com um templo. Não havia púlpito, bancos ou altar. Tudo o que havia era um corredor longo, ladeado por muitas portas e sem nenhuma janela. Serina correu em linha reta, sentindo os músculos da coxa bombearem o sangue que Valken tanto desejava.

Ele não corria, rastejava. Parecia um predador prestes a saltar sobre a presa. Serina só olhou para trás por um segundo e viu, de relance, o rosto monstruoso de Valken manchado com sangue de roedor. Os dentes afiados e proeminentes fizeram-na correr mais rápido.

Podia testar uma das portas. Se fosse rápida o suficiente, poderia fechá-la antes que Valken a seguisse, mas quem garantia que estariam destrancadas? Eram peças inteiriças de madeira, com pouco ou nenhum ornamento, e pareciam tão sólidas quanto as da entrada. Cada porta tinha um número, e uma pequena portinhola na parte de baixo. Valken rosnava. Serina não podia prestar atenção em nada além de fugir. No fim do corredor, escadas em espiral iam tanto para cima, quanto para baixo. Serina escolheu subir.

Ao menos, sabia o que havia lá em cima: um campanário e um sino. No subsolo, não teria a alternativa de atirar-se torre abaixo para evitar um fim pior. Alcançou os degraus de madeira e começou a subida, dois de cada vez. Não tinha tempo a perder.

A escada rangeu, estava podre. Valken saltou para agarrá-la. Seu hálito quente cheirava a sangue. Uma mão curvada feito uma garra apertou o braço de Serina. Sentiu o chão desfazer-se sob seus pés. Os degraus se romperam com um estrondo.

Valken e Serina caíram juntos. O peso combinado dos dois atravessou a madeira velha da escada como um aríete. Arrebentaram o primeiro lance e o segundo também, mais abaixo. Rolaram pelo terceiro, engalfinhados. Serina alcançou sua faca e abriu um talho no rosto do desgraçado. Ele ainda tentava agarrá-la, mas não parecia consciente de que estavam caindo. Serina plantou a faca no dorso da mão direita de Valken e agarrou-se em um dos postes do corrimão. Chutou o rosto dele com força.

O monstro que era seu companheiro de viagem foi arremessado para baixo como um pedregulho. Aterrissou sobre uma estante enorme, derrubando livros embolorados. Serina pensou ter ouvido o som de ossos se partindo. Ainda agarrada ao corrimão, passou uma das mãos pelo próprio corpo, procurando ferimentos. Não encontrou nada.

Os degraus da parte de cima estavam arruinados. Subir seria impossível, no estado em que se encontravam. Serina precisaria saltar como uma acrobata. Olhou para baixo, na direção dos livros caídos. Valken não estava mais lá.

O desgraçado não era tão forte sem sangue para abastecê-lo, mas, naquele lugar escuro, podia apanhá-la de surpresa. Cerrou os olhos para compreender o ambiente. Não havia apenas uma estante; todas as paredes tinham prateleiras.

Era um aposento amplo, com várias mesas de trabalho alinhadas. Algumas tinham vidrarias de tamanhos variados, decantadores e tubos de ensaio. Outras eram macas com alças de couro para os braços e pernas de algum paciente infeliz. Era um laboratório. Ainda estava bem organizado, como se alguém tivesse deixado tudo preparado para o trabalho no dia seguinte, mas esse dia tivesse demorado um século a chegar.

Desceu com cuidado, em estado de alerta. Não tinha mais a faca, que provavelmente ainda estava alojada na mão daquela maldita casca vazia que era Valken. Um gotejar constante era o único som em seus ouvidos.

Procurou com cuidado nas mesas de trabalho. Devia haver algo com o que pudesse se defender. Um bisturi ou escalpelo. Um caco de vidro, se chegasse a isso. O cheiro rançoso dos decantadores era familiar: sangue podre.

Encontrou o que procurava sobre uma das macas. Um bisturi enferrujado. O cabo metálico era frio ao toque, mas reconfortou Serina como um abraço materno. Só depois de apanhar a lâmina notou que as amarras de couro na lateral da maca estavam roídas. O rato que mastigava o couro grosso tinha três olhos brilhantes. Dois na face, um nas costas.

Serina baixou o bisturi contra a criatura. Não sabia por quê; só sabia que estava com raiva. Do roedor imundo, de Valken e de si mesma. Como se deixara levar até ali? Por pena? Pena de um monstro?

O rato saltou para longe, sobre uma mesa cheia de frascos delicados. Guinchou, saltou outra vez e o vidro espatifou-se no

chão. O estardalhaço ecoou no porão amplo e o fedor de sangue podre tomou o aposento.

— Eles faziam experimentos — disse Valken. Serina olhou ao redor, mas não enxergava muito além naquele breu. — As pessoas que raptavam eram trazidas para cá. Um sanatório no centro da cidade; pelo menos era o que pensávamos. Aqui embaixo, experimentavam com o Sangue Ancião. Tentavam criar algo novo...

— Não quero saber de suas histórias, Valken! Apareça de uma vez e vamos acabar logo com isso!

Passos delicados soaram em algum lugar às costas de Serina. Virou-se com o bisturi em riste. Se conseguisse cortar fundo o suficiente, poderia drenar Valken do sangue que lhe restava e ele ressecaria como uma múmia outra vez. Porém, ele não estava ao alcance da lâmina.

— Desculpe te assustar lá em cima — Valken prosseguiu. Estava a uns três metros de distância, escorado em uma das mesas de trabalho. Outro rato perambulava pela bancada de madeira. — Quando fico sem sangue por muito tempo, o Sangue Ancião toma o controle. — Ele segurava algo na mão boa. A outra fora arruinada pela faca de Serina. — O segredo é manter o equilíbrio. Nem muito cheio, nem muito vazio.

Ele levou a mão aos lábios. Tinha um dos frascos do laboratório na luva escura. Sangue envelhecido escorreu para fora do vidro. Valken sorveu o líquido podre como se fosse um bom vinho.

— Espero que tenha recuperado a memória inteira — vociferou Serina. — Porque eu vou sair desse maldito lugar, e

quem tentar me impedir vai acabar empalado como Risvelt!

— Você é mesmo parecida com ela. — Valken sorriu. Os dentes afiados tingidos pelo sangue velho. — Irina era ainda mais feroz. Quando trouxeram ela pra cá, ela causou um massacre.

Serina começou a procurar por uma saída sem tirar os olhos de Valken. Confiara nele por tempo demais, como uma imbecil. Era um servo dos Condes. A Senhora dele podia ser de uma linhagem misteriosa, mas ainda era um monstro sugador de sangue que transformava pessoas em escravos famintos.

Havia outro lance de escadas no lado oposto de onde entrara. Ia ainda mais para baixo, bem nas entranhas daquela cidade torpe. Sem chance de ela fugir por ali.

— Sua parceira descobriu o que faziam nesse lugar, e então o quê? — Serina não tinha o menor interesse na história, mas precisava ganhar tempo. Enquanto mantivesse Valken falando, saberia onde ele estava. — Foi capturada, e você não pôde salvá-la?

— Essa é uma lembrança que eu podia ter deixado para trás. — Lá estava, nos olhos dele. A culpa e a saudade outra vez. E uma outra dor: arrependimento? — Andávamos discutindo muito, Irina e eu. Éramos investigadores, você sabe, mas ainda éramos apenas brinquedos nas mãos dos Condes. — Valken logo se perdeu em reminiscências, e Serina continuou a procurar por uma forma de fugir. Caminhou de lado, pé ante pé, para não alertá-lo. Ele parecia satisfeito em apenas contar sua história. — Quando percebemos que nossa investigação envolvia o Sangue Ancião, eu sugeri esquecer tudo. Achava que acabaríamos

atrapalhando o lazer de um dos Condes, e morreríamos sem que a justiça fosse feita. Irina me odiou por isso.

— Melhor ser um covarde vivo do que um herói morto, Valken. — Serina surpreendeu a si mesma com o comentário. Não fazia muito tempo, tentara assassinar outro Conde sem o preparo adequado apenas para se vingar. Algo nela havia mudado. — O que sua parceira fez? Invadiu o lugar, armada até os dentes?

Valken riu. Um som triste vindo de sua garganta monstruosa. Deixou os ombros caírem e balançou a cabeça.

— Esse era mais o meu estilo. Irina planejava as coisas antes de agir. Infiltrou-se no laboratório, uma noite, para recuperar evidências. Se expusesse os experimentos feitos aqui, qualquer Conde que fosse responsável seria punido pelos outros. Você sabe como eles se odeiam, como a paz que selaram é frágil.

— Parece um bom plano. — Serina já havia se afastado bastante de Valken, mas se ficasse muito quieta, ele a procuraria na escuridão. Encostou-se em uma das prateleiras. A poeira dos livros fez seu nariz coçar.

— Ótimo. — Assentiu Valken. — Mas ela veio sozinha, sem me avisar. Se eu não tivesse sido tão covarde, tão cabeça dura...

Serina encontrou.

Havia uma escada junto à estante, do tipo que bibliotecários usavam para alcançar prateleiras altas. Aquilo a ajudaria a chegar ao andar de cima. Só precisava levá-la até os degraus

quebrados. Com cuidado, pôs as mãos nas laterais da escada. Valken ergueu a cabeça.

— O que pensa que está fazendo?

— Indo embora, desgraçado! — Serina agarrou a escada e baixou-a contra o rosto de Valken. Era comprida o suficiente para alcançá-lo. O golpe derrubou-o mais uma vez. O sangue que o sustentava era velho e rançoso, não renovava suas forças.

Serina correu, levando a escada consigo. Era bastante pesada, mas o desespero emprestou-lhe forças. Apoiou a parte superior contra o buraco por onde caíra, onde antes haviam degraus em espiral. Aquela escada comprida e estreita era feita para alcançar livros e estava tão velha quanto o resto do equipamento naquele laboratório. Talvez não suportasse seu peso, porém não fazia diferença. Começou a subir, pois Valken já estava de pé novamente.

— Serina, volte aqui! Espere!

Para o inferno com os pedidos dele. Ela cumprira a promessa. Tivera pena de um monstro, e agora pagava o preço. Não ficaria mais um instante na companhia dele.

As escadas resistiram à subida frenética de Serina, que as chutou para baixo assim que alcançou o andar térreo. Abaixo, Valken gritava.

Correu outra vez pelo corredor ladeado de portas. Agora, entendia o que eram. Celas para pacientes. Numeradas, com portinholas para entregar-lhes comida. Será que ainda havia alguém lá dentro? Não seria mais a salvadora de ninguém. Sua cota de boas ações estava esgotada pelo resto da vida.

Apenas seus passos e os gritos indistintos de Valken ecoavam no silêncio. Serina não ouvia nem mesmo o chiar dos ratos. Alcançou as portas duplas. Encararia a praça deserta e os roedores em círculo, se precisasse, mas não foi isso que viu quando deixou o templo.

No lugar dos ratos, havia cães. Sem pelos, só couro pálido e veias muito escuras. Havia soldados também, e não eram humanos.

A praça de terra seca e cascalho encheu-se com o som de grevas metálicas. Assim que Serina abriu as portas, os guerreiros de armadura e lança entraram em ação: correram para apanhá-la. Tinham rostos familiares, distorcidos. Narizes diminutos, orelhas grandes e dentes de faca. Eram cascas vazias, como Valken, mas serviam a outro mestre. Em meio aos guerreiros, uma forma se destacava. Maior e mais terrível.

— Nós temos contas a acertar — disse o Conde Risvelt.

VI

Ele era pouco mais que uma ruína chamuscada, mas estava de pé. Vestia um novo casaco opulento. Dessa vez, veludo preto com fios de ouro e rubis engastados nos botões. O colete era vermelho-sangue, e a camisa, seda branca. Nada disso escondia o horror queimado que era o rosto do Conde: uma massa rosada, supurada de pus. Havia um rasgo onde devia estar a boca, e a mesma língua monstruosa pendia, frouxa. O ferrão na ponta gotejava saliva espessa.

— Eu a quero viva, rapazes — ordenou Risvelt —, mas não precisa estar inteira.

As pernas de Serina pareciam congeladas. O Conde estava vivo. Ela o envenenara, perfurara e queimara, e o maldito estava ali, de roupas novas e pronto para a desforra. Que esperança ela tinha de fugir? Os soldados marcharam através da praça desolada. Logo, Serina se juntaria a sua mãe e irmã, onde quer que os mortos se reencontrassem depois do horror que era a vida na Vascócia.

Uma mão tocou-lhe o ombro. Uma luva negra com um ferimento feio. Valken.

— Desculpe, Serina. Eu não lembrava que tinha vivido aqui quando ainda era humano, mas essa cidade não era desconhecida para mim. — Do que o desgraçado estava falando? Faria alguma diferença pedir perdão agora? — É aqui que minha Senhora se esconde.

A tropa de Risvelt avançou em linha, flanqueada por matilhas de cães monstruosos. O Conde caminhava na retaguarda, com a mesma confiança com a qual adentrara a estalagem. Serina encontrou a coragem para se mover outra vez, mas as mãos de Valken a impediram. Ele a empurrou na terra dura diante do templo. Serina caiu de joelhos.

Estava cercada, derrotada, indefesa. Via apenas as grevas metálicas vindo em sua direção, e as botas de couro negro, de cano alto e acabamento dourado do Conde que tentara assassinar. Então, os ratos voltaram.

Não foi o avanço comedido de antes, circundando o solo árido com coordenação sobrenatural. Irromperam de todas as

frestas, buracos e esconderijos. O sol poente lançava sombras longas e, delas, emergiram milhares de roedores escuros como a noite. Abateram-se sobre os homens de Risvelt feito uma maré. Subiam por pernas e braços com facilidade assustadora. Os cães silenciosos do Conde tentavam mordê-los, mas os ratos viam suas bocarras abertas como novas tocas para explorar e avançavam, destemidos. Seus muitos dentes diminutos abriam caminho onde encontravam resistência.

O próprio Conde foi pego de surpresa, soterrado por uma onda de pelos negros e olhos escarlates. Gritou de raiva, mas havia medo oculto naquele som. Serina, atordoada, deixou que os roedores passassem sobre ela, e o mundo se apagou. A última coisa que notou foi o chão de terra cedendo, como se um enorme buraco se abrisse sob seus pés.

VII

Quando acordou, ainda ouvia os ratos. Não estava mais na praça no meio da horrível cidade; havia um frio úmido no ar, e o chiar dos roedores produzia um eco leve. Deitada de bruços, sequer tentou se levantar. Sentia um peso incômodo sobre suas costas. Algo que se movia com patinhas diminutas e investigava sua pele com um focinho úmido.

Serina estava no subsolo outra vez. No entanto, havia mais luz ali do que no laboratório secreto. Tochas aferradas às paredes cavernosas do lugar revelavam muito mais do que ela gostaria de ver.

O chão da caverna tinha apenas ratos e cadáveres. Os servos de Risvelt jaziam abertos, as tripas devoradas por roedores

famintos. Do próprio Conde, sobrara pouca coisa. As roupas, feitas sob medida, agora abrigavam uma ninhada de ratinhos recém-nascidos e uma mãe gorda e peluda. A língua gigantesca com o ferrão na ponta encontrava-se inerte no chão imundo.

— Não queria que ele recuperasse a memória — falou uma voz límpida, feminina —, mas tudo acabou saindo melhor do que planejei.

Serina se debateu no chão, tentando se virar e encarar a interlocutora. O rato em suas costas não gostou nada daquilo e correu para longe, chiando seu descontentamento. No fundo da caverna escura não havia apenas tochas, mas enormes braseiros acesos. Quatro pedestais fumegantes em um estrado elevado, ladeando um belíssimo trono de marfim. A mulher sentada nele era a criatura mais bela que Serina já vira.

— Perdoe os meus modos. Faz muito tempo que não recebo visitas — disse a Senhora, e Serina quis mesmo perdoá-la. — E você me trouxe um presente tão precioso, querida Serina. O sangue do Conde Risvelt era uma delícia. O poder dele viverá para sempre em minhas veias.

Não podia ser humana, com aquela tez cadavérica. Era cinza como uma lápide, mas belíssima mesmo assim. Algo na postura da mulher, nos cabelos escuros impecavelmente trançados, nas roupas reveladoras de cortesã, ou no modo displicente como se sentava sobre o trono, com um sorriso nos lábios grossos, emanava mais do que beleza. Majestade era a palavra.

Sua corte era composta pelas hordas de ratos. Os ratos e Valken, é claro. Ele estava prostrado diante de sua Senhora,

totalmente submisso. Havia um corte delgado no pulso dela, e um filete de sangue gotejava aos pés do trono. Valken bebia cada gota com êxtase renovado.

— Por que não deixou os ratos me matarem? — Quis saber Serina. — Ou Valken, por que não o obrigou a fazer o serviço?

— Eu vejo tudo o que ele vê, doce Serina. Ele viu algo especial em você, e eu também. Não a linhagem nobre, nem a semelhança com alguém do passado. — A Senhora endireitou-se sobre o trono. — A forma como combateu os Condes da Vascócia, seu ódio e sua tenacidade. — Antes relaxada, agora, ela era uma imperatriz proclamando um decreto. — Você servirá muito bem para o meu propósito.

Serina levantou-se, tentando esconder a dificuldade em ficar de pé. Aquela criatura precisava ser encarada de frente.

— Não me interessam seus planos. Você é como eles, um monstro.

— Como eles, não. Melhor. — O sorriso da Senhora era um esplendor de dentes afiados, brancos como o amanhecer. — Você também pode ser.

— Vai me fazer a mesma oferta que fez a Valken? Uma promessa vazia de vingança? De reencontrar alguém que perdi? — Serina cuspiu diante da Senhora. Precisou de toda a força de vontade que possuía para confrontá-la dessa forma.

— Mas eu cumpri a promessa, querida. Ainda não entendeu quem eu sou? O que me tornei? Diga a ela, Valken.

A Senhora recolheu o pulso cortado, e o gotejar lento do sangue cessou imediatamente. Valken pareceu desolado por um

momento. Encarou a Senhora com aquela dor estranha que carregava nos olhos escuros, e baixou a cabeça outra vez.

— Me perdoe, Irina, por favor. Eu não pude salvá-la.

Irina. A investigadora. A parceira de Valken. Vítima de experimentos com o Sangue Ancião. Experimentos que desejavam criar algo novo. E lá estava.

— Não foi agradável o que fizeram comigo — confessou a Senhora. — Desejei morrer, deixar de existir, por muito tempo. No entanto, o Sangue Ancião é milagroso, doce Serina. Eles me submeteram a todo tipo de atrocidade até que o Sangue me transformasse. Você diz que eu sou como os Condes, mas eu repito: sou melhor. O próximo passo.

A Senhora levantou-se do trono. Era graciosa no caminhar, mas seu sorriso era pura crueldade. Atrás dela, de joelhos, Valken a encarava. Só então Serina entendeu o que havia naquele olhar. Não era arrependimento por falhar com a antiga amiga. Era culpa pelo que estava fazendo com Serina. Por levá-la para uma armadilha.

Cambaleou para longe. Estava muito fraca para correr. Quase caiu quando esbarrou no corpo de um dos soldados de Risvelt. A Senhora amparou-a com mãos delicadas. Não apertavam, nem mesmo faziam pressão. Era quase uma carícia.

— Vai apagar minhas lembranças, como fez com Valken? — perguntou Serina, aos sussurros. Não conseguia erguer a voz diante da Senhora. Os olhos dela eram negros como a noite, sem um traço de brancura. Mas, se olhasse com atenção, Serina achou que poderia ver um céu estrelado por trás do breu. — Criar outra casca para servi-la?

— Não. — A Senhora sorriu, lábios cheios e dentes afiados numa curva predatória. — Estou sozinha há tempo demais aqui embaixo. Preciso mais do que apenas servos e uma corte. Quando todos os Condes forem eliminados, quando eu for Rainha, vou precisar de mulheres fortes como você. A Vagócia terá Presas para abocanhar o resto de Noltora.

Serina não conseguia se desvencilhar das mãos dela. Um toque tão suave, tão gracioso, mas impossível de afastar. Não tinha forças, porém ainda tinha o bisturi. A arma enferrujada que agarrara em desespero para se proteger de Valken. Deixou-se cair para frente, na direção da Senhora, e brandiu a lâmina na horizontal contra a garganta da mulher.

Sangue jorrou como uma cortina líquida. Vermelho e brilhoso. A Senhora sorriu.

— Admirável, querida. Um belo colar carmesim combina com minha pele.

O sorriso se transformou em esgar, e dentes afiados mergulharam no pescoço de Serina. Não houve dor. A sensação foi extasiante. Naquele momento, entregue à carícia das mãos e ao prazer da mordida da Senhora, Serina perdoou Valken. Era impossível resistir a ela.

AGRADECIMENTOS

Essa é a parte difícil da escrita, abarcar todos os responsáveis por uma publicação e encontrar as palavras para agradecê-los. Muita gente precisa trabalhar duro para um livro nascer, além do escritor que, na verdade, fica com a parte mais simples do trabalho. Salvo pelos agradecimentos, é claro.

Dessa vez, vou começar pelos leitores. Este livro existe para vocês e, se chegaram até aqui, têm minha gratidão eterna.

Também quero agradecer a Ana Carolina, meu amor de agora e sempre, pelo apoio e por me aturar por tantos anos. Sei que é difícil.

À equipe Virafolha, começando por Rafael Andrade e Thiago Borba, por realizar meus sonhos e imaginar projetos que eu jamais poria de pé sozinho. A Leona Volpe, que transformou minhas histórias em algo verdadeiramente especial através do trabalho como ilustradora. A Vinícios Lombardi, meu editor neste livro, pela dedicação. A Vinicius Campos, revisor que já trabalhou comigo em outros textos, e faz um trabalho excelente. A Rafael Souza, pelo maravilhoso trabalho com os mapas de todos os livros que já publiquei até agora.

Aos muitos leitores beta, que se deram ao trabalho de ler versões inferiores desses contos para que você, leitor final, pudesse apreciar histórias mais completas. Em especial, a Sérgio

Manhães, Pedro Fontes, Victor Gustavo, Pedro P. R., Leandro Machado e Rafael Jaworski, por fazerem esse trabalho repetidas vezes sem enlouquecer.

NOTA SOBRE A EDIÇÃO

Iniciar uma jornada nem sempre se apresenta como uma tarefa fácil, principalmente quando não se espera por ela. O que nos faz começar uma aventura? Nos arriscamos? Dedicar tempo a um desafio que parece ser maior que nós mesmos?

Mas quando resolvemos dar o primeiro passo os resultados saltam aos nossos olhos, este livro é uma prova maravilhosa de que vale a pena se arriscar. Noltora é uma terra repleta de novas e incríveis histórias, nos convidando incessantemente a mergulharmos em suas aventuras e por ela o risco é válido!

Relatos da Ruína tem muito significado, é o reflexo da perseverança e acima de tudo da amizade e confiança. M. P. Neves nos surpreende com sua escrita hábil, com a maneira que nos apresenta esse mundo caótico, com bruxas e carnicais, necromantes e ladrões, toda uma gama de personagens cativantes, ambientações sombrias e misteriosas; como estou feliz com esta obra! Só posso dizer apenas, obrigado!

Rafael Andrade

LIVROS DESTE AUTOR

A Ruína De Noltora I - Máscaras Para Os Mortos

Máscaras para os Mortos é uma fantasia sombria. Uma história onde a magia e o horror caminham lado a lado. Em um continente devastado por um cataclismo mágico, nações fragilizadas lutam para se reerguer, enquanto forças ocultas entram em rota de colisão pelo domínio dos restos de uma terra arrasada.

Hakim, um jovem guerreiro, foi escolhido pelos altos sacerdotes para ocupar o lugar do Deus-Rei de Var Khalad. Vestindo a armadura e as máscaras de um deus morto, ele precisa defender o império contra monstros anfíbios conhecidos como abissais. Aos poucos, percebe que a maior ameaça a seu povo talvez venha dos próprios sacerdotes.

Moira, uma jovem dos clãs bárbaros do Povo das Cinzas, perdeu tudo o que amava para o fogo divino de Var Khalad. Em sua busca por vingança, ela encontra o poder da necromancia. Estaria disposta a pagar o preço que ele exige?

Na encruzilhada entre os caminhos de Moira e Hakim, repousa o destino de um continente.

A Ruína De Noltora II - Asas Sob O Abismo

Para debelar a conspiração que ameaçava seu império, Hakim eliminou seus altos sacerdotes. Nem mesmo Rasser, seu mentor e velho amigo, escapou ao julgamento divino. O peso do império sobre seus ombros nunca foi tão grande, mas Hakim não será esmagado. Defenderá Var Khalad até o amargo fim.

Moira dos Brunehald agora lidera seu próprio bando de guerreiros bárbaros. Seu poder necromântico floresce a medida que se aproxima da fronteira imperial, e suas sombras inquietas uivam por vingança.

Ambos trilharam caminhos tortuosos. Seu encontro abalará as fundações de Noltora para sempre.

www.editoravirafolha.com.br

[@editoravirafolha](mailto:editoravirafolha@editoravirafolha.com.br)

[@mpneves autor](mailto:mpneves@editoravirafolha.com.br)

Viva novas aventuras